

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO OESTE DO PARANÁ
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS - CCH
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA - NÍVEL DE MESTRADO

ROBERTO CARLOS RECH

**OS PRINCÍPIOS DA EDUCAÇÃO GEOGRÁFICA PARA ÉLISÉE RECLUS: UMA
CONTRIBUIÇÃO À HISTÓRIA DO PENSAMENTO GEOGRÁFICO**

FRANCISCO BELTRÃO

2016

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO OESTE DO PARANÁ
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS - CCH
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA - NÍVEL DE MESTRADO

ROBERTO CARLOS RECH

**OS PRINCÍPIOS DA EDUCAÇÃO GEOGRÁFICA PARA ÉLISÉE RECLUS: UMA
CONTRIBUIÇÃO À HISTÓRIA DO PENSAMENTO GEOGRÁFICO**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação – Geografia, da Universidade Estadual do Oeste do Paraná, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Geografia.

Orientador: Professor Fabrício Pedroso Bauab

FRANCISCO BELTRÃO

2016

Catálogo na Publicação (CIP)
Sistema de Bibliotecas - UNIOESTE – Campus Francisco Beltrão

Rech, Roberto Carlos
R296p Os princípios da educação geográfica para Élisée Reclus:
uma contribuição à história do pensamento geográfico. /
Roberto Carlos Rech. – Francisco Beltrão, 2016.
122 f.

Orientador: Prof. Dr. Fabrício Pedroso Bauab.
Dissertação (Mestrado) – Universidade Estadual do Oeste
do Paraná – Campus de Francisco Beltrão, 2016.

1. Geografia - Estudo e ensino. 2. Natureza. 3. Homem. I.
Bauab, Fabrício Pedroso. II. Título.

CDD 20. ed.– 910.7

Sandra Regina Mendonça CRB – 9/1090

UNIVERSIDADE ESTADUAL DO OESTE DO PARANÁ
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS – CCH
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA – NÍVEL DE MESTRADO

DISSERTAÇÃO DE MESTRADO

OS PRINCÍPIOS DA EDUCAÇÃO GEOGRÁFICA PARA ÉLISÉE RECLUS: UMA
CONTRIBUIÇÃO À HISTÓRIA DO PENSAMENTO GEOGRÁFICO

Autor: Roberto Carlos Rech

Orientador: Prof. Dr. Fabrício Pedroso Bauab

Este exemplar corresponde à redação final da
Dissertação defendida por Roberto Carlos Rech e
aprovada pela comissão julgadora.

Data: 04/03/2016

Roberto Carlos Rech
Roberto Carlos Rech

Comissão Julgadora:

Fabrício Pedroso Bauab
Prof. Dr. Fabrício Pedroso Bauab (UNIOESTE – F.B)

Luciano Zanetti Pessoa Candiotto
Prof. Dr. Luciano Zanetti Pessoa Candiotto (UNIOESTE –
F.B)

Antônio Carlos Vitte
Prof. Dr. Antônio Carlos Vitte (UNICAMP)

Eduardo Donizeti Giróto
Prof. Dr. Eduardo Donizeti Giróto (USP)

FRANCISCO BELTRÃO

2016

A meu *nonno paterno* Primo Rech
A meu *nonno materno* Antonio Cortivo

AGRADECIMENTOS

E passaram-se dois verões...

Um momento aguardado... que se inicie o fervilho!

Procuo eleger os verbos cuidadosamente para compor esse ligeiro instante, a que não quis ausentar-me, sublinhado com o nome de *agradecimento*.

Esse espaço é onde posso reconhecer pessoas importantes em minha vida e que, de alguma forma, contribuíram para essa pesquisa.

Primeiramente agradeço a minha família, meus pais e irmãos.

Agradeço ao professor Fabrício Pedroso Bauab, que durante esse período foi meu orientador do mestrado; um grande amigo.

A minha banca de qualificação, aos professores e amigos, Luciano Zanetti Pessoa Candiotto, Eduardo Donizeti Giroto e Alexandre Domingues Ribas. Agradeço por suas valiosas contribuições no exame parcial. Apontamentos provocativos que conduziram-me a repensar e reavaliar pontos fundamentais dessa pesquisa. Ao professor Antonio Carlos Vitte, por participar da banca de defesa e trazer preciosíssimas considerações.

Aos meus amigos: Rogério, Nicolas, Thiago, Hernani, Marcos, Edimar, Cristian, Leonardo, Gustavo, Moa, Israel, Balbinotti, Adriano, Paulo, Mello, Raí.

As minhas amigas: Ritiéli Pires, Camilla Poisk, Letícia Zancanaro, Dani Savaris, Mafer Lopes, Mafer Macanhão, Ana Cassia, Georgia Fritz, Priscila Figueredo, Patrícia Fernandes, Renata Almeida, Marília Ponciano.

Aos professores do curso de Geografia da Unioeste, de forma especial aos do GPEG.

Às professoras, minhas amigas Fátima, Sonia, Ione, Márcia e Andréia.

Ao professor, meu amigo Jacques Moinaux, por suas lições de francês.

A fumaça inebriante que acompanhou-me como a sombra. Nem só de pão vivo, mas de cerveja barata também. Às vezes me parece que mais de cerveja. Dessa forma, agradeço as boas risadas, conversas no bar, perenes doses de *bière* que regaram essa pesquisa do primeiro ao último dia de seu esboço.

“Um brinde, um brinde ao aqui e ao agora” (um brinde kantiano!).

Eu celebro a mim mesmo.
E o que eu assumo, você vai assumir,
Pois cada átomo que pertence a mim pertence a você.

Vadio e convidado minha alma,
Me deito e vadio à vontade observando uma lâmina de grama de verão.

Casas e quartos se enchem de perfumes as estantes estão entulhadas de perfumes,
Respiro o aroma eu mesmo, e gosto e o reconheço,
Sua destilação poderia me intoxicar também, mas não deixo.

A atmosfera não é nenhum perfume não tem gosto de destilação é inodoro,
É pra minha boca apenas e pra sempre estou apaixonado por ela,
Vou até a margem junto à mata sem disfarces e pelado,
Louco pra que ela faça contato comigo,

A fumaça de minha própria respiração,
Ecos, ondulações, zum-zuns e sussurros ... raiz de amaranto, fio de seda, forquilha e videira,
Minha respiração minha inspiração a batida de meu coração passagem de sangue e ar
por meus pulmões,
O aroma das folhas verdes e das folhas secas, da praia e das rochas marinhas de cores escuras,
e do feno na tulha,
O som das palavras bafejadas por minha voz palavras disparadas nos redemoinhos de
vento,
Uns beijos de leve alguns agarros o afago dos braços,
Jogo de luz e sombra nas árvores enquanto oscilam seus galhos sutis,
Delícia de estar só ou no agito das ruas, ou pelos campos e encostas de colina,
Sensação de bem-estar apito do meio dia a canção de mim mesmo se erguendo da cama
e cruzando com o sol.

Você achou mil acres um exagero? Achou a terra um exagero?
Praticou bastante até aprender a ler?
Sentiu orgulho de entender o sentido dos poemas?
Fique este dia e esta noite comigo e você vai possuir a origem de todos os poemas,
Vai possuir o que há de bom da terra e do sol sobram milhões de sóis,
Nada de pegar coisas de segunda ou de terceira mão nem de ver através dos olhos dos
mortos nem de se alimentar dos espectros nos livros,
E nada de olhar através dos meus olhos, nem de pegar coisas de mim,
Você vai escutar todos os lados e filtrá-los a partir de seu eu.

Ouvi o que os falastrões falavam a fala do começo e do fim,
Mas não estou falando nem de fim nem de começo.

Nunca existiu mais princípio do que este agora,
Nem mais juventude nem velhice do que esta agora;
Nem vai existir mais perfeição do que já existe agora,
Nem mais céu ou inferno do que existe agora.
(Trecho de *Folhas de Relva* de WHITMAN)

RESUMO

O geógrafo francês Élisée Reclus (1830-1905) possui reconhecida obra geográfica, sendo a principal, a que representa a síntese de seu pensamento, *L'Homme et la Terre* (1905-1908). O conjunto de sua obra, manifesta a importância da Geografia como saber científico, importante para interpretação e transformação da realidade. Dentre as inúmeras temáticas mencionadas em sua obra, nos atemos a um ponto em especial, resumido na seguinte questão norteadora dessa pesquisa: quais são os princípios da educação geográfica para Élisée Reclus? O aludido autor não esboçou uma proposta de ensino de Geografia, de educação geográfica. Ainda assim, nos é permitido, em sua obra, identificar quais são os *princípios* quanto a esse tema, divulgados pelo autor. Princípios esses que estão apoiados em sua interpretação da Natureza, a qual divulga uma ideia de unidade entre Natureza-Homem. Um último esforço se dá em torno de pensarmos a importância, limites e dificuldades de avaliarmos tais princípios em nosso ensino de Geografia atual. É isso possível?

Palavras chave: Élisée Reclus; Educação geográfica; Natureza-Homem.

Les principes de l'éducation géographique pour Élisée Reclus: une contribution à l'histoire de
la pensée géographique

RÉSUMÉ

Le géographe français Élisée Reclus (1830-1905) possède une oeuvre géographique reconnue dont le livre principal représente la synthèse de sa pensée, *L'Homme et la Terre* (1905-1908). L'ensemble de son oeuvre, manifeste l'importance de la géographie comme savoir scientifique, importante pour l'interprétation et la transformation de la réalité. Parmi les nombreuses thématiques mentionnées dans son oeuvre, nous nous sommes attachés à un point spécial, résumé dans la question orientée de cette recherche: quels sont les principes de l'éducation pour Élisée Reclus? L'auteur mentionné n'ébauche pas une proposition d'enseignement de la géographie, de l'éducation géographique. Même ainsi, il nous est permis d'identifier dans son oeuvre quels sont les principes en relation à ce thème, divulgués par l'auteur. Ces principes-là qui s'appuient sur son interprétation de la Nature, qui divulgue une idée d'unité entre Nature-Homme. Un dernier effort s'est fait autour de la réflexion sur l'importance, les limites, les difficultés de l'analyse de tels principes dans l'enseignement actuel de la Géographie. Est-ce possible?

Mots-claire: Élisée Reclus; Education géographique; Nature-Homme.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	10
1. OS PRINCÍPIOS DA GEOGRAFIA PARA ÉLISÉE RECLUS	15
A) O PROJETO CIENTÍFICO DE ÉLISÉE RECLUS: UM ACENO LIBERTÁRIO	20
B) A IDEIA DE NATUREZA PARA ÉLISÉE RECLUS	56
2. OS PRINCÍPIOS DA EDUCAÇÃO PARA ÉLISÉE RECLUS	67
3. OS PRINCÍPIOS DO ENSINO DA GEOGRAFIA PARA ÉLISÉE RECLUS.....	67
CONSIDERAÇÕES	109
REFERÊNCIAS	113

INTRODUÇÃO

Ouso fazer tudo o que faz um homem, não o seria se eu fizesse mais. SHEAKESPEARE
(1997)

Só falam em esquecê-los, aqueles que jamais os conheceram. THOREAU (1984)

Registramos iniciais versos nessa primeira branca folha de papel, que começa a esboçar autoridade, ao menos alguns contornos. As ligeiras editadas linhas que seguem, traduzem reflexões, algumas provocações, tecidas demoradamente. “Não tenho pressa: não a têm o sol e a lua. Ninguém anda mais depressa do que as pernas que têm. Se onde quero estar é longe, não estou lá num momento” (PESSOA, 2005, p. 169).

Esboçamos um ensaio de epistemologia e ensino de Geografia. Apoiamos um diálogo entre esses dois caminhos, para que concentrem em um só e, contribuam na ciência geográfica e seu ensino, desta com o mundo. Um anseio demasiado pretensioso, longínquo de se alcançar aqui, mas um início, ainda que incipiente.

Leia-se bem, estreitamente e não estritamente. Cada sílaba que compõe essas páginas está estreitamente unida à proposta desse texto: discutir os princípios da educação geográfica, para o geógrafo francês Élisée Reclus (1830-1905). Um último sopro se dá em torno de aventarmos a importância de pensarmos tais princípios em nosso ensino de Geografia atual. É, isso possível?

Por que pensar em possibilidades? É esse um indício de quem não se acomoda com os caminhos que nos são apresentados, do qual fazemos parte? Atemos a discutir possibilidades que orientem uma educação geográfica que se aproxime de um mundo mais humanizado, próximo de uma emancipação social; que proponha uma ressignificação da relação Natureza-Homem¹, mais responsável, de nossa parte.

Isso nos leva a desenhar críticas ao projeto de educação geográfica atual (burguês), que parte dos seguintes pressupostos:

a) o ensino da geografia centralizado na escola, entre seus muros, revelando uma barreira entre o que é aprendido na sala de aula e a vida real (dicotomia escola-vida);

¹ Por opção teórico-metodológica, nesta pesquisa usamos o termo *Natureza-Homem*. Essa é uma provocação para reavaliarmos o significado dessa relação, fundante da Geografia como saber científico, e revelarmos novas interpretações.

b) a perpetuação da dicotomia Natureza-Homem, nos conduz a assumir uma posição (responsabilidade individual e coletiva) despreocupada com o mundo que nos circunda.

Ao leitor pedimos, como quem educa observar e, mais que isso, se permitir sentir provocado pela seguinte imagem (figura 1).

Figura 1: A escola faz o resto...



Fonte: Adaptado de Sobreira (2009, p. 84)

Divulga uma interpretação: ilustração descontente que a posição de quem a editou o permite. A charge ilustra a direção que a educação vem tomando nos últimos anos. Quando afirma, “todos esperamos agora que a escola faça o resto”, exaustivamente se coloca a escola como central na formação da criança, do sujeito, que vê seu florescimento orientado a um caminho singular, entre quatro paredes de uma sala de aula, secundarizando-se em pensar na diversidade de possibilidades, como realizadores da educação (geográfica e nas diversas áreas do saber).

Isso significa, que toda e qualquer escola caminha pelos mesmos rumos por nós apontados, na figura ilustrado? A multiplicidade de possibilidades de construção de escola não permite tal afirmação. A infinidade de caminhos, de escolas concretas, revelam frentes de resistência. Admitimos que a imagem traduz uma concepção de escola meramente abstrata,

desconexa de uma realidade concreta particular. Alertamos: adotamos tal pressuposto para projetarmos provocações. Não se trata de negar a escola, enquanto instituição estatal, quiçá pública² presente nos nossos dias; partimos dela.

Foi ao folhearmos o caderno de nosso irmão menor, na idade de seis anos, portanto frequentando o primeiro ano do ensino fundamental básico, contemplamos uma imagem, que uma experiência revelou, um indicativo a ser reavaliado. Tal imagem (figura 2) traduz um dos pontos fundantes da discussão a ser realizada nesse trabalho. Ela revela qual a ideia de Natureza que é a predominantemente divulgada em nossas salas de aula, desde a mais tenra idade, lembrem-se de que esse é um pressuposto.

Figura 2: Exemplo de concepção de Natureza-Homem divulgada em escola de educação infantil



Fonte: Arquivo do autor (2015)

A imagem traz uma conceituação dicotômica e utilitarista da Natureza, na qual o Homem não está inserido, ou seus produtos, estes resultantes da relação com a própria Natureza. “Quando falamos da natureza, não falamos só das coisas, ou dos bichos, das

² Pressupõe-se que a escola pública seja construída sobre base frutos de discussão populares, ou seja, pelo interesse público. Uma escola constantemente revisitada e reavaliada pela comunidade da qual faz parte. A escola estatal, não deixa de ser pública, no sentido de ser para todos, todavia, quem a constrói não é necessariamente (na verdade raramente) o interesse público, e sim, por quem dirige o Estado, que aponta quais serão os rumos que a mesma deve seguir.

plantas, dos rios, das montanhas, etc., mas também da maneira como vemos essas coisas, em particular integradas a um conceito que nós criamos: a totalidade a que nós chamamos Natureza” (CARVALHO, 1990, p. 14). Sem Homem, não haveria nem a ideia de Natureza.

O cosmos, fauna, flora, “tudo isso faz parte da natureza”. Porém, realizar um ensino (remarcar na memória) na criança que começa a compreender o mundo, em que os produtos da ação humana - como o representado guarda sol - e de que o próprio Homem “não fazem parte da natureza”, não acena mais do que uma futura (e presente) possível relação de despertencimento e desencanto do Homem em relação à Natureza.

Se admitimos que os princípios para construção da educação geográfica se realizam na relação de pertencimento do Homem à Natureza, assumindo responsabilidade nas ações coletivas e individuais, que se constroem da relação com o mundo, o que assistimos em nossos dias é a aproximação do inverso.

Nossos pressupostos iniciais são fruto de uma construção, resultado desencadeado de nossa pouca experiência de mundo, e mais, de nossa atuação docente como participante do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID)³. A participação em um subprojeto do PIBID, no curso de Licenciatura em Geografia, pela Unioeste (Francisco Beltrão), dos anos de 2011 a 2013, nos tencionou, em contato com a escola, sua realidade concreta, nem sempre convergente com a realidade teorizada, com a escola ideal, apresentada nos textos em nossa formação docente inicial. Provocados por tal experiência, reconhecemos a fragilidade de nossas discussões, de nossos belos discursos, quando colocados para enfrentar e dialogar com educandos reais, em escolas com problemas e condições reais. A experiência do PIBID nos provocou a começarmos a pensar outras propostas de educação, apoiadas na área do conhecimento que, a saber, assumimos, a Geografia, para darmos continuidade e reforçarmos nossa posição política de mundo, que, em tese, se aproxima de um olhar e ação emancipatórios. Apesar de, em outro momento histórico, segunda metade do século XIX, Élisée Reclus tece ideias que podem aproximar essa direção: pensar uma educação geográfica que nos provoque a reconhecermos novas formas de nos relacionar com o mundo.

Um registro: Reclus não propôs um particular projeto de educação geográfica. Apesar de que com ligeiros escritos acerca do ensino da Geografia, palavras acerca da escola que figurava sua época e contexto social, a Europa Ocidental, não divulgou um plano de como

³ “O Pibid é um programa da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes) que tem por finalidade fomentar a iniciação à docência, contribuindo para o aperfeiçoamento da formação de docentes em nível superior e para a melhoria da qualidade da educação básica pública brasileira” (BRASIL, 2013).

orientar a Geografia em sala de aula, ainda que tenha esboçado algumas notas. A eminente preocupação em suas obras é discutir a Geografia como saber e como ciência.

O que nos é permitido a partir de parcela de sua obra⁴ - que se encontra quase que totalmente no idioma original francês - identificarmos quais são os princípios que norteiam sua concepção de *educação*, de *Geografia* e de seu *ensino*. Nosso desafio é a, partir de tais princípios, reconhecermos e avaliarmos o potencial, e quais podem fundamentar a educação geográfica, para Reclus.

A questão que tentamos responder no final dessa pesquisa é: quais são os princípios da educação geográfica para Reclus? E, como pensá-los contemporaneamente?

Com essa pesquisa não queremos mais que avançar um sopro adiante.

⁴ Obras de Élisée Reclus que utilizamos nesta pesquisa estão disponíveis on-line: Biblioteca Gallica (França) e no Internet Archive (EUA). Outras, em bibliotecas: Biblioteca Florestan Fernandes; Biblioteca Terra Livre; Biblioteca Mário de Andrade; Biblioteca da Faculdade de Direito da USP; Biblioteca Marcos Reisdorfer (Unioeste-Francisco Beltrão). Fragmentos de sua obra vêm sendo traduzidos para o português. Destacam-se: Plínio Augusto Coêlho (Editora Imaginário) e os esforços da Biblioteca Terra Livre. Nessa pesquisa assumimos a intencionalidade (visto se tratar de tradução, e um termo pode ter mais de um possível significado) e leitura dos originais, mesmo que façamos paralelo com traduções.

CAPÍTULO 1

OS PRINCÍPIOS DA GEOGRAFIA PARA ÉLISÉE RECLUS

[...] eu sou um homem da natureza, um homem da natureza. RECLUS (1911)

O homem tem suas leis como a Terra. RECLUS (1894)

O desenvolvimento do homem está em perfeita harmonia com as leis da Terra?
RECLUS (1894)

Para Élisée Reclus, podemos comparar a vida da humanidade à de um rio.

No livro *Histoire d'un ruisseau* (1869), Reclus escreve sobre a história de um rio, de sua nascente a foz. Interpreta o curso de um rio em sua dimensão física, mas não somente: o Homem faz parte da narrativa desse livro. Nele, manifesta como vê legisladores, “[...] logo transformados em opressores da humanidade” (RECLUS, 1869b, p. 9, tradução nossa): dedica nas entrelinhas a expressar sua análise da sociedade, por meio de visão libertária, divulgando assim, sua posição de comunista libertário.

Nesse texto, apresenta sua profunda admiração pelos rios, pelo prazer que podem proporcionar, pela vida que carregam, pelas memórias que ilustram, logo, compara-os à vida da humanidade. Um rio, que nasce nas montanhas, segue seu curso. Reclus, compara a vida dos homens a de um rio quando fala: “O mesmo que o homem, considerado isoladamente, a sociedade em conjunto pode comparar-se com a água que corre” (RECLUS, 1869b, p. 315, tradução nossa).

Imaginemos um rio que nasce lentamente ao sopé de uma montanha. Suas águas puras, cristalinas, aparecem naturalmente, começam a receber depósitos minerais, vegetais, animais. Sua composição muda conforme recebe alcances exteriores, o calor do sol. O perene ciclo da água faz com que a vida do rio seja renovada. As águas que nascem devagar, ganham corpo e volume, ilustram contornos de rio, dão condições de vida por onde passam.

As incipientes águas, que correm em vales desenhados por forças do interior da terra, pela ação dos ventos, de águas precedentes e da ação do homem, ganham importância. O pequeno e aparente insignificante rio sofre transformações. Está imerso em uma bacia hidrográfica. Reúne-se a outros formando um único. Conforme suas águas pisam por

quilômetros, as paisagens se transformam, as rochas não são as mesmas, os homens e mulheres não são os mesmos, as vidas se refazem: ele é contemplado.

Apesar das barreiras criadas pelo Homem para impedir a passagem das águas, elas teimam todas a seguir para um mesmo lugar, onde juntas formarão um único e grandioso corpo. O rio guarda experiências, mas adormece ao abraçar o mar, onde confluem todos os rios. Suas águas agora confundem-se umas com as outras, porém ganham nova vida, dessa vez coletiva. Aguardam-se novas águas, que caminham no leito dos mesmos rios, empreitada nunca derradeira.

Assim também acontece essa transformação com a vida humana. Reclus insiste na comparação da vida humana ao rio. Pergunta-se se pergunta se a grande sucessão das águas não pode ser a imagem da vida: “Semelhantes ao rio que se afasta, nós mudamos a cada instante; nossa vida se renova de minuto a minuto e, se nós cremos permanecer os mesmos, isto não passa de uma pura ilusão de nosso espírito” (RECLUS, 1869b, p. 315, tradução nossa). Para Reclus “[...] os povos se mesclam uns aos outros como os riachos entre si, os rios com os rios; tarde ou cedo não formarão mais que uma só nação; o mesmo que todas as águas de uma mesma bacia concluem por confundir-se em um mesmo rio” (RECLUS, 1869b, p. 316-317, tradução nossa).

Manifesta: “[...] pobres loucos esses que ordenam para o mar recuar!” (RECLUS, 2002, p. 117); espera que a humanidade, “chegue ao mar”, aqui representado por uma sociedade sustentada nos princípios da solidariedade e liberdade. Essa analogia da vida humana a um rio, está naquilo que, otimista, acredita de que a humanidade conforme avança, na sucessão das idades, por mais que se entenda esse movimento lento e esse momento distante, aprenda associar-se livremente e: “[...] a humanidade dividida até aqui em correntes distintas, não será mais do que um mesmo rio, e reunidos em uma só corrente, descenderemos juntos até o imenso mar onde todas as vidas vem a se perder e se renovar” (RECLUS, 1869b, p. 317, tradução nossa).

Adverte: “[...] desiguais pelo volume e pela paisagem que as envolvem, as nascentes possuem também uma grande diversidade em seu conteúdo de substâncias minerais, pois por mais pura que a água da fonte pareça ao nosso olhar [...]” (RECLUS, 1869b, p. 103-104, tradução nossa), para além da combinação de dois corpos químicos, ela está empoeirada, possui substâncias de diferentes naturezas rolando em seu leito, ou dissolvidas no corpo líquido e transparente como ela; as nascentes provenientes de rochas de mica, são diferentes daquelas de calcário (RECLUS, 1869b).

Os rios, certamente são diversos, assim como os homens, mas convergem todos para um mesmo local, onde encontrarão a harmonia das águas, o mar. Para Reclus, as ideias de um mundo mais humanizado nascem quase invisíveis, incipientes, como o rio ao sopé de uma montanha, mas ganham corpo e importância. Reúnem-se em cabeças, corações e braços. Avançam juntas para um mesmo destino, aqui o de uma sociedade erguida nos princípios da liberdade e solidariedade - posição provavelmente com inclinação ao anarquismo-comunismo, que jovem conheceu, assumido na maturidade intensamente.

Reclus se posiciona ao lado dos oprimidos, da classe trabalhadora. Luta, contra as diferentes formas de autoridade institucionalizada. Timidamente, investe em seus escritos a analisar a luta de classes, inerente ao modo de produção capitalista, estabelecido a partir da autoridade e da liberdade, distribuídas diferentemente entre as classes sociais. Denuncia a sociedade que avalia, a apropriação da riqueza, dos produtos que a humanidade produz e, do que a Natureza oferece, é dividida desigualmente entre os homens.

A dupla Revolução Burguesa e o advento do modo de produção capitalista acenaram para a multiplicação de fábricas e para a imensa diversidade de produtos a que se pode ter acesso. Apareceram benefícios ao Homem, mas não somente avanços. A vida se torna rígida; o caminho a se trilhar parece de mão única; as diferentes perspectivas são ostracizadas em detrimento de uma: a que a classe opressora (burguesa) acena. Na indústria moderna, “[...] como em qualquer outro fenômeno histórico, as consequências da evolução fazem-se sentir em progresso e retrocesso” (RECLUS, 1905, t. IV, p. 324, tradução nossa).

Reclus mostrou, no estudo de “[...] casos específicos, a miséria, que se propagava nas cidades industriais à proporção que elas cresciam e que os camponeses vindos do meio rural se acumulavam em seus arredores, em condições miseráveis” (ANDRADE, 1985, p. 19). Denunciou que o progresso não alcançava a todo homem e a toda mulher de forma igual, mas que os produtos da evolução da humanidade eram distribuídos e apropriados em sentido antagônico na sociedade de classes. Reclus analisou aspectos contraditórios do progresso que, trazendo benefícios à classe opressora - privilegiada -, divulga miséria e desumanização às populações pobres e a países explorados.

Esclarece que perante o progresso, “[...] foram acompanhadas as inaugurações de todas as fábricas industriais com seus anexos de cabarés e hospícios! É verdade, a indústria trouxe reais progressos em seu cortejo, mas com qual escrúpulo importa criticar os detalhes dessa grande evolução” (RECLUS, 1905, t. VI, p. 503, tradução nossa)! Reclus salienta que nenhum outro animal da face da Terra, possui algo próximo de nossas fábricas; que agregue e degrade tanto a humanidade ao mesmo tempo (RECLUS, 1985).

Reforça: “[...] incalculáveis são as riquezas com que a fábrica há enriquecido a humanidade” (RECLUS, 1869b, p. 258, tradução nossa); também são “[...] numerosos produtos que saem das fábricas [...] e que, não alcançam a todos os homens, deixando na mais negra miséria aos que os produz” (RECLUS, 1869b, p. 258, tradução nossa).

Reclus aponta: “[...] na grande família da humanidade, a fome não é unicamente o resultado de um crime coletivo, é ainda um absurdo, pois os produtos ultrapassam duas vezes às necessidades do consumo” (RECLUS, 2002, p. 73). “É em sentido oposto ao trabalho que são distribuídos os produtos do trabalho. O ocioso tem todos os direitos, mesmo aquele de causar a fome em seu semelhante, enquanto o trabalhador nem sempre tem o direito de morrer de fome em silêncio” (RECLUS, 1889, p. 153, tradução nossa).

Reclus expõe o seu repúdio a essa:

[...] sociedade injusta, onde tudo é baseado na desigualdade e na monopolização, onde só o dinheiro dá o pão, nós somos todos, sem exceção, obrigados a viver em pleno roubo, seguindo as condições que nos faz existir. Como lobos furiosos, nós disputamos a ração diária as custas dos mais fracos; cada pedaço de pão que comemos é arrancado de outro necessitado e carrega alguma mancha de sangue (RECLUS, 1925, p. 97, tradução nossa).

Escreve Reclus: “Quanto a mim, eu corto-me a língua antes de uivar com os lobos quando eles saem na caça” (RECLUS, 1925, p. 147, tradução nossa); procura esclarecer, sua posição: espera uma sociedade livre, harmônica, ainda que admita que o dia de sua realização estivesse distante. Avalia a sociedade, e os homens que a ela dão vida, assim:

[...] é fora deste estado horrível de sociedade que orientamos nossa vida, compreendemos, esclarecemos mesmo as misérias e as vergonhas que determinado indivíduo pode ser conduzido; nós buscamos, antes de tudo, encurtar este período hediondo de desperdício e de corrupção que precede o advento de uma sociedade harmônica. Quanto mais fizermos sacrifícios pessoais para a nossa causa, mais inspiraremos camaradas para nosso destino mútuo; mais confiaremos na frente de nossos inimigos, mais o dia de nossa libertação estará próximo (RECLUS, 1925, p. 97-98, tradução nossa).

A grande questão [...], é pão, ou seja, a propriedade. Seja qual for o tema tratado em aparência, isso é o que nos move. Nós nos alegramos. Seria cego para não ver que grandes mudanças sociais estão sendo preparadas, e nunca é cedo demais para se preparar [...]. O propósito da próxima revolução é assegurar a igualdade, suprimir o privilegio da vida material e da vida intelectual para realizar um direito que pertença a todo homem, e cessar o terrível antagonismo entre patrões e assalariados, entre burguês, operário e agricultor, que paralisam as forças da sociedade (RECLUS, 1925, p. 62-64, tradução nossa).

Uma primeira interpretação dos versos de Reclus (provocativos, demasiadamente utópicos, repletos de esperança), leva ao exagerado contraste entre seu desejo para as

seguintes gerações e o que, de fato, se realizou. Reconheça-se, conforme Reclus, que foram muitos os progressos se levarmos em conta o conjunto da civilização, porém, alertava naquele momento: “[...] uma multidão entre nós, deserdada ainda, vive nos esgotos saídos dos palácios de seus irmãos mais venturosos; milhares e milhões de indivíduos entre os civilizados habitam porões e outros redutos úmidos, grutas artificiais [...] insalubres” (RECLUS, 1869b, p. 68-69, tradução nossa). Com a chegada do capitalismo e o esfacelamento das populações em classes com interesses divergentes, um objetivo comum, fica a serviço de uma única classe, insistindo no interesse de uma minoria.

Reclus vê um mundo, ao seu redor, em que, na luta pela existência: “[...] corremos atrás da fortuna que iremos conquistar, direta ou em detrimento de nossos semelhantes” (RECLUS, 1869b, p. 261, tradução nossa); pergunta esperançoso: “Seremos sempre inimigos uns dos outros? Os ricos revogam eternamente o direito de oprimir aos pobres, e estes à sua vez condenados à miséria não cessaram de contestar o desprezo com o ódio e a opressão com o furor? Não, não será sempre assim” (RECLUS, 1869b, p. 262, tradução nossa).

Torna-se, assim, manifesta a sua ideia de progresso: “[...] estudando com calma a marcha da história vemos o ideal de cada século convertendo-se na realidade do século seguinte, vemos o sonho do utopista adquirir forma precisa, para fazer-se necessidade social na vontade de todos” (RECLUS, 1869b, p. 262, tradução nossa). Essa mudança é lenta, exige insistência, ação direta, colocar do lado dos oprimidos a educação e a ciência; essa tão esperada “[...] evolução se faz no cérebro, e são os braços que fazem a revolução” (RECLUS, 1889, p. 154, tradução nossa).

Como Reclus, desejamos: “[...] a conquista do pão, a conquista da instrução e a moralidade para todos” (RECLUS, 1894b, p. 494, tradução nossa); conquista! O geógrafo, que procurou dar fundamento científico ao ideal anarquista (CODELLO, 2007), humanizou o anarquismo, acredita e insiste:

Que infinita alegria entre todas as abelhas no trabalho da edificação e do aprovisionamento de uma colmeia da qual nenhum parasita viria roubar o mel! Quanta fraterna felicidade em coordenar seus esforços para a criação de um belo organismo no qual cada um tem sua parcela de trabalho pessoal e consagra sua existência à realização de uma obra perfeita, detalhe harmônico de um conjunto que convém a todos. É que o objetivo social terá mudado por completo (RECLUS, 1905, t. VI, 491, tradução nossa).

Encontra na educação e na ciência os pilares mestres para tal obra. “Não aceitamos verdade promulgada: fazemo-la nossa, antes de mais nada, pelo estudo e pela discussão, e aprendemos a rejeitar o erro, tivesse ele mil selos de garantia e certificados” (RECLUS, 2002,

p. 36). E quando “[...] a ciência tudo esclarecer [...] então nós poderemos desfrutar da plenitude de nossos dias e prolongar nossa existência até seu término natural, contanto que nosso estado social não continue sendo o de nos odiarmos e nos matarmos uns aos outros” (RECLUS, 1869b, p. 117, tradução nossa). Para combater, é preciso saber: “É nas cabeças e nos corações que as transformações devem realizar-se, antes de estender os músculos e transformar-se em fenômenos históricos” (RECLUS, 2002, p. 45).

Evoca Reclus: “Associamo-nos uns aos outros como homens livres e iguais, trabalhando em uma obra comum, regulando as nossas relações mútuas pela justiça e pela benevolência recíproca” (RECLUS, 1889, p. 155, tradução nossa); tomemos “o mundo por pátria” (RECLUS, 1889). Nos parece pertinente evocar suas palavras: “Nós somos revolucionários porque queremos a justiça e porque, por toda a parte, vemos a injustiça reinar ao nosso redor [...]. Contra a injustiça nós convocamos à revolução” (RECLUS, 1889, p. 153, tradução nossa).

Nessa discussão inicial, apontamos alguns elementos do projeto de sociedade defendido por Reclus, assumindo suas palavras, que seguem: “Se seremos bem sucedidos ou não, pouco importa, nós seremos ao menos os interpretes da voz interior” (RECLUS, 1911, t. II, p. 171, tradução nossa).

Reclus dedicou seu tempo em divulgar ideias para construir uma ciência e educação que edificassem um mundo mais harmônico e igualitário dos homens uns com os outros e dos homens com a Natureza. Mostra como isso é possível em inúmeras de suas obras, ao ilustrar exemplos no decorrer da história da humanidade, que revelam indícios que manifestam a solidariedade como fator e condição de humanização; e, revela isso com método: o comparativo (Geografia Comparada). Dentre tais obras, destacamos, *Histoire d'un ruisseau* (1869), *Du sentiment de la nature dans les sociétés modernes* (1866), *L'Homme et la Terre* (1905-1908).

Em razão da complexidade do pensamento geográfico de Reclus, procuramos entender: a) o método revelado em sua obra de Geografia e, no que esse implica, sobre a conclusão a que sua obra esboça; b) qual sua ideia da relação Natureza-Homem.

A) O PROJETO CIENTÍFICO DE ÉLISÉE RECLUS: UM ACENO LIBERTÁRIO

Élisée Reclus escreveu regularmente durante meio século. A sua obra manifesta a importância da Geografia como saber científico, imprescindível para interpretação e transformação da realidade.

Reclus viveu em um momento histórico profícuo. O capitalismo se consolidava; a dinâmica social redesenhava-se; o tempo, nesta sociedade, em que a exploração da força do trabalho torna-se a base, acelerava-se; apareciam novas formas de exploração de uma classe sobre as demais. É neste contexto que a sua obra se edifica e, também, que se esboçam movimentos sociais críticos, que buscavam alternativas ao sistema estabelecido.

Desde jovem, adotou uma posição crítica aos caminhos que o eram apresentados. Reclus nasceu numa família protestante. Em um ambiente rigoroso, foi preparado para seguir a carreira do pai, de pastor. Logo cedo, assumiu posição política questionadora de sua realidade, o que levou a participar ativamente das principais movimentações populares que pulsaram a Europa na segunda metade do século XIX, especialmente ao lado dos ideais anarquistas, como sua atuação na tentativa de impedir o golpe de Estado de Luís Bonaparte em 1850, a participação na *Comunne de Paris* em 1871 e a adesão na I Internacional. Tal posição, conduziu a uma série de exílios ao longo de sua vida, sendo o primeiro em 1851 quando se dirige à América, após a tentativa sem sucesso de impedir o golpe de Bonaparte (RECLUS, 1964). Esses exílios, o levaram a empreender inúmeras viagens, as quais dariam inspiração para grande parcela de sua obra geográfica, que começava a edificar-se. A experiência das viagens, o conduz a reconhecer, que essa nascente ciência não devia reduzir-se à descrição de fenômenos físicos, e deveria refletir os movimentos sociais.

Embora somente no final de sua vida Reclus tenha atuado efetivamente como professor, “[...] sua obra geográfica se divulgou amplamente entre as camadas populares de sua época” (NADIR, 1980, p. 11, tradução nossa), em função disso: “Foi através de suas obras e não através das suas aulas que Reclus consolidou sua reputação no campo da geografia” (DUNBAR, 1985, p. 144, tradução nossa).

O seu projeto de ciência esteve intimamente ligado à sua concepção de sociedade que se aproxima dos princípios da solidariedade e da liberdade. Para Nadir, “[...] o conceito de Geografia em Reclus está estreitamente vinculado a seu objetivo essencial: a revolução social” (NADIR, 1980, p. 16, tradução nossa); para Rebassa: “[...] o projeto de construção de uma sociedade baseada nos princípios do anarquismo é a base de seu projeto geográfico” (REBASSA, 2003, p. 76, tradução nossa).

Reclus registrou reconhecida obra geográfica, que se traduz sobretudo nos três livros básicos: *La Terre, Nouvelle géographie universelle* e *L’homme et la Terre*, sua trilogia (ANDRADE, 1985). Respectivamente, as obras dissolvem as seguintes dicotomias: Homem-Natureza; regional-sistemática, e, espaço-tempo (MOREIRA, 2011). “Em uma palavra: uma

produção genial e vigorosa, verdadeiro testemunho de sua nobre vida, transcorrida no trabalho e no sacrifício pelo culto da ciência e do ideal” (GORI, 1898, p. 81, tradução nossa).

A Geografia, através destas três obras, candidata-se e qualifica-se assim, para Reclus, como êmulo de uma ciência libertária, pondo o homem diante de si como um ser conscientemente livre e atuante (“o homem é a natureza adquirindo consciência de si própria” diz em *A Terra*), um homem conhecedor e consciente da sua condição natural de ser humano racional, sujeito de si mesmo na história. Orienta Reclus em todas as suas obras sua concepção do homem criador do seu espaço-tempo por sua ação consciente, sua vida igualitária, sua inserção comunitária na sociedade (MOREIRA, 2011, p. 26).

O início dos primeiros trabalhos de cunho geográfico de Reclus se dá por volta de 1857, principalmente com publicações em prestigiadas revistas da época, tais como, na redação da *Revue des deux mondes* (GORI, 1898). No citado ano, Reclus retorna à França, das Américas, após um período (1853-1857) percorrendo-a no exílio.

As experiências da viagem à América, permitiram a Reclus, de início, escrever, a partir de narrativas e interpretação das regiões, que seus pés haviam pisado, de seu olhar contemplativo. A observação contemplativa da Natureza e das sociedades que conheceu, conduzirá os escritos geográficos, no início de sua carreira. Indícios disso podemos encontrar em inúmeras cartas, como nos exemplos que seguem. Em carta à mãe (1860) escreve que a dias viajava “através de geleiras, florestas, montanhas e vales”; expressa na carta:

Eu adoro esse tipo de vida: levantar antes de amanhecer ou bem quando as nuvens começam a avermelhar um pouco; caminhar no meio da floresta, sentir as ervas frescas no orvalho, se deter sobre a margem de uma fonte sob os rochedos para comer o pão e o queijo, escalar através de pedras que rolam e vão saltar a vários centenas de metros abaixo, lembrar que fomos alimentados por uma cabra que escala os rochedos, subir um pico para contemplar um admirável horizonte de montanhas, depois descer na relva pela ladeira, às vezes também por caminhos pedregosos para receber seu jantar ao suor de sua fronte, tudo isso me agrada infinitamente [...]. Nos falta livros, mas nossa mochila é pesada o suficiente sem levar uma biblioteca conosco (RECLUS, 1911, t. I, p. 208, tradução nossa).

Em outra carta (1862) se encontra em Saint-Tropez, “cidade tremendamente imunda”:

Mas a natureza, que bela revanche! Os rochedos, as montanhas longínquas dispostas sobre vários planos de um azul mais e mais nebuloso, um golfo unido como um lago, barcos pesqueiros, pinheiros guarda sol que olham sobre a água, ruínas que se destacam sobre os escarpamentos, todas essas coisas compõem uma deliciosa paisagem (RECLUS, 1911, t. I, p. 218, tradução nossa).

O olhar atento, contemplativo, conduzirá as primeiras produções geográficas de Reclus. A relação entre razão e sentimento, combinada à análise apurada e contemplativa, frutificará belos escritos. “Com um estilo fluente e agradável, descendo facilmente a detalhes, logo conquistou um razoável público” (ANDRADE, 1985, p. 12). Depressa, ficou conhecido no mundo científico, com a produção de textos especialmente em revistas científicas.

No primeiro momento, a produção geográfica de Reclus, é exaustivamente descritiva. Devagar, acompanhada de um olhar contemplativo - que não se limita apenas a descrições - incorpora em seus escritos, uma incipiente análise interpretativa. Esses primeiros trabalhos viriam a incitar a produção de sua trilogia, seu grande projeto. “Sua geografia, de naturalista, depois humana, torna-se claramente, ao final de sua vida e no apogeu de sua reflexão “social” (PELLETIER, 2011a, p. 17).

Seu primeiro projeto de Geografia é *La Terre, description des phénomènes de la vie du globe* (1868-1869), considerada a primeira obra de cunho eminente geográfico (LACOSTE, 2005). Tal obra, irá inspirar os estudos do quadro físico do planeta até o advento do *Traité de géographie physique*, de Emanuel de Martonne, com o qual funda a Geografia Física moderna (MOREIRA, 2011). Em artigo de 1905, em que trata sobre “A concepção atual do ensino da Geografia”, Paul Vidal de La Blache (1845-1918), lembra da obra, publicada “[...] sob o título *La Terre*, uma obra impregnada de inspiração em Ritter e Humboldt” (VIDAL DE LA BLACHE, 1905, p. 197, tradução nossa). La Blache já havia exposto admiração à obra de Reclus, provavelmente a *Nouvelle géographie universelle*, na “Lição de abertura do curso de Geografia”, na Faculdade de Letras de Paris, quando aponta, que após Humboldt ter trabalhado com a fisionomia vegetal, “[...] uma infinidade de novos dados entram em circulação, se agrupam, coordenam, e fornecem material para a geografia comparada [...]. Élisée Reclus traça em um belo livro a harmonia e a correspondência do organismo terrestre” (VIDAL DE LA BLACHE, 1899, p. 109, tradução nossa).

Reclus escreve sobre *La Terre*: “[...] procurei descrever todos os movimentos gerais que se produzem na superfície do Globo” (RECLUS, 1980, p. 80, tradução nossa). Essas palavras estão presentes no Prefácio de sua segunda grande obra, *Nouvelle Geographie Universelle*, que deu continuidade a este seu primeiro projeto.

O estilo de Reclus e seu modo de ver a Geografia e a natureza aqui se apresentam pela primeira vez por inteiro. Reclus vem de uma formação iluminista para a qual a razão é um instrumento de emancipação do homem, que Reclus tomando por princípio a origem racional e livre da natureza humana, encarna no papel da educação individual e libertária. Compreender e conhecer a natureza para compreender, conhecer e fazer aflorar a natureza

do homem, um ser que nasce racional e livre e que só as cadeias da sujeição social aprisionam e escravizam, este é o papel científico da Geografia, aqui se manifestando plenamente o veio rousseauiano (MOREIRA, 2011, p. 25).

La Terre foi desenhada muito antes de ser publicada, quando de sua passagem pela Irlanda (quinze anos antes) em direção aos Estados Unidos. É nesse momento, que começa “[...] a manifestar-se o geógrafo” (COSTA, 1933, p. 28). Quando publica, enfim, a obra, diz:

O livro que hoje aparece comecei-o há quase quinze anos, não no silêncio do gabinete, mas na livre natureza. Foi na Irlanda, no cume dum montículo sobranceiro ao Shannon. Estendido na erva, ao lado duns restos de muralha, que fora, outrora, um resto de fortaleza, e que as plantas humildes demoliram pedra a pedra, gozava docemente dessa imensa vida das coisas, que se manifestava pelo jogo da luz e das sombras, pelo estremecimento das árvores e o murmúrio da água quebrada contra os rochedos. Foi ali, nesse lugar ameno, que nasceu, em mim, a ideia de contar os fenômenos da Terra, e, imediatamente, tracei a lápis um plano da minha obra. Os raios oblíquos do sol de outono douravam estas primeiras páginas e faziam agitar-se sobre elas a sombra azulada de um arbusto balouçado pelo vento (RECLUS, 1868, p. I-II, tradução nossa).

Na obra *La Terre*, um dos “primeiros tratados de geografia física” (LACOSTE, 1981), Reclus adota a redação de uma geografia descritiva, porém, dando destaque para a ação do homem, apesar de que somente a realça nos capítulos finais. Para De Greef *La Terre* expressa:

[...] uma visão geral do planeta, considerada do alto de suas linhas e das leis as mais gerais da sua estrutura e evolução. O que domina a concepção e nosso globo como um planeta vivo; o homem faz parte integrante, e também as plantas e os animais; suas vidas estão intimamente ligadas, comum, solidárias. Enquanto para Ritter, a harmonia que liga a humanidade à Terra, vê uma espécie de harmonia pré-definida, uma predestinação, Reclus reconhece uma adaptação progressiva, através do qual o grupo social é liberado da restrição da natureza, como o homem, por sua vez, se liberta da restrição social (DE GREEF, 1906, p. 21-22, tradução nossa).

La Terre “[...] deu a Reclus prestígio e fama e foi considerado pela Universidade de Friburgo como “o discurso do método da geografia” (ANDRADE, 1985). Sua publicação consagrou Reclus definitivamente como grande geógrafo, “[...] tendo edições sucessivas até 1905, quando a publicação do *Traité de géographie physique*, de Emanuel de Martonne, passou a conquistar espaço, embora se tratasse de dois livros bem diferentes” (ANDRADE, 1985, p. 17).

A diferença entre Emanuel de Martonne e Reclus consiste, basicamente, no seguinte: enquanto o primeiro separava completamente a geografia física da humana, dando ênfase, sobretudo, aos fenômenos físicos, Reclus “[...] tinha compromisso com a análise dialética das relações homem/natureza. Admitindo a primazia do homem, procurou desenvolver um livro

em que estudava a natureza e, ao mesmo tempo, analisava a ação do homem operando nela transformações substanciais” (ANDRADE, 1985, p. 18).

Foi no exílio, na Suíça, que Reclus assinou contrato para seu segundo grande projeto, a *Nouvelle Géographie Universelle* (1876-1894)⁵. O acordo antecipava Reclus a não destacar temas religiosos, políticos e sociais na obra, pois o editor “[...] salientava ter contratado o trabalho do geógrafo e não do anarquista” (ANDRADE, 1985, p. 14).

Financiado pela editora *Hachette*, Reclus empreende viagens para iniciar a produção da *Nouvelle Géographie Universelle* (NGU)⁶. Percorreu vários países do mundo; estabeleceu vínculo com pesquisadores, que viriam a contribuir em sua ousada empreitada. Paralelamente, a edificação da *Nouvelle Géographie Universelle* reforçou a criação e sedimentação de uma rede de discussões e militância (anarquista) ativa pelas nações por onde passou (FERRETTI, 2013).

Reclus, dá “[...] prosseguimento a *A Terra* trazendo o olhar libertário da natureza e do homem [...] para o plano agora da organização espacial das ações humanas” (MOREIRA, 2011, p. 25). Reclus escreve, no Prefácio da *Nouvelle Géographie Universelle*, que sua obra precedente, *La Terre*, certo modo, foi o prólogo da obra que começava a redigir. Quando finaliza NGU, escreve Reclus:

Antes de estudar em detalhes a superfície do planeta e as pessoas que o habitam, eu ensaiei uma obra, *La Terre*, estudei a vida própria do globo tal como se apresenta isoladamente, preparado para receber a humanidade que anima este grande corpo. Era uma espécie de prefácio para a série de volumes que termino agora [...] (RECLUS, 1894b, p. 795, tradução nossa).

A análise interpretativa da “morada do homem”, presente em *La Terre*, vinculado mais próxima de uma “Geografia Física”, aos poucos revela, nas obras seguintes, uma interpretação que reconhece a ação do homem, como parte integrante, porém com a maior potencialidade transformadora. Esse discussão poderemos ver na sua *Nouvelle Géographie Universelle*.

A publicação da *Géographie* é um grande evento histórico. Reclus realiza o pensamento de Kant e Herder, completa e coordena os trabalhos imortais de Humboldt e Ritter, fazendo da ciência geográfica o pedestal sólido de toda a ciência social e, mais precisamente ainda, aproxima mais perto a natureza e

⁵ Era o ano de 1872 e Reclus residia na Suíça. Então exilado, após participar da *Commune de Paris* de 1871, permaneceu ali até 1894 quando então se muda para Bélgica, após rápida estadia em Paris.

⁶ “Para elaborar o livro, ele fez inúmeras viagens, frequentando bibliotecas, ao mesmo tempo ministrando cursos em universidades, como em Neuchâtel e em Genebra. Em 1884, visitou o norte da África, viajando pela Argélia, Tunísia e Egito. Em 1885, visitou a Turquia e a Ásia Menor, tendo no trajeto, se detido na Hungria. Em 1886, esteve na Itália, detendo-se sobretudo sobre Nápoles [...]. Em 1889, voltou aos Estados Unidos, estendendo sua viagem ao Canadá. Em 1890, viajou novamente aos Estados Unidos e, de lá, até a África do Sul, visitando na volta a Espanha e Portugal. Nesse mesmo ano retornou a Paris [...]. Sua última grande viagem foi feita em 1893 ao Brasil, Argentina, Uruguai e Chile” (ANDRADE, 1985, p. 14).

o homem; o fenômeno social aparecendo mais como o resultado da combinação indissolúvel dos dois elementos [...]. (DE GREEF, 1906, p. 26, tradução nossa).

A NGU, encomendada pela *Hachette*, deveria dar uma visão horizontal do mundo e atualizar o conhecimento da superfície da Terra. Reclus escreve no Prefácio que o mundo conhecido começava a ser ampliado, defendendo: “[...] épocas novas pedem livros novos também” (RECLUS, 1980, p. 79, tradução nossa).

Admite Reclus que NGU era um trabalho de ampla magnitude e em rápidas e poéticas palavras, expressa o trabalho que estava por vir: “A gota de vapor que brilha um instante no espaço reflete em sua molécula quase imperceptível, o Universo que a envolve com sua imensidade; assim é como trato de copiar o Mundo que me rodeia” (RECLUS, 1980, p. 80, tradução nossa).

Para esboçar a *Nouvelle Géographie Universelle*, Reclus “[...] usou um método descritivo que consistiu em dividir a superfície da Terra em grupos de estados e analisar cada área ou região que compunha os estados” (ANDRADE, 1985, p. 18). Exhaustivamente analisou aspectos físicos (como relevo, clima, hidrografia, formação geológica, vegetação natural), como aspectos humanos (como organização do povoamento, utilização do espaço, formas de exploração econômica, relações de classe, sistemas de transporte e organização da rede urbana), constituindo uma obra que o consagraria em definitivo no mundo científico. “As paisagens e países do mundo são postos a desfilar nessa obra de Reclus, associando na leitura o recorte e o todo, numa abordagem também aqui sem dicotomia” (MOREIRA, 2011, p. 25).

A discussão realizada na obra parte do pressuposto de que as transformações, as mudanças, são inerentes à Natureza, visto que o movimento é a condição da vida, os seres humanos sendo a parte consciente da Natureza. No prefácio da *Nouvelle Géographie Universelle*, Reclus afirma: “[...] essa natureza, juntamente como os homens que são por ela nutridos, muda continuamente” (RECLUS, 1876, p. 7, tradução nossa). Mais “[...] adiante refere-se às condições ambientais que possuem uma relevância modificável conforme o estado de cultura em que chegaram às nações, visto que com o passar do tempo existem elementos naturais que mudam de uso” (EVA, 2005, p. 56). Na *Nouvelle Géographie Universelle*, Reclus traz: “Sua concepção fundamental da estreita união da Terra e do Homem, argumentando que toda sociedade é uma mistura combinada de matéria e de humanidade” (DE GREEF, 1906, p. 30, tradução nossa).

Na NGU, Reclus superou o caráter mais propriamente descritivo encontrado em *La Terre*; estabeleceu vínculos entre a descrição e a corologia do território físico, integrando a

discussão científica e a política, da relação entre a Terra e os homens (FERRETTI, 2011). Nos interstícios, ainda que timidamente, chama a atenção para a formação de classes sociais, e a desigualdade provocada através dela (ANDRADE, 1985).

“O tema do progresso que entusiasmava os europeus no século XIX, considerado o século das luzes, também o empolgou” (ANDRADE, 1985, p. 19). Porém, na NGU, fez notar que o progresso era apropriado em sentido diametral, visto que se vive em uma sociedade de classes. Salientou que o progresso trazia benefícios incalculáveis às classes dominantes, mas também trazia, em “[...] contrapartida, desvantagens, sobretudo para as populações pobres e para os países colonizados” (ANDRADE, 1985, p. 19).

A NGU, apesar de somente assinada por Reclus, revelou-se obra coletiva; constitui uma soma enciclopédica do saber geográfico elaborado por essa rede de colaboradores, que já expunham preocupações com a transformação social. Foi em meio a produção da NGU, que Reclus admite em carta, de 1882, a Atilla de Gérando, que estava afastado diretamente da luta revolucionária, atuando indiretamente apenas. A sua vida estava, sobretudo, inclinada à produção de sua obra geográfica. Escreve Reclus:

Minha vida está acomodada, não para ser usada diretamente em obras de mudança social, mas para ser utilizada em obras laterais, de uma importância mínima. É a pena da ciência, que estou trabalhando, e ousou a dizer que não estou completamente errado de escrever a cada ano meu volume de banalidades mais ou menos razoavelmente escritas (RECLUS, 1911, t. II, p. 239, tradução nossa).

Finalizada, a obra recebe o título de *Nouvelle Géographie Universelle: la terre et les hommes* (1876-1894). Especialmente pela repercussão da NGU, encontrando-se já “[...] como autor consagrado, recebeu a medalha de ouro da Sociedade Geográfica de Paris em 1892 e, no ano seguinte, a da Sociedade Geográfica de Londres” (ANDRADE, 1985, p. 14).

Apesar do notável reconhecimento por parte da comunidade científica, devido à grande divulgação de suas obras, Reclus pouco espaço teve dentro do âmbito acadêmico, não ocupando uma cadeira de Geografia, senão apenas em final de vida, muito em função de sua militância política anarquista-comunista. No ano de 1893, Reclus chegou a ser convidado pela Universidade Livre de Bruxelas para dirigir um curso de Geografia. Porém, os administradores voltaram atrás e quando Reclus enfim iria começar a ministrar o curso, negaram a sua cadeira, “[...] por ódio aos princípios [anarquistas] pelos professores” (GORI, 1898, p. 82, tradução nossa). A decisão da Universidade Livre, de não contratá-lo como professor, custa o desacordo da mesma, entre conservadores e progressistas em apoio ao geógrafo, culminando com a criação da *Université Nouvelle de Bruxelles*.

Em carta (Bruxelas; 6 de outubro de 1894) a Jean Grave, Reclus fala acerca da Universidade que ajudara a fundar: “Em efeito, nós nos ocupamos de fundar em Bruxelas uma nova Universidade, inteiramente livre de vínculos com o Estado e com os partidos políticos [...], por um grupo de sessenta professores a maioria dos quais dão livremente sua colaboração” (RECLUS, 1925, p. 172, tradução nossa). Reclus não se ilude com a ideia de um afastamento por completo do Estado; escreve acerca da recém-fundada *Université*:

Tudo isso é de natureza a nos encorajar muito. No entanto, não se deve exagerar a sua importância, pois não se pode mudar o programa de exames, o sistema de diplomas, e os estudantes sabem dos privilégios de instrução que possuem nas desleais batalha da vida. Assim, apesar do bonito grito de guerra da nova Universidade: "Façamos homens!" Ela contribui de alguma forma para os exploradores. De minha parte, eu computo muito mais sobre outra parte do ensino, representado pelo Instituto de Altos Estudos e pelos cursos de Extensão Universitária, que irão se endereçar ao público em geral, do qual o auditório não fará nem bacharéis nem doutores (RECLUS, 1925, p. 172-173, tradução nossa).

Na *Université*, Reclus atua enfim “[...] como professor, com suas sábias lições de cosmografia” (GORI, 1898, p. 82, tradução nossa); é professor de Geografia Comparada, sob a influência inegável de Karl Ritter. Discutia as inter-relações entre os elementos do meio físico e os grupos humanos, combinando o meio-espaço, com o meio-tempo. Em 1898, funda o *Institut Géographique*, junto da *Université* (BLANCO, 2010). Reclus foi autor do primeiro currículo desse instituto que se propunha divulgar um ensino geográfico integral (HERNANDO, 1995).

Em carta a Henri van Rooda Eysinga (1 de julho de 1895), admite Reclus: “[...] sem dúvida nossa Universidade é uma instituição como outra - portanto ruim - mas de momento, ela representa a luta. Nós nela entramos anarquicamente e pessoalmente para tomar parte no combate, e teremos sucesso nessa empreitada no amanhã” (RECLUS, 1925, p. 186, tradução nossa). Apesar de admitir ser ela ruim, em carta ao professor Jules Felix (fevereiro 1896), Reclus escreve que a *Université* possui o diferencial de ter emergido de uma luta coletiva: “[...] as instituições que não se originam do consentimento dos cidadãos não podem garantir a liberdade, pois elas não podem ter outra origem do que a vontade profana de um proprietário” (RECLUS, 1925, p. 195, tradução nossa).

Reclus, “[...] pratica diversas experiências de ensino, desde o primário até o nível universitário, durante a sua experiência na Université Nouvelle de Bruxelas” (FERRETTI, 2013, p. 15). Devido a sua participação junto com seu primo Franz Schrader, na elaboração do *Dictionnaire* de verbetes geográficos, e a notoriedade que isso concedeu, Reclus é

considerado por Jean-Pierre Chevalier junto a Emile Lavasseur, o pai da geografia escolar francesa (FERRETTI, 2013).

O trabalho na Universidade e a publicação do jornal *L'Université Nouvelle*, não impedem Reclus de prosseguir na edificação de sua derradeira obra geográfica. Em carta enviada a Henri van Roorda Eysinga, escreve que preparava uma “[...] obra de geografia social, *L'Homme*” (RECLUS, 1925, p. 178, tradução nossa).

Essa obra é edificada, sustentada em um método muito claro: o comparativo.

Reclus, concomitante à sua docência no curso “Geografia Comparada no espaço e no tempo”, na *Université*, apoia-se no método comparativo, uma vez mais, para elaborar sua obra prima: *L'Homme et la terre*, postumamente publicada. A adoção de tal método ficara exposto em carta (1894) ao presidente da Royal Geographical Society, John Scott Keltie. Escreve Reclus, qual é seu projeto:

Só posso dizer que minha ideia base é de elevar a ideia geral de um livro de geografia, com fronteiras, partições, administração e coisas assim, e expor progressivamente e com método, sobre cada parte do mundo, como o solo, o clima e todo o contexto influenciaram o desenvolvimento da história e como a história, ela mesma, modificou o meio primitivo. Geografia e História Comparativa me pareceria o melhor título para este livro [...]. A obra terminaria com considerações gerais sobre a história presente e passada (RECLUS, 2014b, p. 240).

Note-se, na passagem acima, a intenção quanto ao título do livro; um projeto inicial: *Geografia e História Comparativa*. Isso atesta que assume o método comparativo, com destaque para as categorias espaço (Geografia) e tempo (História); categorias, que se realizam por interdependência dialética, e não podem ser entendidas separadamente.

Para a elaboração desta Geografia Comparada, Reclus vai encontrar sustentação em Karl Ritter (1779-1859).

Na Universidade de Berlim, Reclus, no ano de 1848, se matricula no curso de Teologia. Sua infância metódica, regrada com a leitura da Bíblia, e o desejo do pai - pastor protestante - de que se tornasse pastor, levou mesmo Reclus a frequentar uma instituição religiosa - os irmãos Morávios - na juventude, e as circunstâncias pareciam indicar esse caminho, vinculado à Igreja. Porém, quando Reclus se matricula no curso de Teologia, o fundamento religioso “[...] não está mais na herança que domina o seu caráter, ele está alterado em parte por influência de um meio social mais vasto e mais complexo das aptidões especiais diárias” (DE GREEF, 1906, p. 15, tradução nossa).

Atraído pela Geografia, Élisée participou de discussões na mesma Universidade de Berlim, com Alexander von Humboldt e foi aluno das sábias lições de Karl Ritter pelo

período de um ano, no curso “Descrição da Terra” (KORINMAN, 1981). Reclus fala acerca daquele período: “Seus cursos, de uma clareza maravilhosa, tratando os temas os mais grandiosos dentro de uma linguagem de uma simplicidade quase elementar” (RECLUS, 1859, p. 242, tradução nossa).

A inclinação, de Reclus a Ritter, é aceita pela unanimidade dos principais biógrafos (CODELLO 2007). Reclus, assim como Oscar Peschel (1826-1875), ambos alunos de Ritter, repensaram as ideias do mestre e despertaram novas, numa fase intermediária na evolução da Geografia enquanto ciência institucionalizada (BERNARDES, 1982). Ritter deixou os fundamentos de um método geográfico que alguns discípulos, como Reclus, seguiram. Tal método, se evidencia a partir de conceitos como o “da “unidade da diversidade” e certos princípios, os dois principais sendo o da “conexão” (*Zusammenhang*) dos fenômenos presentes em uma área e o de comparação (ou analogia) entre as características de lugares ou áreas distintas” (BERNARDES, 1982, p. 391-392).

Esses princípios, e o método comparativo, estarão expressos, sobretudo, na principal obra de Ritter: *Die Erdkund* (1817-1859), ou *Geografia Geral Comparada*⁷.

Ritter publicou essa obra, “[...] e foi, pode-se dizer, o inspirador de uma outra grande obra, pois foi Reclus quem levou adiante uma ideia cara a Ritter” (BERNARDES, 1982, p. 392), quando escreveu a *Nouvelle Géographie Universelle*. Esse pressuposto parece-nos manifesto quando, no capítulo inicial de sua *Nouvelle Géographie Universelle* insiste Reclus, que apesar dos incontáveis relatos de diversos países, esses realizados por vários viajantes, não é possível dizer que se conhece a relação íntima entre esses países e a Geografia, antes deve estabelecer uma “longa série de estudos comparados”, sendo que somente assim poderá se arriscar a “dizer que se conhece a Terra” (RECLUS, 1876, p. 2, tradução nossa).

Anotamos algumas palavras presentes em *Erdkund*, que revelam continuidades na de Reclus. Em carta a Gutschmuths, revela Ritter um resumo do plano que adotou na execução de

⁷ *Die Erdkunde im Verhältniss zur Natur und zur Geschichte des Menschen* (1817-1859) (Geografia em Relação à Natureza e a História da Humanidade) é a obra fundamental de Ritter. É nesse obra que Ritter irá trazer sua capital contribuição para a Geografia ao esboçar os princípios do método comparativo, e sua importância a geografia. Sua geografia, é fundamentalmente baseada em análise bibliográfica. É no momento que inicia *Erdkund* que Ritter se dá conta de que “[...] nenhum método já havia sido aplicado a esta ciência” (RITTER, 1867, p. 100, tradução nossa); encontra indícios e mesmo a base do método a ser utilizado no projeto dessa obra em Pestalozzi. Além de trocar correspondências com Pestalozzi, Ritter, visitou o Instituto de Yverdon (com inclinação aos métodos de Rousseau), no qual o pedagogo suíço, desenvolvia as bases de seu método de ensino; também da geografia (GUILLAUME, 1890). Aqui está o que Ritter, disse algum tempo depois de sair do instituto: “Aprendi a perceber este método com base na natureza da criança, e que cresce como verdade em liberdade. Para mim neste momento faz-lo nos domínios da geografia. Há, entre a natureza e a história, uma lacuna importante a preencher... eu deixei Yverdon determinado a cumprir a promessa que fiz a Pestalozzi de aplicar seu método dentro da geografia, e já estou a partir do caos” (RITTER, 1886, p. 193, tradução nossa).

seu trabalho. Mostra o domínio que alcança, dos princípios que estão na base da ciência da Geografia (GAGE, 1867).

É agora, algum tempo desde que eu terminei o meu trabalho geográfico, o qual lançou as bases para os meus presentes estudos históricos; e antes de que eu esteja totalmente perdido nestes, eu gostaria de fechar inteiramente a minha geografia, que forma uma unidade perfeita em minha mente. Você me pediu um esboço de todo o meu plano. Aqui está – ‘O homem vive em dois mundos, um visível e um invisível, e está consciente de sua verdadeira dignidade e nobreza quando ele se esforça para alcançar a perfeição, tanto em seu físico e na natureza espiritual. Quando ele avançou ao ponto de dominar a si mesmo, e desenvolver todo o poder de sua própria natureza mental e moral, seu próximo passo é tomar nota do mundo exterior, a observar a ordem e obediência à lei na qual a Natureza, na medida que é externo a ele, está constantemente trabalhando. Ele vê que está sempre vai ter uma influência sobre ele, e que ele está tendo uma certa influência real sobre o mundo exterior, e que na dependência mútua dos dois reside um dos maiores e mais nobres harmonias existentes (RITTER, 1867, p. 116, tradução nossa).

O projeto da obra seria marcar uma profunda discussão em torno da relação Natureza-Homem, base da ciência, do saber geográfico.

A Terra, considerada, *per se*, é só um fragmento do Universo, no qual o largo uso da palavra de Humboldt deu a ele em sua célebre obra [o Cosmos]. A Terra é o grande piso, por assim dizer, da Natureza; a casa, ou melhor, o berço, de homens e nações, a morada da nossa raça. Não é simplesmente uma região de imensos espaços, uma vasta superfície; é o teatro onde todas as forças da natureza e as leis da Natureza são exibidas na sua variedade e interdependências. Além disso, é o domínio de todo o esforço humano, e a cena de uma revelação divina. A Terra deve ser estudada, portanto, em uma relação tríplice: o Universo, a Natureza, a História (RITTER, 1865, p. vx-xvi, tradução nossa).

Paul Vidal de La Blache no artigo “O princípio da Geografia geral” escreve acerca da obra de Ritter, de quem também foi aluno:

As palavras *Natur und Geschichte* [Natureza e História] são dois termos perpetuamente associados, entre os quais gravita sem cessar seu pensamento. É como parte integrante, e não como anexo, que a obra histórica da humanidade encontra lugar em sua concepção da vida terrestre, como o mais ativo e o mais poderoso dos elementos de transformação da vida que se manifesta (VIDAL DE LA BLACHE, 1896, p. 137, tradução nossa).

Para Ritter, “[...] o homem produz a terra e a terra produz o homem, havendo uma tendência teleológica, cosmológica e metafísica, que garantirá a visão simbólica sobre a interdependência de todos os fenômenos da superfície da terra” (VITTE, 2011, p. 33). Ritter constrói *Erdkund*, visando contribuir com algo para a interpretação da conexão entre Homem

e o mundo que ele habita (GAGE, 1867). As principais discussões realizadas em sua Geografia Comparada são postas em resumo nas palavras do próprio Ritter.

Em primeiro lugar, e de forma negativa, eu não falo da Terra como um planeta em sua relação com planetas irmãos, portanto, geografia matemática é totalmente omitido. Nem eu lido com a terra como se fosse submetida à ação arbitrária e irresponsável do homem, e, portanto, geografia política não é o meu ponto de partida. Eu levo a terra em sua forma, estrutura, componentes elementares, seu revestimento, a sua vida, como se ele próprio fosse um grande organismo coberto com hieróglifos que revelam a história. Começo com o que é o mais simples, e avanço para o que é mais complexo; Eu passo a partir do que é geral para o específico, e, assim, adoto o método empregado por Pestalozzi, e trabalho no espírito do seu sistema (RITTER, 1867, p. 117, tradução nossa).

Para alguns, Reclus foi continuador da obra de Karl Ritter. Em 1859, dez anos após ter sido aluno de Ritter, Élisée Reclus a pedido da Sociedade de Geografia de Paris chegou a traduzir para o francês um importante fascículo da obra de Ritter, *De la configuration des continents sur la surface du globe et de leurs fonctions dans l'histoire* (RITTER, 1859). É no prefácio desse fascículo traduzido que Reclus demonstra a importância do mestre alemão para a Geografia. Reclus escreve:

É ele que retira a geografia da miserável rotina das nomenclaturas, que nos tem feito estudar com o mesmo espírito a história da terra e aquela dos astros, que nos ensina como um dogma imutável a vida do nosso globo. Graça a ele, nós sabemos que os continentes, os planaltos, os rios e as margens estão dispostas, não ao acaso, mas em virtude de leis do movimento, leis eternas que fazem gravitar os astros em torno dos astros, os continentes e os mares ao redor de um eixo central (RECLUS, 1859, p. 242, tradução nossa).

A Geografia Comparada é o método que Reclus assume e com o qual esboça grande parte de suas obras, a fim de revelar o princípio, presente ao longo da história da humanidade (condição de humanização), aos poucos rompido (nitidamente no modo de produção capitalista) e que deve ser reconstruído: a solidariedade. Para tanto, faz um estudo comparativo ao longo das gerações (tempo) e, das diferentes regiões da Terra (espaço), que se descortina, em sua obra de síntese de uma vida, *L'Homme et la terre*: um tratado sobre a história do mundo (humanidade).

Reclus empreendeu as derradeiras forças para edificar tal obra, a última de sua trilogia. Durante toda vida, Reclus viu suas obras, que requeriam uma casa editorial que se dispusesse a editá-las, parcialmente limitadas a não tratar de questões políticas. Esse bloqueio, *L'Homme et la Terre* não sofreu; esta é a “[...] única obra de geografia na qual Reclus está liberado dos constrangimentos editoriais” (PELLETIER, 2011a, p. 10).

Eram os derradeiros anos da vida de Reclus; com condições suficientes para se manter e a seus familiares, pôde aproximar abertamente sua posição política das linhas que começavam a tomar corpo em sua derradeira obra, *L'Homme et la Terre*. Em carta (5 de janeiro de 1904; Bruxelas), Reclus relata que acabara de terminar sua “*Géographie Sociale*” (RECLUS, 1925, p. 271): “Mas finalizado, o recomeçarei, quero dizer o corrigirei, o complementarei, o modificarei, conforme críticas e avaliações de amigos. Este é o trabalho que estou fazendo nesse momento” (RECLUS, 1925, p. 269, tradução nossa). A editora *Hachette*, que havia publicado obras precedentes, como *La Terre*, se negou a publicar *L'Homme et la Terre*, pelo motivo de que: *as conclusões eram anarquistas*.

Logo após o término da elaboração de sua obra *Nouvelle Géographie Universelle*, Reclus expunha a vontade de construir uma nova obra, com destaque à ação do Homem sobre a Natureza. A NGU traz uma visão horizontal sobre a Geografia do mundo; em *L'Homme et la Terre*, Reclus, não se submetendo a censuras de quaisquer espécies, procurou esboçar uma interpretação vertical da ação do Homem na superfície da Terra, a partir de duas categorias: espaço e tempo (ANDRADE, 1985).

Para quem descobre *L'Homme et la Terre*, percebe que diante de seu olhos, está um admirável quadro, histórico e geográfico, das diversas civilizações lutando, na História, com as dificuldades do meio natural, e das rivalidades que nós chamamos agora geopolíticas (LACOSTE, 2005); nessa obra, Reclus “[...] vai insistir na desigual distribuição da riqueza e vai sublinhar a importância de estudos geográficos para elaborar um inventário dos recursos mundiais e sugerir um plano para sua distribuição equitativa” (DUNBAR, 1985, p. 147, tradução nossa). Não se trata propriamente de uma obra de Geografia, e sim de um tratado sobre a história do mundo, da humanidade; da História conjugada as vicissitudes do espaço. A Geografia, assim como a História, são as ciências, que dão sustentação a toda discussão realizada na mencionada obra. Reclus, discorre em *L'Homme et la Terre* sobre a relação dos homens entre si e destes com a Natureza, do período pré-histórico ao contemporâneo⁸.

L'Homme et la Terre revela uma interpretação, da relação Natureza-Homem, próxima de uma análise de tom social, o que em obras anteriores, não apareceu senão de forma demasiado tímida; relação essa, que será retomada pelo movimento de renovação da Geografia nos anos 1970.

⁸ “Em *L'Homme et la Terre* [...] são analisados com profundidade os temas mais diversos e atuais, como: a origem do homem, a distribuição das populações, a evolução histórica da humanidade, as formas de Estado e de governo, o problemas das etnias, das religiões, das culturas, do trabalho, da colonização, do progresso, da educação, etc.” (ANDRADE, 1985, p. 19).

É em sua derradeira obra, que Reclus demonstra que, da relação entre sociedade e Natureza, resulta a produção do espaço; e que a ação do Homem como protagonista deste processo propõe a transformação espacial e a configuração do território. Nessa obra, ele procura partir de uma análise materialista histórica, uma perspectiva inovadora no âmbito da Geografia para sua época; empreende esforços - ainda que incipientemente - em reconhecer a luta de classes como a responsável pelas desigualdades sociais. Isso fica evidenciado, quando discute de que forma se estabelece a relação entre povos oprimidos e opressores, adotando um *etos* geopolítico; ou quando insiste que a interação e apropriação da Natureza se realiza pelo embate de forças opostas, e em sentido oposto, pela sociedade de classes.

A maturidade da obra geográfica (sua trilogia), o conduzirá ao seguinte movimento: no início de sua obra, anunciava a Geografia praticamente como sinônimo de “Geografia Física” (presente em *La Terre*), dando destaque a *première nature*. A medida do amadurecimento intelectual, sua obra adquiriu os contornos de *Géographie sociale* (presente em *L’Homme et Terre*), uma vez que foi reelaborando o conhecimento sobre a Natureza, em que Homem e Natureza se realizam dialeticamente interligadas (SOUZA, 2013).

A *Géographie sociale*, é o projeto anunciado no Prefácio de *L’Homme et la Terre*. A expressão *Géographie sociale*, em Reclus, atuava “[...] como a denominação de um conhecimento integrador do espaço geográfico com os seres humanos, sem qualquer respeito de reverência por fronteiras disciplinares” (SOUZA, 2013, p. 27). O projeto de Geografia de Reclus buscou integrar a dimensão ambiental e social, em diálogo com o anarquismo, para a construção de uma ciência atrelada às demandas políticas da sociedade.

[...] a especificidade das perspectivas anarquistas provém de seu objeto: elas não buscam novas dominações, novos polos, mas multiplicar ao infinito as interações; elas rejeitam a centralização estatista e burocrática, que destrói as iniciativas individuais ou populares, esteriliza as ideias, despreza o local e o particular. Em vez de buscar uma capitalização ou interessar-se por uma mais-valia, elas associam-se indissoluvelmente ao meio ambiente. Diferenciam-se também das pesquisas a serviço das elites do poder e do dinheiro, consagradas a detectar os recursos minerais, petrolíferos e outros. Com efeito, o geógrafo libertário pode considerar-se como o servidor das populações. Seu procedimento consiste numa dupla abordagem: um interesse sem apriorismo para as diferentes formações sociais, e um estudo das condições de uma relação harmoniosa dessas populações em sua relação recíproca com o meio ecológico (CREAG, 2011, p. 28).

Em *L’Homme et la Terre*, vemos, mais nitidamente, se descortinar as características básicas de seu pensamento: “[...] a natureza da geografia, a unidade e o comprometimento desta ciência” (ANDRADE, 1985, p. 20). No prefácio, apresenta o pressuposto básico pelo

qual deseja caminhar na análise da relação Natureza-Homem: a “sucessão das idades” (RECLUS, 1905). Começa assim: “[...] os traços da superfície planetária indicam o efeito das ações cósmicas a que tem estado submetido o Globo durante a série dos tempos” (RECLUS, 1980, p. 15, tradução nossa). Em resumo, a condição que o Mundo se encontrava era fruto das incessantes modificações ao longo de sua História. Escreve:

Os continentes e as ilhas que surgiram das profundidades do mar e o oceano mesmo, com seus golfos e os rios, todas as individualidades geográficas da Terra em sua variedade infinita de natureza, de fenômenos e de aspecto, levam marcas do trabalho incessante das forças que obram sempre para modificá-las (RECLUS, 1980, p. 35, tradução nossa).

Os traços da superfície terrestre, para além das forças da Natureza, revela a ação, o movimento realizado pelo conjunto da humanidade. Reclus aponta: “[...] aqueles que estudam desde suas origens constatam que cada nação “civilizada” compõe-se de classes superpostas representando neste século toda a série dos séculos anteriores com suas culturas intelectuais e morais correspondentes” (RECLUS, 1905, t. VI, p. 504, tradução nossa). Os contornos que a sociedade apresenta, não deixa de trazer cicatrizes, resquícios do passado. Diferentemente de Shakespeare, que, na boca do personagem, Macbeth, profere: “os mortos e os que dormem são pinturas, nada mais” (SHAKESPEARE, 1997, p. 63), Reclus (1905, t. VI, p. 256-257, tradução nossa) falará: “muito depois da morte, os mortos governam os vivos”.

A interpretação da produção, da complexidade do espaço não pode negar as forças, as vibrações, os movimentos que se realizam da relação Natureza-Homem.

[...] nada se perde: as causas antigas, embora atenuadas, ainda agem de modo secundário, e o pesquisador pode encontrá-las nas correntes ocultas do movimento contemporâneo, da mesma forma que a água, desaparecida do leito primitivo da superfície, volta a ser encontrada nas galerias das cavernas profundas. Por isso pode-se dizer, sinceramente, que “os mortos governam os vivos” [...], “o fato é filho de um outro fato, e não se deve nunca esquecer sua genealogia” (RECLUS, 1905, t. I, p. 110, tradução nossa).

Reclus alerta ao leitor, no prefácio de *L’Homme et la Terre*, que escreve um livro destacando todas as condições físicas e todos ambientes em que “[...] aconteceram os fatos da História; em que mostraria a harmonia dos homens e da Terra; em que as condutas dos povos se explicariam, de causa e efeito, por sua consonância com a evolução do planeta” (RECLUS, 1905, t. I, p. I, tradução nossa). Uma obra na qual buscaria, através de elementos constantes no decorrer da história da humanidade, *leis*, regularidades (constantes globais), que pudessem explicar tal *movimento* de evolução.

Admitindo Reclus ser difícil descobrir essa lei do progresso humano, e mesmo de formular regras de evolução ao desconhecido, “[...] podemos reconhecer ao menos a união íntima que liga a sucessão de fatos humanos à ação das forças telúricas [meio-espaco] [...]. Observar a ação combinada da Natureza e do Homem, reagindo sobre a Terra que o formou” (RECLUS, 1905, t. I, p. II, tradução nossa).

Reclus situa um movimento de harmonia em equilíbrio, entre Geografia e História. Não indica alienação de uma destes saberes frente o outro. Para realizar essa discussão, Reclus partirá de Immanuel Kant (1724-1804), de suas sábias lições de Geografia Física (KANT, 1802), uma das bases da Geografia científica. Para Kant, cabe à Geografia desvendar o espaço, e a História se limita a interpretar o tempo, na sucessão dos eventos; essas seriam as duas ciências que, cada uma a sua maneira, ajudariam, segundo Kant, a “ampliar nossos conhecimentos” do mundo fenomênico. Em suas palavras:

História e geografia ampliam, portanto, os nossos conhecimentos em relação ao tempo e ao espaço. A história se refere aos acontecimentos que, em relação ao tempo, sucederam-se um após o outro. A geografia se refere aos fenômenos que, em relação ao espaço, acontecem ao mesmo tempo (KANT, 1802, p. 10, tradução nossa).

Para Reclus - ampliando a discussão proposta por Kant -, espaço e tempo fazem parte de uma mesma efetivação; Geografia e História são as duas ciências que, numa relação dialética, dão sustentação a sua obra *L’Homme et la Terre*. Tal obra revela as realizações da relação entre Homem e Terra/Natureza, e encontra sustentação também em Ritter.

“Ritter desenvolve em especial, a grande lei da correlação do Homem e da Terra, da natureza e da história (DE GREEF, 1906, p. 15, tradução nossa). Um registro de Ritter, acerca da relação Geografia-História, pode ser reconhecido na posterior obra reclusiana, quem sabe mesmo o tenha inspirado. Escreve Ritter:

Parece-me que o caráter físico da Terra tem sido muito superficialmente estudado em sua relação com a geografia. Tenho pensado, pelo contrário, o que deve ser feito na base desta ciência. A cronologia é para a história, em tudo o que diz respeito ao tempo, o que a história natural é a geografia em tudo o que refere ao espaço (RITTER, 1867, p. 114, tradução nossa).

Reclus irá se aproximar muito em sua análise da categoria tempo, isto é, a História, a “sucessão de idades”, se alia intimamente com sua proposta de Geografia. Essa inclinação parece encontrar em Ritter, muito embora, não possamos, apenas que vagamente, apontar indícios dessa possível aproximação. Ritter irá escrever que “[...] a Terra e seus habitantes ficam nas relações mútuas mais próximos, e um elemento não pode ser visto em todas as suas

fases, sem os outros. Nesta conta, história e geografia devem sempre andar de mãos dadas” (RITTER, 1867, p. 114, tradução nossa). Tal pressuposto, parece-nos, divulgar ressonância nas palavras de Reclus, que aponta: “[...] vista de cima, em sua relação com os homens, a Geografia não é outra coisa do que a História no espaço, ao mesmo tempo que a História é a Geografia no tempo” (RECLUS, 1905, t. I, p. 4, tradução nossa).

Para Reclus, a Geografia é uma única ciência (ANDRADE, 1985); “[...] a geografia não é algo imutável; ela faz-se, refaz-se todos os dias, a cada instante modifica-se pela ação do homem” (RECLUS, 1905, t. VI, 457; tradução nossa). Reclus não se preocupou, em instituir um *status* científico, estabelecer limite para o conhecimento geográfico; assume a “unidade da geografia” (LACOSTE, 1981); não divulga separação entre Geografia física e humana. A fragmentação e o isolamento, no estudo da ciência, foram combatidos por Reclus, pois conduziria a seu endurecimento e empobrecimento. Reclus, então, não possui caráter normativo.

A relação Natureza-Homem, em Reclus, assume por base filosófica, a tradição riteriana e a *Naturphilosophie* de Friedrich Schelling (1775-1854): “[...] o procedimento reclusiano não considera jamais a humanidade (portanto a história), como separada da natureza (portanto da geografia)” (FERRETTI; PELLETIER, 2014, p. 10, tradução nossa). “A dialética, aquela de Schelling, é a que Reclus adere e põe à sua volta o problema em um quadro epistemológico em que os elementos estão em causa sempre em dois, oposto e complementar: a humanidade a natureza, autoridade e liberdade, tempo e espaço, etc.” (FERRETTI, 2011b, p. 11).

Encontramos tais reflexões, acerca do pensamento reclusiano, em Moreira:

A Geografia dá ao homem a medida de sua dimensão libertária na história. Eis sua ideia num resumo. Ao colocá-lo espacialmente diante da natureza, a Geografia coloca-o num estado de autoconsciência. Reclus mostra aqui um conceito de espaço indissociado do homem e da natureza, e isso a partir do próprio fato da indissociabilidade do homem e da natureza em si mesmos. Nasce dessa indissociabilidade uma Geografia livre dos males da dicotomia. Por isso, não se perde Reclus na necessidade de explicitá-la se é uma Geografia Física ou uma Geografia Humana ou se é uma Geografia Sistemática ou uma Geografia Regional. Porque o pecado original de toda dicotomia, que é a relação de externalidade recíproca entre o homem e a natureza, e, em consequência do homem e da natureza com o espaço, que é uma característica do pensamento moderno, diga-se positivista e neoknadiano, não é por ele cometido (MOREIRA, 2011, p.168-169).

Outro geógrafo brasileiro, contemporâneo, que procura nas palavras de Reclus apontamentos para discutir a construção da ciência geográfica é, Marcelo Lopes de Souza. O aludido autor, nos propõe palavras sugestivas, quanto à inesgotável discussão da “identidade

da Geografia”, e que tem como pano de fundo a proposta apresentada por Reclus, em especial a partir de sua obra *L’Homme et la Terre*.

Escreve acerca da relação Sociedade-Natureza na Geografia:

Em vez de tratá-la dicotômica e dualisticamente (como se fosse realmente razoável “descolar” sociedade e natureza uma da outra, ou como se não achassem dinâmica, processual e historicamente entrelaçadas de modo complexo), e também em vez de apenas decretar que a Geografia é ‘social’ e que a Geografia Física é uma ilusão ou um anacronismo, não seria uma questão de sensatez, mais até do que uma simples “tolerância”, reconhecer que a Geografia é, diferentemente da Sociologia, da Ciência Política ou da História, mas também da Física, da Astronomia ou da Química, *epistemologicamente bipolarizada?* (SOUZA, 2013, p. 24-25).

Assinala, o referido autor, que no interior do vasto campo da Geografia se abrigam dois polos epistemológicos aparentemente distintos: o do conhecimento sobre a Natureza e o do conhecimento sobre a sociedade. Os geógrafos, geralmente, optam por um dos polos, que possui uma discussão teórica, conceitual e metodológica própria. É necessário reconhecer as especificidades de cada polo, para podermos falar em cooperação, ou minimamente em respeito mútuo entre os mesmos. Ambas opções são legítimas e, cada qual, possui interesses, treinamentos e olhares diferentes (SOUZA, 2013).

Essa compreensão é a base de uma convivência produtiva. Assim, “[...] pode-se chegar, e é desejável que se chegue, ao desenho de problemas de pesquisa e à construção de objetos de conhecimento específicos que promovam, sem subordinações e sem artificialismo, colaboração e diálogo” (SOUZA, 2013, p. 25). Em resumo, que promovam a *unidade da diversidade*, sem sustentar-se hierarquia de um polo sobre o outro. Isso seria o necessário para se gerar *sinergias*, dessa forma atualizando e modernizando os fundamentos que a obra de Reclus esboça.

Reclus afirma, que em tempos de crise aguda, em que o remoinho da evolução se torna tão rápido, a velocidade dos acontecimentos traz vertigem ao homem, o que faz o estudo da História se tornar ainda mais importante, por oferecer-nos exemplos mais ricos e variados. A “[...] sucessão das idades se torna para nós uma grande escola cujos ensinamentos se ordenam diante de nossos espíritos e acabam até por se agruparem em leis fundamentais” (RECLUS, 1905, t. I, p. II, tradução nossa).

No Prefácio de *L’Homme et la Terre*, Reclus anuncia três ordens de fatos que acontecem na história da humanidade e estão ligadas ao estabelecimento da natureza da Geografia, quais sejam: a luta de classes, a busca do equilíbrio e a decisão soberana do indivíduo, “[...] tais são as três ordens de fatos que nos revela o estudo da *géographie sociale*

e que, no caos das coisas se mostram bastante constantes para que possamos lhes dar o nome de “leis” (RECLUS, 1905, t. I, p. IV, tradução nossa).

A primeira “lei” que assevera Reclus, se exprime no *desenvolvimento desigual nos indivíduos e nas sociedades*, resultando na formação de classes em todas sociedades humanas, (com exceção dos povos primitivos), “[...] não somente diferentes, mas opostos em interesses e tendências, mesmo francamente inimigos em todos períodos de crise” (RECLUS, 1905, t. I, p. III, tradução nossa). Tal constatação evidencia uma inclinação às contribuições de Marx e Proudhon, que teorizaram o conceito de luta de classes (ROQUES, 2011). Reclus continua: “[...] tal é, sob mil formas, o conjunto de fatos que se observa em todas as regiões do Universo, com a infinita diversidade determinante dos sítios, dos climas e labirintos mais e mais intrincado aos acontecimentos” (RECLUS, 1905, t. I, p. III, tradução nossa).

A segunda “lei” é a *busca do equilíbrio*, consequência da divisão em classes: “[...] é que o equilíbrio rompido de indivíduo a indivíduo, de classe a classe, balança constantemente em torno de seu eixo de repouso: a violação da justiça clama sempre vingança. Daí, incessantes oscilações” (RECLUS, 1905, t. I, p. III, tradução nossa). Reclus tomará discussões bastante em voga na época (de Darwin na Biologia, de La Play na Sociologia, e ainda Kropotkin), para revelar e dar sustentação a tal apontamento (ROQUES, 2011). Dessa forma, a partir de tal lei, afirma: aqueles que estão no poder lutam para permanecer, enquanto os que servem se esforçam para conquistar a liberdade, mas em seguida tentam reconstituir o poder em proveito de classe próprio, assim é que se sucedem as guerras.

A terceira “lei” (na qual se encontra a originalidade no pensamento geográfico de Reclus) é a *soberania individual*, elemento primário da sociedade e de qualquer mudança. A diferença entre Karl Marx (1818-1883) e Reclus é que o geógrafo apontava a liberdade individual como principal elemento para orientar a transformação equitativa do mundo. “Um terceiro grupo de fatos, relativo ao estudo do homem em todas as idades e em todas as regiões, nos atesta que nenhuma evolução na existência dos povos pode ser criada somente pelo esforço individual” (RECLUS, 1905, t. I, p. III, tradução nossa); apenas as forças associadas é que a podem realizar.

O indivíduo, como célula fundamental para uma transformação positiva, perpassa o projeto de ciência de Reclus. A constituição de sujeitos responsáveis atuando coletivamente pelo apoio mútuo, apoiados por uma mesma luz, pode projetar uma sociedade sustentada nos princípios da solidariedade e da liberdade.

A ordem dessas três leis reclusianas, e sua pulsão libertária, situará Reclus contra todos determinismos que atribuem a origem e causa das coisas em um princípio superior

único (PELLETIER, 2011b). “Pois cada forma, resumindo em si todas as leis do universo que concorrem a determiná-la, é igualmente uma consequência maravilhosa” (RECLUS, 1905, t. VI, p. 518, tradução nossa).

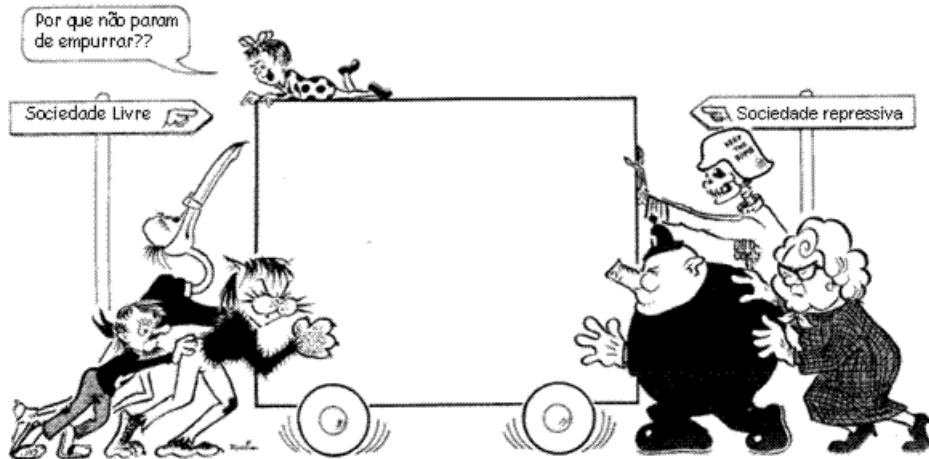
As três leis, “[...] revelam essa tensão de sempre entre o homem e a natureza, isto é, a liberdade, a única opção que distingue completamente o homem do animal” (PELLETIER, 2011b, p. 16); embora, Reclus alerte: qualquer que seja a “[...] liberdade relativa conquistada por nossa inteligência e nossa vontade próprias, nós não deixamos de ser produtos do planeta: ligados à superfície como imperceptíveis animálculos, somos arrastados em todos os seus movimentos e dependemos de todas as suas leis” (RECLUS, 1864, p. 762, tradução nossa).

A proposta de Geografia, de Reclus, aponta “[...] em última instância, o problema da liberdade” (PELLETIER, 2011b, p. 11); esta última deve ser estendida a todo indivíduo, a toda célula fundamental do organismo social. A liberdade, para os anarquistas, é, por essência condição de humanidade. Para Reclus: “[...] pessoa nenhuma tem o direito de se apropriar da liberdade de outro homem” (RECLUS, 1911, t. II, p. 279, tradução nossa).

A liberdade, na perspectiva libertária, é entendida como fenômeno social, resultante da relação do Homem com o mundo, e que se torna indispensável para a conquista. Ela só pode ser construída; e não é um decreto que irá dizer se se é ou não livre, mas, sim uma construção social, que, dessa forma, só pode ser coletiva, pois as liberdades não se concedem, se conquistam (KROPOTKIN, 1892). A visão liberal, conservadora, ao contrário, coloca a condição de liberdade como algo pré-existente, independente da luta de classe, exterior ao Homem.

Uma sociedade livre só pode ser construída por homens livres. Como a liberdade é uma construção individual e coletiva pressupõe que uma sociedade livre, mais do que um objetivo é um processo, em constante movimento. Reclus afirma: “[...] a grande maioria dos homens compõe-se de indivíduos que se deixam viver sem esforço, como uma planta, e que não procuram de forma alguma reagir, seja para o bem, seja para o mal, em relação ao meio no qual mergulham como uma gota de água no oceano” (RECLUS, 2002, p. 46). Porém: “parar é impossível, é preciso mover-se em um sentido ou em outro” (RECLUS, 1891, p. 10, tradução nossa).

Figura 3: Mais que um objetivo uma sociedade livre é um *processo*, em constante movimento.



Fonte: adaptado de SOBREIRA (2009, p. 135)

“A liberdade não é um presente que se recebe de um Estado ou de um chefe, mas sim um bem que se conquista diariamente, graças ao esforço de cada um e da união de todos” (CAMUS, 2014, p. 82). A liberdade só pode ser fruto do diálogo entre as diferentes posições. Não há uma liberdade ideal, que nos será oferecida por simples bondade alheia, mais cedo ou mais tarde, “[...] de uma só vez, com a quem se dá a aposentadoria. Há liberdades por conquistar, uma a uma, penosamente; e as que ainda possuímos são etapas, sem dúvida insuficientes mas certas, no caminho de uma libertação completa” (CAMUS, 2014, p. 80).

Reclus esboça uma ciência libertária, com inclinação anarquista, que possui na Geografia dupla inspiração: “[...] a do movimento social e dos teóricos” (CREAGH, 2011, p. 23). Essa dupla animação não ocorre de maneira divergente; o contato constante, promove a *práxis* por reconhecer o movimento, ânimo da mudança social.

Primeiro: a geografia em movimento admite que o “[...] anarquismo é antes de tudo um movimento que se situa no espaço, não na história, pois a dominação inscreve-se sempre no espaço e é o espaço que devemos liberar” (CREAG, 2011, p. 23); Segundo: a geografia dos poderes, supõe que: “uma geografia libertária situa-se na grande dissidência, aquela que questiona os poderes, ou, para ser mais preciso, as diversas formas de dominação e exploração” (CREAG, 2011, p. 25).

As categorias fundamentais de *L’Homme et la Terre*, *espaço* e *tempo* perpassarão sua interpretação Natureza-Homem. Em conjunto, com as categorias já citadas, a *sociedade* e o *indivíduo*, formarão uma relação dialética na proposta de Geografia de Reclus (CREAGH, 2010). Essa relação havia sido exposta, em sua obra precedente, *Nouvelle Géographie Universelle*. Escreve nas *considérations générales*: “A mudança gradual da importância histórica das terras, tal é o fato capital que é preciso manter na memória quando queremos

compreender a Geografia geral [...]. Ao estudar o espaço, é preciso levar em conta um elemento de mesmo valor, o tempo” (RECLUS, 1876, p. 8, tradução nossa).

Em *L’Homme et la Terre*, afirma: as ações do Homem através do “[...] tempo modifica incessantemente o espaço” (RECLUS, 1905, t. I, p. 120, tradução nossa); outro elemento: “[...] ao meio-espaço, caracterizado por mil fenômenos exteriores, é preciso acrescentar o meio-tempo, com suas transformações contínuas, suas repercussões sem fim” (RECLUS, 1985, p. 57).

“Uma perspectiva anarquista inscreve o espaço no tempo, mas dá primazia ao espaço, pois ela considera a história como uma ficção, uma simulação, para não dizer uma mentira” (CREAGH, 2011, p. 26). Para Reclus “[...] o espaço de um lado é a prisão dos homens e de outro é a possibilidade de sua emancipação libertária. O socialismo reivindicativo [...] é o caminho (MOREIRA, 2011, p. 169). Para Reclus: o espaço, “[...] não é aquele, abstrato, de Descartes, mas aquele outro de uma Geografia celebrando os frêmitos do planeta, suas planícies, seus rios, seus lagos e seus mares, seus climas e regiões. Esses meios não são fixos, dados uma vez por todas, suas propriedades são variáveis” (CREAGH, 2010, p. 14). O movimento dá condição; e, sustenta a realização da Natureza, em todas as suas possibilidades e direções.

Nesse ponto, Reclus foi vanguardista, notadamente, ao substituir “[...] as explicações lineares de causa-efeito por uma explicação dialética, que incorpora a visão do homem como um agente ativo em suas relações com o meio” (NADIR, 1980, p. 22, tradução nossa). “Em resumo, o homem experimenta sua relação com um espaço onde acontece perpetuamente o diálogo entre o lugar, visto em toda a sua intimidade, e o planeta, sob o governo das influências cósmicas” (CREAGH, 2010, p. 15).

O tempo associa-se a uma criação social, vítima dos preconceitos dominantes e opressores. O espaço é bem mais complexo, pois ele considera fatores para além da ação humana. “Ele imbrica a alteridade, as diferenças, as individualizações. Não é, portanto, sem preocupação que Élisée Reclus mescla o espaço e o tempo” (CREAGH, 2011, p. 26)⁹.

O tempo é produto da ação do Homem, que imprime inéditas revelações, à sociedade, em perene transformação, que busca sua “definitiva floração” (RECLUS, 1905). Assim: “[...] diversas épocas coexistem: o presente porta em seu seio todos os vestígios e as cicatrizes do

⁹ “O espaço faz-se sinfônico, transforma-se em um hino à natureza; o tempo desposa a sociedade, pois quando esta sai de seu isolamento, torna-se mais complexa; a mudança linear da história transforma-se em uma ascensão em espiral. Em resumo, a crescente complexidade que se observa na evolução da Terra e de seus seres vivos, aplica-se também a humanidade. E o indivíduo, que não pode ser passivo, é o agente dessas novas harmonias” (CREAGH, 2010, p. 16).

passado, pois este está sempre ali” (CREAGH, 2010, p. 15). Dentre as múltiplas combinações, Reclus irá distinguir duas formas sociais, uma “primitiva”, mais simples e solidária entre seus pares, e a sociedade “civilizada”, dividida, contraditória, mas infinitamente mais complexa que a primeira. A “[...] sociedade atual contém em si todas as sociedades anteriores em estado de vestígios” (RECLUS, 1905, t. VI, p. 504, tradução nossa), e é nesse cenário, nesse “teatro geográfico”, que todos os marcas vêm a reagrupar-se para buscar a unidade humana na Terra.

É, portanto, apenas pela maior complexidade dos elementos que entram em sua formação que a sociedade moderna pode reivindicar uma superioridade particular sobre as sociedades que a precederam; ela tem mais amplitude, constitui-se em um organismo mais heterogêneo pela assimilação sucessiva dos organismos justapostos. Mas, por outro lado, essa vasta sociedade tende a simplificar-se: ela busca realizar a unidade humana tornando-se gradualmente depositária de todas as conquistas do trabalho e do pensamento em todos os países e em todas as épocas (RECLUS, 1905, t. VI, p. 518, tradução nossa).

Admite, Reclus que a sociedade é fruto de inúmeras combinações, de forças humanas e fatores físicos que se integram e interagem nunca isoladamente. Assume posição contra os discursos “deterministas” largamente divulgados em sua época, anotando críticas à forma como estes, privilegiam um fator natural entre muitos para explicar as características de um grupo humano (LACOSTE, 2005). Atribui “[...] ao meio combinação dinâmica de diferentes fatores [...]”, resultado, processo da ação humana, aproximando-se da dialética¹⁰, antecipando: “[...] o meio é sempre infinitamente complexo” (RECLUS, 1905, t. I, p. 108, tradução nossa).

Para além de uma visão reducionista, do processo histórico, que pressupõe linearidade sucessiva de eventos, Reclus considera que o tempo pode ser díspar, pois ele depende da relação dos homens entre si e destes com a Natureza, em determinado espaço. Essa revelação, pode ser compreendida como uma espiral histórica e geográfica.

A espiral, representa a relação Natureza-Homem, para Reclus. Em sua análise, pode-se dizer, há uma aproximação com o pensamento dialético (serial); não se limita a pensar uma espiral homogênea e geometricamente regular (com movimento unidirecional e estabilizado); admite o embate de contrários, uma dialética de balanceamentos (PELLETIER, 2011a). É uma espiral, que redimensiona sua envergadura a cada novo acontecimento (CREAGH, 2010). Essa flexibilidade vem do fato de que, nem Homem, nem Natureza, são imóveis; esse

¹⁰ “A discussão e utilização da dialética na geografia não são fatos recentes [...], isto já havia ocorrido com Élisée Reclus” (OLIVEIRA, 1998b, p. 140).

movimento poderia ser comparado a um redemoinho (RECLUS, 1905). O movimento, em espiral indefinida, traduz a teleologia da História, condição da relação Natureza-Homem.

Essa teleologia da História, presente nas obras de Reclus, irá se expressar, sobretudo, na sua derradeira obra *L'Homme et la Terre* (1905-1908).

Há se grifado *L'Homme et la Terre*, como a obra que ilustra, mais claramente, a posição política de Reclus: o anarquismo-comunismo (DUNBAR, 1985). A conclusão da obra acena a esse pressuposto, ainda que não de forma explícita.

No Prefácio de *L'Homme et la Terre*, escreve Reclus, que após finalizar *Nouvelle Géographie Universelle* “[...] exprimia o desejo de poder um dia estudar o Homem na sucessão das eras como eu tinha observado nas diversas regiões do globo” (RECLUS, 1905, t. I, p. I, tradução nossa). Continua no referido Prefácio, que sua intenção ao estudar os grupos humanos, a humanidade, ao longo das idades, era: “[...] “estabelecer as conclusões sociológicas às quais eu havia sido conduzido” (RECLUS, 1905, t. I, p. I, tradução nossa).

A qual principal conclusão que Reclus chega? No final da obra, especialmente no último capítulo, intitulado *Progrès*, Reclus aponta, com teor finalista, que devemos “[...] tomar definitivamente consciência de nossa humanidade solidária” (RECLUS, 1905, t. VI, p. 541, tradução nossa). A solidariedade (universalista) deve e pode ser reconstruída solidamente, isso nos conduzirá ao progresso geral; essa possibilidade é realizável através da educação e da ciência.

O que o conduz a essa conclusão é a observação, a experimentação, sobretudo, a *comparação* entre os diferentes povos (extintos ou não) e nações, ao longo do espaço (Geografia) e do tempo (História). Essa comparação entre as regiões, ao longo a evolução da humanidade havia sido exposta, densamente, em sua *Nouvelle Géographie Universelle*.

Reclus mostra sua ideia da unidade da humanidade, da “unidade da diversidade”, no final da *Nouvelle Géographie Universelle*. Coloca no tomo XIX, como “palavras finais”: “[...] a humanidade é uma. Que nossas origens têm sido múltiplas ou não, esta unidade cresce. Ela torna-se uma realidade viva” (RECLUS, 1894b, p. 794, tradução nossa).

Para Reclus, o Homem deve reconhecer a unidade que pode ser construída da relação Natureza-Homem: esse é o destino que acena. A diversidade é presente; o movimento, manifesta inéditas revelações que se traduzem na realidade, não há como isso ignorar. É necessário reconhecer a diversidade, para que possamos projetar uma relação de unidade Natureza-Homem. Aponta: “E se a Terra parece lógica e simples na infinita complexidade de suas formas, a humanidade que a habita não seria ela, como se diz frequentemente, uma

massa cega e caótica, acenando de forma aleatória, sem meta, sem ideal realizável, sem a consciência de seu destino?” (RECLUS, 1894b, p. 795, tradução nossa).

Em texto, de 1894 - quando se prepara para iniciar *L'Homme et la Terre* - intitulado *Quelques mots d'histoire*, assim, Reclus o inicia: “O primeiro fato que impressiona o homem sincero em seus estudos sobre as evoluções contrastadas do Homem e da Terra é a unidade definitiva realizando-se na infinita variedade das regiões do mundo habitável” (RECLUS, 1894c, p. 489, tradução nossa). Reclus observa e compara os indícios, que esboçariam os contornos da globalização. Acena a união universalista (fraternalista) dos povos, não na dominação hegemônica, de uma nação sobre as outras, como viria a acontecer. Para Reclus:

A história outrora, compunha-se de histórias distintas, locais e parciais, sem convergir para um centro comum: para as pessoas do Ocidente, elas gravitavam em torno de Babilônia, ou Jerusalém, de Atenas a Alexandria, de Roma ou Bizâncio; para os asiáticos, elas tinham os centros distintos de Cambalou, Nanquim, Ujain, Benares ou Delhi; enquanto no Novo Mundo, então desconhecido pelo Antigo, povos olhavam uns para Tezcucou ou México, os outros para Cuzco ou Cajamarca, e milhares de tribos selvagens imaginavam como centro do mundo um grupo de palhoças erguido na floresta, talvez mesmo uma simples cabana no meio dos prados, uma rocha, uma árvore sagrada na qual pendiam alguns panos. Agora a história é aquela do mundo inteiro: ela desenvolve-se em torno de Seul e nas margens o golfo Petchili, nas florestas profundas do Congo e nos planaltos abissínicos, nas ilhas de sonda e nas Antilhas bem como em todos os lugares famosos outrora considerados como “umbigos” do grande corpo terrestre. Todas as fontes do rio, outrora distintas e correndo subterraneamente nas cavernas, uniram-se em um único leito, e as águas espraíram-se largamente a luz do céu. Só em nossos dias a história pode-se dizer “universal” e aplicar-se a toda família dos homens. As pequenas pátrias locais perdem sua importância relativa em proporção inversa ao valor que adquire a grande pátria mundial. As fronteiras convencionais, sempre incertas e flutuantes, apagam-se gradualmente e, sem desejá-lo, o patriota mais ardente torna-se o cidadão do mundo: malgrado sua aversão pelo estrangeiro, malgrado a aduana que o protege contra o comércio com o exterior, malgrado os canhões apontados dos dois lados da linha-tabu, ele come o pão que vem da Índia, bebe um café colhido por negros ou malaaios, veste-se com tecidos feitos com a fibra enviada da América, utiliza invenções devidas ao trabalho combinado de mil inventores, de todos os tempos e todas as raças, vive sentimentos e pensamentos que milhões de homens vivem com ele de um extremo do mundo ao outro (RECLUS, 1894c, p. 489-490, tradução nossa).

O otimismo de Reclus - com inclinação a Rousseau - na imanente “bondade do Homem”, que se associa livremente para partilhar de um mesmo ideal, como “os cristais se unem para formar as gotas, as gotas para formar o rio”, deve ser considerada ingênua. Sua educação juvenil, a partir da Bíblia, e do protestantismo da família, cristalizara a moral cristã, que o acompanhará pela vida. Apesar de ainda jovem ter se afastado da religião - de fato, o pai, pastor protestante, desejava o mesmo destino ao filho - a moral cristã, será sentida em

seus escritos; não raramente veremos menções a Bíblia, de forma especial a São Francisco de Assis, de quem partilhava a ideia de solidariedade, para formar a grande família humana.

É muito claro o vínculo de Reclus com Jean-Jacques Rousseau (1712-1778). A ideia de que os homens nascem naturalmente livres e aceitam abrir mão de parcela de sua liberdade em nome de um pacto social essencial ao estabelecimento do convívio em sociedade, que é quebrado pela instituição da propriedade privada, introduzindo a relação de desigualdade entre os homens é uma ideia de Rousseau transportada por Reclus como discurso classista dos arranjos do espaço como uma transparência cristalina (MOREIRA, 2011, p. 169).

Reclus reconhece que o progresso humano é marcado por contradições, ao longo da história da humanidade. No entanto, sua interpretação, demasiado tímida, investe em analisar as contradições inseparáveis ao modo de produção capitalista, implicação da luta de classes.

Reclus, analisa a transição do feudalismo para o capitalismo e mostra o elemento que permanece nos interstícios do vigente modo de produção, que pode ser responsável por estabelecer uma sociedade mais igualitária: o princípio do comunitarismo. A associação da Geografia com a Filosofia libertária, que Reclus faz, revela um aspecto distinto em sua interpretação da transição do feudalismo para o capitalismo. Ao lado do feudo e do burgo, Reclus coloca a presença da comunidade, nos convidando a uma releitura de nossas teorias de transição. O capitalismo, para Reclus, não surge do embate do burgo contra o feudo, mas do burgo com o feudo, e a comunidade (MOREIRA, 2011). “É assim que se eliminou o feudo, mas não se eliminaram a comunidade, a cultura e a ideologia comunitária na história. Por isso a comunidade trava hoje com o capitalismo uma luta de contra-espço tal qual no passado com o feudalismo” (MOREIRA, 2011, p. 169).

Apesar de analisar peculiarmente esse aspecto da transição do feudalismo para o capitalismo, Reclus não investe em tratar com devido cuidado a luta de classes; para ele se trata de assegurar a liberdade individual a todo Homem, isto é, a soberania individual deve ser respeitada. Para Reclus: “Os homens livres se observam de frente, e a primeira condição dessa franca igualdade é que os indivíduos sejam absolutamente independentes, um em relação ao outro, e ganhem seu pão pela mutualidade dos serviços” (RECLUS, 1905, t. VI, p. 529-530, tradução nossa).

Reclus anota, em carta a Richard Heath: “Eu acredito que os seres humanos devem tender para a liberdade completa, absoluta. Eu acredito que toda opressão apela à reivindicação e que todo opressor, individual ou coletivo, está exposto à violência” (RECLUS, 1911, t. II, p. 425, tradução nossa). Continua: “Aquele que comanda se deprava,

aquele que obedece atenua. Dos dois lados, como tirano ou como escravo, como encarregado ou como subordinado, o homem diminui” (RECLUS, 1925, p. 123, tradução nossa).

Reclus se permite a falar: “Minha obra, minha meta, minha missão, é consagrar toda minha vida para fazer cessar a opressão, atingir o período de respeito à humanidade.” (RECLUS, 1911, t II, p. 425). Em carta de 1892 (sem destinatário), Reclus escreve acerca de sua proposta de sociedade: “A vida sem mestres”, a favor da sociedade bem como do indivíduo, o acordo social, emana não da autoridade e da obediência, da lei e de aprovações penais, mas da associação livre de indivíduos e de grupos, conforme a necessidade e o interesse de todos e de cada um” (RECLUS, 1925, p. 123, tradução nossa).

Em carta, escrita à Clara Koettlitz (Bruxelas, a 12 de abril de 1895), Reclus afirma, quanto à importância da soberania individual, essencial para toda e qualquer mudança social.

Os jovens - vocês felizmente a frente terão um longo futuro de felicidade e bondade, - os jovens imaginam decididos repentinas revoluções. Não, as transformações se fazem lentas, e, por isso temos de trabalhar com mais consciência, paciência e dedicação. Na pressa de uma revolução imediata, nos expomos a uma reação de desespero, quando se observa a autoridade de preconceitos absurdos, da ação de paixões ruins. Mas o anarquista consciente não se desespera: ele vê o desenvolvimento das leis da história, as mudanças graduais da história, e se ele não pode agir sobre o conjunto do mundo de uma maneira infenestimal, pelo menos ele pode agir sobre si mesmo, trabalhar a se liberar pessoalmente de todas as ideias preconcebidas ou impostas, e gradualmente o grupo de amigos em torno de si passa a viver e a agir da mesma forma. Se aproximando, através de pequenas sociedades amantes e inteligentes, é que se constituirá a grande sociedade fraterna (RECLUS, 1925, p. 182, tradução nossa).

Em carta, a Richard Heath (1884), encontramos apontamentos acerca de como pensa se realizar a união, a associação livre, dessas soberanias individuais; e aqui retornamos à analogia da humanidade ao rio, dos homens que: “como as gotas se unem para formar o rio”.

Dentro da concorrência vital entre as espécies que disputam o posto sobre a terra, eu vejo dois modos de luta bem distintos, aquele da violência pessoal, aquele da defesa coletiva. Em meu jardim eu vi um exemplo ainda hoje. Um gato insinua-se furtivamente por dentre as ervas e investe sobre um pequeno pássaro que ele pega em sua boca. Imediatamente, o pai, a mãe do passarinho se precipitam sobre o gato, as asas abertas. Eles não eram dois tordos e o gato podia mastigar num estalar de dentes os dois; mas estes animais do qual o amor foi maior que a fome, lhes fez medo. Por solidariedade, os dois pássaros haviam conquistado o animal felino. Isso é o que nós queremos fazer. A todas as violências pessoais, nós queremos opor à vontade coerente contra todos aqueles que possam oprimir. Meu ideal é aquele da árvore de Cafrerie, onde, unidas ninhadas de milhares de pássaros, os “republicanos”, felizes e conscientes da sua força, olhando sem temor o abutre planando no ar sobre a cidade. Nós não temos a necessidade de ser dominadores; não é uma vontade exterior a nossa que nos

faz permanecer na mesma comunidade, é a consciência de nossa solidariedade com todos. Somos úteis a nossos irmãos e nossos irmãos nos são úteis. Cada um de nós é livre, e a cidade inteira não é livre senão através de nós (RECLUS, 1911, t II, p. 324-325, tradução nossa).

Para Reclus, o questão a ser resolvida é de estabelecer uma sociedade de homens livres, que se associam livremente em fraternidade, não necessariamente sendo esse um processo de luta de classes. Em carta (18 de julho de 1892), expressa: “E quanto ao progresso, você conhece outra origem que não a compreensão e a iniciativa pessoais?” (RECLUS, 1925, p. 122, tradução nossa).

No Prefácio, de *L’Homme et la Terre*, escreve, acerca da soberania individual:

O equilíbrio das sociedades só é instável por causa do distúrbio imposto aos indivíduos em sua franca expansão. A sociedade livre se estabelece pela liberdade alcançada, no seu desenvolvimento completo, a cada pessoa humana, primeira célula fundamental, que se agrega em seguida e se associa, como lhe agrada, às outras células da mutável humanidade. É na proporção direta dessa liberdade e desse desenvolvimento inicial do indivíduo que as sociedades ganham valor e nobreza: é do homem que nasce a vontade criadora que constrói e reconstrói o mundo (RECLUS, 1905, t. I, p. III-IV, tradução nossa).

Reclus reconhece o “[...] contraste horrível, o mais grave flagelo da sociedade contemporânea” (RECLUS, 1905, t. VI, p. 534, tradução nossa). Entretanto, não procura esclarecer quais são as reais causas desse contraste. Para Reclus, as contradições sociais se realizam, muito mais, pela apropriação da liberdade do indivíduo, e dos produtos do seu esforço, que o são negados, do que de um processo, resultado da luta de classes.

Um exemplo: Reclus manifestou entusiasmo pelo avanço das ciências, que conduziriam ao estabelecimento de uma sociedade solidária. “Manifestou, não obstante um temor de que esse mesmo avanço tecnológico poderia conduzir à alienação e perda da liberdade do indivíduo” (NADIR, 1980, p. 15, tradução nossa). Reclus se preocupa com a perda da liberdade (do produto de sua força de trabalho) individual, e não propriamente com o embate entre opressores e oprimidos.

Reclus não fez uma análise em torno da apropriação da ciência em benefício de uma classe, a burguesa. Há uma diferença em relação a Marx: Reclus, apesar de admitir que elas existem, não constrói análise das causas destas contradições. Como hipótese, a concepção da dialética que Reclus assume ao longo de *L’Homme et la Terre*, a dialética serial, não aponta a centralidade do processo social (progresso humano), e quem sabe não tenha preocupado o geógrafo em desvendar as causas das contradições da sociedade.

Para Reclus: “Os pensamentos, os sentimentos, se não comuns ao menos tendendo a tornar-se, tal é a consequência de incalculável alcance que provoca essa fusão das histórias locais em história universal” (RECLUS, 1894c, p. 490, tradução nossa). Os homens, “senhores do espaço e do tempo”, a humanidade: “Admiravelmente equipada por seus progressos no conhecimento do espaço, naquele do tempo, da natureza íntima das coisas, e do própria homem [...], é atualmente bastante avançada para abordar o problema capital de sua existência [...]” (RECLUS, 1905, t. VI, p. 534, tradução nossa). O problema da existência é o Pão, isto é, condições o suficiente para alimentar, material e espiritualmente, a todo homem e toda mulher. “A conquista do Pão, tal como o verdadeiro progresso exige, deve ser realmente uma conquista” (RECLUS, 1905, t. VI, p. 528, tradução nossa).

A Geografia e a História Comparada, são responsáveis por revelar, indicar em *L’Homme et la Terre* - nesse tratado sobre a história da humanidade - o fator, o princípio, que conduziu ao progresso da humanidade, ao “curso natural da história” (RECLUS, 1894c, p. 492, tradução nossa), ao longo das idades: a solidariedade.

A história nos mostra que todo desenvolvimento progressivo deu-se em razão da liberdade de iniciativa; que todo movimento regressivo, exceto em catástrofe, inundação ou terremoto, teve por causa um retorno, um agravamento da servidão. Assim, os progressos de uma sociedade medem-se pela liberdade de pensamento e da ação das quais desfrutaram os indivíduos (RECLUS, 1894c, p. 491, tradução nossa).

Comparando as sociedades primitivas, antigas, com as modernas, Reclus chega à seguinte conclusão, exposta no capítulo derradeiro, *Progrès*: devemos recuperar todas as energias que se dissiparam das sociedades precedentes; e devemos imitá-las naquilo de bom que possuíam: a força, a agilidade, a saúde de corpo, sobretudo, os princípios que uniam uma mesma comunidade: a solidariedade e a liberdade.

Mas essa forma de compreensão, essa capacidade maior do homem moderno, que lhe permite reconquistar o passado do selvagem em seu meio natural antigo e associá-lo, fundi-lo harmoniosamente com suas ideias mais refinadas, todo esse acúmulo de força não pode resultar numa conquista definitiva, normal, senão sob a condição para o novo homem de abraçar todos os outros homens, seus irmãos, em um mesmo sentimento de unidade com o conjunto das coisas (RECLUS, 1905, t. VI, p. 538, tradução nossa).

A inevitável evolução da humanidade, para Reclus, que conduziria ao progresso desejado, estava longe de ter acabado. Progressos e retrocessos seriam sentidos, em todas as direções, na marcha da História: “[...] pois constituímos um todo, e, de progresso em progresso, bem como de recuo em recuo, a evolução produz-se de um extremidade do mundo

à outra” (RECLUS, 1905, t. VI, p. 540, tradução nossa). Todavia, isso não o proibia, de “[...] predizer seu resultado certo” (RECLUS, 1894c, p. 490, tradução nossa): a união do mundo em solidariedade, em fraternidade; este é o teor finalista do qual falamos.

A história também nos ensina que o trabalho dos homens associados, resultando na conquista e na unificação da superfície planetária, não se fez absolutamente de um movimento sempre igual e contínuo. Longe disso: períodos de reação sucederam-se aos períodos de ação, recuos seguiram-se aos progressos; o avanço geral realizou-se por uma espécie de oscilação, por uma série de idas e vindas, comparável ao vaivém das ondas na maré montante; sempre uma alternância de recuos momentâneos produziu-se na marcha coletiva dos homens. Desde que a memória dos eventos foi-nos conservada por anais, constatamos o prodigioso crescimento das riquezas, e vemos que no conjunto progredimos em ciência e na moral tanto quanto em riqueza: a humanidade tomou consciência de si mesma em seu imenso domínio (RECLUS, 1894c, p. 490, tradução nossa).

Em resumo: “Em sua essência, o progresso humano consiste em encontrar o conjunto dos interesses e das vontades comum a todos os povos; confunde-se com a solidariedade” (RECLUS, 1905, t. VI, p. 531, tradução nossa).

O progresso, divulgado na obra de Reclus, toma como pano de fundo, as discussões predominantes do período, especialmente o positivismo de August Comte (1798-1857). Reclus não escapa do positivismo, e das discussões que entusiasmavam a época; avalia e reelabora as formulações de Comte (1991). A ideia de Reclus não é aquela de um tempo linear, estável, como a pouco comentamos.

A ideia de progresso, para Reclus, considera o “movimento da sociedade” (RECLUS, 1905, t. VI, p. 501, tradução nossa); e, parte do seguinte pressuposto: “desde o começo do mundo, cada século aumentou e ainda aumenta a riqueza real, a felicidade, a ciência, e talvez a virtude da espécie humana” (RECLUS, 1905, t. VI, p. 502, tradução nossa)¹¹.

“Reclus evita confundir o progresso com a evolução: um e outro estão ligados à história, mas só a evolução é inevitável” (CREAGH, 2010, p. 19). A evolução “[...] é o movimento infinito de tudo que existe, a transformação incessante do Universo e de todas as suas partes desde as origens eternas e durante o infinito dos tempos” (RECLUS, 2002, p. 23).

A inevitabilidade da evolução é atribuída ao *movimento*, mola pulsante da história da humanidade (RECLUS, 2002). As forças da Natureza reagrupam-se para revelar o desenho do Universo; o Homem, por sua vez, à medida que as gerações avançam, na sucessão das idades,

¹¹ Pressuposto da obra de Edward Gibbon (1737-1794), historiador inglês, que teve como obra mais ilustre “A História do Declínio e Queda do Império Romano”.

aprende a dialogar com as forças da Natureza, e acaba, por associar sua força levada em conjunto, com as forças do meio.

A ideia de progresso, ligado à perspectiva de uma sucessão de eventos, que levam a uma evolução linear cíclica estável, é combatida por Reclus. Ao movimento de forças, “[...] produz-se incessantemente um movimento de ação e reação, e a resultante das forças em conflito nunca pode conduzir a humanidade segundo um linha reta” (RECLUS, 1905, t. VI, p. 526, tradução nossa). Tal ideia se sustenta nas três leis formuladas por Reclus, que revelam a *tensão* entre Homem e Natureza, imprimindo, ao primeiro, a liberdade, o ser que possui consciência da Natureza, sendo isto o que o diferencia das demais partes integrantes da Natureza (PELLETIER, 2011b).

Essa tensão não é em nenhum caso resolvida por uma síntese artificial. Ela não pode e não deve fundir-se em um princípio único e novo. É tudo o que separa os dialetistas hegelianos, marxistas ou não, com sua tese/antítese/síntese, dos libertários. Proudhon ao desenvolver a dialética serial, ressaltou perfeitamente a importância das contradições no movimento histórico (reação/revolução, autoridade/liberdade) e do “equilíbrio dinâmico entre forças eternamente opostas”. A dinâmica reclusiana de “progresso e retrocesso” situa-se nessa perspectiva (PELLETIER, 2011b, p. 16).

A sua ideia de progresso se aproxima da imagem do movimento de um redemoinho (realizado em espiral); Reclus aponta: paralelamente avanços e recuos podem acontecer num mesmo espaço, num mesmo instante, pois “a Natureza - disse Reclus - é uma coisa muito complexa” (RYNER, 1930a, p. 100, tradução nossa). Essa discussão repousa em parte nas especulações filosóficas promovidas por Giambattista Vico (1744-1803), filósofo napolitano. Isso está anotado, em carta (1903) a Richard Heath: “Você me pergunta o que eu acho da teoria de oscilações na história. Esta é, no fundo, a ideia de *corsi* e *ricorsi* de Vico” (RECLUS, 1925, p. 259, tradução nossa).

O progresso da humanidade fica evidente para Reclus, quando olha para os exemplos que a história oferece. Essa é uma ideia cara a Vico, mas refinada pelas mãos de Reclus. Para Vico (1979), a história da humanidade apresenta movimento, em oscilações, ora de progresso, ora retrocesso. Todavia, enquanto para Vico essas oscilações se apresentam separadamente, isoladas, em períodos, Reclus observa que eles acontecem intrinsecamente ao mesmo tempo, mesmo que o *corsi* possa ora se sobressair, ora ofuscar-se. Para Reclus a ideia de Vico: “[...] é afinada, mas apenas parcialmente. Há movimentos para trás e para frente, de sístole e de diástole, mas todos estes movimentos são secundários, e a corrente global conduz tudo com vento de tempestade levando consigo todo o sistema indefinido ao céu” (RECLUS, 1925, p. 259, tradução nossa).

A ideia de Vico pode dar conta de explicar as sociedades de outrora, que, isoladas viviam; nos quais o fluxo e o refluxo eram sentidos apenas no interior de um grupo independente, em uma sociedade fechada, que se comportava como indivíduo, como célula distinta e independente. À medida que as sociedades primitivas (que os diferentes povos; nações) conhecem-se (mundializam-se), a teoria de Vico se torna limitada.

Assim que a ciência da história cresceu, e que os elementos étnicos encontram-se diversamente aumentados, a perturbação deve necessariamente produzir-se na alternância ritmada dos acontecimentos: o fluxo e o refluxo assumem tal amplitude e entre mesclam-se de uma maneira tão variada que não se pode reconhecê-los com certeza; e é, por uma boa parte, a fim de reencontrá-los num belo arranjo, que se substituiu a figura plana onde move a oscilação de Vico por uma curva sem limite de espirais ascendentes. Eis uma imagem poética como Goethe gostava de desenhá-las; todavia ela não responde a realidade senão muito vagamente (RECLUS, 1905, t. VI, p. 526, tradução nossa).

Diferente de Vico, que aponta que cada etapa da história da humanidade apresenta *curso* ou *re-curso*, fluxo ou refluxo, Reclus insiste que esses movimentos coexistem, se assemelhando a uma espiral (contorcida), porém não totalmente. Reclus nos mostra um exemplo: “Somando tudo, se houve um grande declínio desde as revoluções do meio do século XIX, houve também um progresso inverossímil, derivado do movimento socialista que está precisamente nos espíritos” (RECLUS, 1925, p. 259, tradução nossa).

Apesar de a forma em espiral poder representar a ideia de progresso no decorrer da história da humanidade, Reclus procurou esclarecer que essa ideia não é completamente correta. “O conjunto da prodigiosa fusão não é decerto desprovido de desenvolvimentos harmônicos, admiráveis oscilações nos mil detalhes de seus quadros, mas as formas geométricas, por mais elegantes que sejam, são insuficientes para dar uma ideia de suas ondulações sem fim” (RECLUS, 1905, t. VI, p. 526, tradução nossa).

Em final de vida, estando enfermo, Reclus teve um diálogo com a sua filha, testemunhado e rascunhado; dentre os assuntos tratados em tal prosa, estava o da ideia de progresso. Reclus fala: uma “[...] das coisas que nos enganam frequentemente é a mania que temos de falar do progresso no singular. Há progressos em domínios diversos e são menos solidários do que geralmente cremos” (RECLUS, 1930, p. 98, tradução nossa). Se ora avançamos, de um lado, de outra observamos recuos, “[...] e o que mais nos engana ainda, é que imaginamos e exigimos que este Progresso, arbitrariamente unificado, siga sempre um caminho simples, contínuo, linear, sempre visível e que aborde os obstáculos uns depois dos outros” (RECLUS, 1930, p. 98, tradução nossa).

Quando perguntado, pela filha, se sua ideia de progresso, seguindo em forma de zig-zag, assemelhava-se a uma espiral, em que por vezes, pode uma das curvas decrescer, Reclus afirma: “Esta imagem há encontrado, se não me recordo mal, em Goethe, e não me satisfaz. Vou expor uma que é quiçá menos pobre e menos inexata” (RECLUS, 1930, p. 98, tradução nossa). Reclus, então, compara a ideia de progresso a um rio, que enfrenta “[...] os obstáculos às vezes acumulados, ante um progresso, como uma montanha” (RECLUS, 1930, p. 98, tradução nossa).

Interrompidos como rios no período dos grandes lagos, numerosos progressos imóveis se acumulam, sobem, se irritam, sempre vencidos pela massa imóvel dos montes. Serão acaso estancamentos eternos e impaciências inúteis? Nada disso! Amanhã, dentro de um século ou dentro de dez milênios, a água tênue alcançará a brecha que o olho humano não pode descobrir. Ou quiçá encontrará na rocha, uma veia de terra branda fácil de transpassar [...].

A terra desliza, se desprende e roda sobre uma onda inesperada. As rochas caem, chocam entre si, se rompem em mil pedaços como as gotas de água. Cataratas de pedras e de água! Revolução! Logo, durante léguas ou milhares de léguas o rio desliza suave e harmonioso: logo volta outra vez a deter e acumula perseverança contra uma nova montanha que há de vencer: ou bem se perde e se dorme no oceano. Este progresso se detém um tempo e se obstina ante um segundo obstáculo. Ou se acalma para sempre, depois de haver terminado sua carreira e esgotado suas forças (RECLUS, 1930, p. 449, tradução nossa).

Quando um deslizamento obstrui um rio, as águas acumulam-se pouco a pouco até o alto do obstáculo, e um lago se forma por uma lenta evolução; em seguida, repentinamente, produz-se uma infiltração no dique, e a queda de uma pedra provocará o cataclismo: a barragem será violentamente arrastada e o lago esvaziado voltará a ser rio. Assim ocorrerá uma pequena revolução terrestre (RECLUS, 2002, p. 26).

A mudança deve ser tanto mais brusca, e até mesmo mais violenta, quanto mais alto e mais largo for o dique a ser derrubado, dique este composto de materiais solidamente construídos (RECLUS, 1894c, p. 492, tradução nossa).

O progresso, segue, como as águas de um rio. Esse processo não é sempre igual e linear em toda aresta do mundo. As sociedades diferenciam-se espacial e temporalmente, conforme a relação dos homens com a Natureza no “teatro geográfico. Nessa, “[...] espiral indefinida que a humanidade não cessa de percorrer, evoluindo sobre si mesma por um movimento contínuo vagamente comparável à rotação da Terra, amiúde ocorreu que certas partes do corpo aproximaram-se muito mais do que outras do ponto focal ideal da órbita” (RECLUS, 1905, t. VI, p. 512, tradução nossa). Os progressos não são regulares e estáveis.

Um outro contrapeso provém das possibilidade sempre presente de retrocesso. De um lado, todo progresso pode produzir decadências, e o vemos, por exemplo, quando ele mostra a superioridade muscular do “primitivo” sobre o civilizado. Por outro lado, o aperfeiçoamento nunca está assegurado, pois ele depende das livres escolhas individuais e coletivas, mas também das respostas do meio ambiente (CREAGH, 2010, p. 21).

Para Reclus: “o fato geral é que toda modificação, por mais importante que seja, realiza-se por um adjunção ao progresso de retrocesso correspondente” (RECLUS, 1905, t. IV, p. 531, tradução nossa). Porém, Reclus aponta: “Nunca nenhum progresso, quer seja parcial ou geral, realizou-se por simples evolução pacífica; sempre se fez pela revolução repentina” (RECLUS, 1889, p. 154, tradução nossa).

Otimista, o progresso é sim, possível para Reclus. A felicidade da humanidade, do “imenso organismo social” (RECLUS, 1905), unida em um só corpo e objetivo, sem desigualdades sociais e com homens e mulheres gozando de plena liberdade, guiados pela luz da livre associação. A cada sopro adiante, cada progresso (por mais infenistimal que seja), “[...] apressa o progresso geral, e são como gotas de água dando corpo ao grande rio. Fundamos em nós mesmos e ao redor de nós pequenas repúblicas. Gradualmente esses grupos isolados se reaproximarão como os cristais esparsos e formarão a grande República” (RECLUS, 1911, t. I, p. 206, tradução nossa).

A nossa *soberania individual* é uma dentre todas do mundo inteiro. A “[...] nossa ação individual sobre essa enorme massa será portanto bem mínima e nós teremos feito avançar a assustadora máquina apenas de um crânio, de uma pequenez infenistimal” (RECLUS, 1911, t. I, p. 206, tradução nossa); somente a associação poderá reforçar a busca do equilíbrio, de um progresso geral.

Reclus acena a busca do equilíbrio e da harmonia, ideia principal de seu pensamento; mas, essa busca, é, antes de tudo, um processo e não um objetivo. Se há avanços, e se as evoluções tendem para a humanização, há outras que podem tender ao recuo e ao atraso de tal anseio. Reforça: “[...] a humanidade se forma e se reforma com suas alternâncias de progressos, de recuos e de estados mistos, das quais cada um contribui diversamente para formar, modelar e remodelar a raça humana” (RECLUS, 1905, t. I, p. 116, tradução nossa).

O mundo edifica-se não apenas de avanços, de conquistas. Reclus afirma: “[...] eu estou longe de acreditar no progresso como um axioma. De minha parte, eu luto por que sei que é uma boa causa e por que estou assim consoante a meu senso de justiça” (RECLUS, 1911, t. II, p. 171, tradução nossa).

Por elevado que seja o nosso ideal ele é bem pouca coisa em comparação com os progressos imagináveis [...]. O que nós temos a fazer, durante esta vida de um dia é dizer com honestidade e simplicidade o nosso pensamento e iniciar com todas as nossas forças a realização do que nós julgarmos ser a verdade (RECLUS, 1933, p. 3).

A solidariedade é o princípio de humanização, para Reclus; sua conquista deve se realizar pelo esforço coletivo, que conduza ao progresso geral. O progresso do indivíduo “[...] confunde-se com aquele da sociedade, unida por uma força de solidariedade mais íntima” (RECLUS, 1905, t. VI, p. 506, tradução nossa). Reclus, afirma em carta a Richard Heath (18 de fevereiro de 1883): “[...] eu acredito, que o produto de um esforço coletivo deve ser propriedade comum” (RECLUS, 1911, t. II, p. 279, tradução nossa).

A felicidade, tal como a compreendemos, não é uma simples fruição pessoal. É verdade que ela é individual no sentido que “cada um é o próprio artesão de sua felicidade”, mas não é verdadeira, profunda, completa senão se estendendo sobre toda humanidade; não que seja possível evitar as aflições, os acidentes, as enfermidades e a própria morte, mas porque o homem, associando-se ao homem para realizar uma obra da qual ele compreende o alcance e segundo um método do qual conhece os efeitos, pode ter a certeza de orientar para o melhor todo esse grande corpo humano de que sua própria célula individual é só infinitamente pequeno, um bilionésimo de bilionésimo, se considerarmos as gerações sucessivas e não só o número atual dos habitantes da Terra enumerados pelos recenseamentos. Não é tal ou qual estágio da existência pessoal e coletiva que constitui a felicidade, é a consciência de caminhar para um determinado objetivo, que queremos e criamos parcialmente por nossa vontade. Ordenar os continentes, os mares e a atmosfera que nos envolve, “cultivar nosso jardim” terrestre, distribuir novamente e regular as convivalidades para favorecer cada vida individual de planta, animal ou homem, adquirir definitivamente consciência de nossa humanidade solidária, fazendo corpo ao grande planeta, abranger com o olhar nossas origens, nosso presente, nosso objetivo próximo, nosso ideal distante, é nisso que consiste o progresso (RECLUS, 1905, t. VI, p. 540-541, tradução nossa).

Reclus evita propor um dogma, apresenta uma narrativa edificante; admite: “nós estamos distantes, mas uma carta, uma palavra, a consciência de que pensamos e sentimos de acordo nos faz bem e nos fortalece através do espaço” (RECLUS, 1911, t. II, p. 327, tradução nossa).

Não se trata de pegarmos as formulações reclusianas e querermos realizá-las sem levar em conta o mundo de agora, que é infinitamente mais complexo ou, de querermos e saudarmos um modelo de organização social, assumido por Reclus. No texto *As colônias anarquistas*, o próprio Reclus coloca as limitações de prevermos como chamaremos uma organização social para além do capitalismo. O que importa são os princípios. Ele escreve:

A humanidade é muito maior que a anarquia em seu mais elevado ideal. Quantas coisas ignoradas ainda nos serão reveladas pelo estudo profundo da Natureza, pela amorosa solidariedade realizada por todos os homens, com todos os desgraçados que tem sofrido como nós a influência do meio incoerente que queremos restaurar sob sua forma harmônica (RECLUS, 1980, p. 290, tradução nossa).

Diversas e inevitáveis formas inéditas, podem edificar o mundo que Reclus acena. “Mas se você optar permanecer pobre entre os pobres, em completa solidariedade com os que sofrem, que sua existência irradie luz de bondade, em perfeito exemplo, e fecundo ensinamento” (RECLUS, 1925, p. 240, tradução nossa).

Utopicamente, Reclus deixa expresso em carta (1904), enviada a Fuss Henri: “[...] todos privilegiados não devem ter mais do que uma ambição: abdicar seu privilégio” (RECLUS, 1925, p. 296, tradução nossa). Tal afirmação não passa de quimera nos dias de hoje; e, se pudéssemos apresentar um preâmbulo da história da humanidade, para dias próximos, nada indica alguma mudança. Ainda assim, insistimos e remarcamos tal utopia.

B) A IDEIA DE NATUREZA PARA ÉLISÉE RECLUS

Para compreendermos a ideia de Natureza, presente na obra de Reclus, é necessário entendermos qual sua concepção acerca da relação Natureza-Homem.

O início da discussão, esboçamos com palavras do próprio Reclus: “Manifesta-se há algum tempo um verdadeiro fervor nos sentimentos de amor que ligam os homens de arte e de ciência à natureza” (RECLUS, 1866, p. 352, tradução nossa). Assim, Reclus apontava, em seu texto datado de 1866, *Du sentiment de la nature dans les sociétés modernes*, sua percepção, acerca da relação Natureza-Homem.

“O que é Natureza? Encontraremos muitas respostas dependendo do grupo humano, do tipo de sociedade, ou da classe social de quem responde” (CARVALHO, 1990, p.16). A curiosidade e a criatividade levaram o Homem desde os tempos antigos, a cantar a Natureza, a representá-la, a glorificá-la, a temê-la. A intencionalidade, levava esse mesmo Homem, a condicioná-la, a negá-la, a conceituá-la (LENOBLE, 1969).

Na obra *Cosmos*, na qual procura esboçar a unidade da Natureza, desencadeada pela conexão dos fenômenos que a dão movimento e vida, Humboldt escreve: “[...] a história das ciências nos ensina quanto difícil há sido satisfazer as necessidades de tão ardente curiosidade” (HUMBOLDT, 2005, t. I, p. 33, tradução nossa): projetar linhas sobre a Natureza. Segundo Humboldt:

No comércio íntimo com a Natureza, na energia, e profundidade das emoções que dela emanam, é onde se encontra também as primeiras aspirações ao culto, a uma satisfação das forças destrutoras ou conservadoras do Universo; mas à proporção que o homem chega a entrar em pleno e livre gozo do poder regulador da reflexão, recorrendo os diferentes graus de desenvolvimento intelectual; à proporção que vai separando o mundo das ideias do mundo dos feitos por um ato de emancipação progressivo, não se contenta já com o vago pressentimento da unidade das forças da Natureza, antes bem, começando a realizar o elevado destino de sua inteligência, a põe em exercício, fecunda a observação com o raciocínio, e se remonta com infatigável ardor as causas dos fenômenos (HUMBOLDT, 2005, t. I, p. 32, tradução nossa).

Toda a interpretação que se realiza do mundo, repousará em uma ideia de Natureza (CREAGH, 2010); essa será uma ideia muito geral, pois diferentes são: as intencionalidades, as razões de se assumir, e divulgar, esta ou aquela definição. “Como todas as palavras que designam uma ideia muito geral, a palavra Natureza parece clara quando empregamos, mas, quando sobre ela refletimos, parece-nos complexa e talvez mesmo obscura” (LENOBLE, 1969, p. 183). Ainda que a sua referência ou conceituação possa ser muito vaga, nebulosa, difícil de traduzir, várias são as significações concernentes à Natureza, advindas de diferentes posições vernaculares, ou científico-filosóficas, carregadas ou não de intencionalidade.

“A Natureza em si, não passa de uma abstração. Não encontramos senão uma ideia de Natureza que toma sentido radicalmente diferente segundo as épocas e os homens” (LENOBLE, 1969, p. 16). Isso nos leva a colocar tal conceito como sendo mutável, passível de ressignificação, em constante processo de construção; e, “[...] nesse sentido, o conceito de natureza não é natural, sendo na verdade criado e instituído pelos homens” (PORTO-GONÇALVES, 1990, p. 21).

O século XIX, do qual Reclus participa, “[...] não escapa a essa grande quantidade de significações; a ela [Natureza] acrescenta-se, inclusive, a concepção romântica que faz dela uma fonte de emoções e sensações; e uma rápida olhada na obra de Reclus revela esses diversos aspectos” (CREAGH, 2010, p. 9-10).

A interpretação da realidade, assumindo as premissas do movimento Romântico, reconhecerá a importância do sentimento do Homem, que é revelado do contato com a Natureza, e isso poderá ser visto na obra de ilustres autores, que viriam a influenciar Reclus, dentre os quais, Jean-Jacques Rousseau. O aludido autor, escreve na obra *Devaneios do caminhante solitário*:

Moro no centro de Paris. Saindo de casa, desejo ardentemente o campo e a solidão, mas é preciso ir procurá-los tão longe que antes de poder respirar à vontade, encontro em meu caminho mil objetos que me comprimem o

coração e a metade do dia se passa em angústias, até ter atingido o refúgio que vou procurar. Sou feliz, pelo menos, quando me deixam terminar meu caminho. O momento em que escapo ao cortejo dos maus é delicioso e logo que me vejo sob as árvores, em meio à verdura, creio estar no paraíso terrestre e saboreio um prazer íntimo tão vivo quanto se fosse o mais feliz dos mortais (ROUSSEAU, 1995, p. 111-112).

Em inúmeras obras de Reclus, poderemos notar indícios e mesmo continuidades, daquele esforço iniciado com Rousseau.

“A idealização da natureza e a exaltação do indivíduo como parte de uma ordem cósmica universal estabelecem um nexos entre Reclus e o movimento romântico de sua época” (NADIR, 1980, p. 15). Nesse sentido, Reclus seguirá algumas das discussões, a que Humboldt se propôs.

No projeto científico proposto por Humboldt, ele partirá da seguinte concepção de Natureza. Concepção esta reelaborada por Reclus:

Racionalmente considerada a Natureza, é dizer, submetida a elaboração da inteligência, não é mais que a unidade da diversidade dos fenômenos, a harmonia entre todas as coisas criadas, dessemelhantes em suas formas, em sua constituição própria e nas forças que as animam; o Todo penetrado por um sopro de vida. O resultado mais importante para o estudo da natureza é a compreensão da unidade e a harmonia no meio do imenso agregado de coisas e forças; compreensão que nos leva a abraçar com igual ardor os descobrimentos de anteriores épocas e os do tempo que vivemos, permitindo-nos a análise minuciosa dos fenômenos sem que estes sepultem sob seu conjunto. Por tal caminho o é dado ao homem compreender a natureza, descobrir alguns de seus segredos, submeter aos esforços do pensamento e as conquistas da inteligência os dados recolhidos pela observação, mostrando-se assim digno de seu elevado destino (HUMBOLDT, 2005, t. I, p. 19, tradução nossa).

Reclus, esboçou sua ideia de Natureza para além de uma perspectiva mecanicista, mágica ou puramente metafísica. Em Reclus, seguindo as pegadas de Humboldt, a Natureza é entendida enquanto *unidade*, “[...] da qual cada indivíduo é apenas uma simples célula” (RECLUS, 1905, t. VI, 454, tradução nossa).

Adverte: o “[...] homem é a natureza formando consciência de si mesma”, (RECLUS, 1980, p. 36, tradução nossa). E nessa frase - que pode ser considerado um aforismo -, que traduz o pensamento de Reclus, podemos perceber a influência do Romantismo alemão em sua interpretação da Natureza-Homem. Podemos mesmo ver essa frase - “A natureza é o homem tomando consciência de si mesma” - se aproximando de palavras de autores do Romantismo, como de Novalis, que coloca no aforismo 186 de sua obra *Pólen*: “A humanidade é como que o sentido superior de nosso planeta - o olho, que ele eleva ao encontro do céu - o nervo que conecta este membro com o mundo de cima” (NOVALIS,

2001, p. 158); ou ainda de Schiller, que em sua obra sobre a “Educação estética do Homem” aponta:

A natureza não trata melhor o homem que suas demais obras: age em seu lugar onde ele ainda não pode agir por si mesmo como inteligência livre. O que faz o homem, porém, é justamente não se bastar com o que dele a natureza fez, mas ser capaz de refazer regressivamente com a razão os passos que ela antecipou nele, de transformar a obra da privação em sua obra de sua livre escolha e de elevar a necessidade física a necessidade moral (SCHILLER, 2002, p. 23).

O homem não pode negar essa unidade, a não ser que arcando com as previsíveis, mas principalmente imprevisíveis implicações. Diferente da dinâmica natural, do meio estático da Terra, que inúmeros verões são necessários para mudanças perceptíveis, “a ação do homem dá, ao contrário, a maior diversidade de aspecto à superfície terrestre. De um lado, ela destrói, do outro ela melhora; segundo o estado social e os progressos de cada povo, ela contribui ora para degradar a natureza, ora a embelezá-la” (RECLUS, 1864, p. 763, tradução nossa).

Não se trata de construir uma relação de completa harmonia entre Natureza e Homem, a qual efetivamente nunca existiu. O processo de humanização pressupõe o enfrentamento entre as forças do Homem e da Natureza.

A construção da harmonia Natureza-Homem deve ser encarada como processo, não objetivo, em tom finalista. A importância de uma educação geográfica, que contribua na formação de um sujeito que reconheça seu pertencimento à Natureza poderia manifestar mais nitidamente essa unidade; e revelaria: destruir a natureza seria destruir a si mesmo. “Tornado a consciência da terra o homem digno de sua missão assume uma parte da responsabilidade na harmonia e na beleza da natureza em seu entorno” (RECLUS, 1864, p. 763, tradução nossa). A criação humana (individual ou coletiva; intencional ou involuntária) provoca, necessariamente, a que caminhos direcionamos, engajamos o conjunto da humanidade.

Reclus fala em relação à ação irresponsável do Homem diante da Natureza; toma como exemplo a ação do europeu. Reclus expressa no Prefácio da *Voyage a la Sierra-Nevada de Sainte-Marthe* (1861), seu repúdio ao Homem, que:

[...] quer transformá-la a sua imagem e regularizando as forças impetuosas da terra; mas não compreende essa natureza que trata de domar, a vulgariza, a enfeia, e se pode viajar centenas de léguas sem ver outra coisa que porções de terrenos cortados a ângulos retos e árvores martirizadas pelo ferro (RECLUS, 1861, p. I-II, tradução nossa).

A intenção irresponsável do Homem é anotada por Reclus. Essa ação ausente de pertencimento é construída à medida que a Natureza é transformada pela ação do Homem,

que imprime rupturas em suas linhas de harmonia, passando da primeira para a segunda natureza, ao longo das idades.

A Natureza, ilustrada por Karl Marx, ganha duas direções: “primeira natureza”, aquela intocada pelo homem, e “segunda natureza”, aquela transformada pela sociedade. “Entretanto, mesmo geógrafos de formação parecem desconhecer que [...] Reclus igualmente utilizou as expressões *première nature* e *seconde nature* com os mesmos sentidos” (SOUZA, 2013, p. 30); e mais que isso, a utilização de tais termos por Reclus, ao que tudo indica, se realizou sem influência de Marx, visto que o contato do geógrafo com a obra *Das Kapital*¹² se efetivou em 1869, sendo que Reclus, já usou tais termos em sua obra *La Terre*, publicada no ano anterior a de Marx (SOUZA, 2013). Para Reclus:

Pode-se propor, em contraste, que muito embora a natureza não se confunda inteiramente com a sociedade, ela *está*, ao mesmo tempo, *na* sociedade (a materialidade da natureza transformada pelas relações sociais); e, quanto à sociedade mesmo que ela não se confunda inteiramente com a natureza, ela *está*, ao mesmo tempo *na* natureza (a ideia de natureza como cultural e historicamente produzida) (SOUZA, 2013, p. 28-29).

O emprego *première nature* e *seconde nature* não revela para Reclus, um afastamento Natureza-Homem. A unidade permanece, porém ressignificada, ao longo das gerações. Reclus admite: o Homem constrói sua ideia de Natureza, socialmente.

O Homem, possui potencialidade diferencial. O “[...] trabalho do homem, continuamente modificado, dá à superfície terrestre a maior diversidade de aspectos e a renova, por assim dizer, a cada novo progresso da raça humana, em sabedoria e experiência” (RECLUS, 1869b, p. 671, tradução nossa). Não há como negar, a ressignificação da Natureza à medida que a humanidade, levada em seu conjunto, cresce em força e ação. É “[...] do homem que nasce a vontade criadora que constrói e reconstrói o mundo” (RECLUS, 1905, t. I, p. IV, tradução nossa). O mundo é ressignificado pelo conjunto de forças da Natureza e do Homem, que apontam em diversas direções, que se reagrupam, para perpetuar a construção do mundo; a continuidade e a manifestação de novas e imprevisíveis obras, se revelam desse diálogo. Essas aparentes acomodações e cristalizações, revelam, em sua totalidade, “o grande livro a ser lido”: a Natureza.

A potencialidade do ser humano, para Reclus, só pode ter franco desenvolvimento em liberdade, e é nesse sentido, que Reclus vê na Natureza o verdadeiro colégio das civilizações

¹² Reclus, recebeu por correspondência redigida pelas mãos do próprio Karl Marx, *O Capital*, quando da primeira edição (SECCO, 2002)

modernas. É nela, na Natureza, que infindáveis, incalculáveis e imprevisíveis experiências podem se realizar e dar contornos os mais diversos e inverossímeis direções possíveis.

O professor De Greef, companheiro de Reclus na *Université*, explica o pensamento reclusiano, acerca da relação Natureza-Homem. Escreve: “Da obra da natureza ele não separa jamais aquela do homem [...], a natureza e o homem têm sido cúmplices e são sempre solidários um ao outro” (DE GREEF, 1906, p. 21, tradução nossa).

Para Reclus “[...] a natureza e o homem [...], formavam um conjunto harmônico em que meio natural exercia influência sobre o homem, provocando a sua ação, modificando-o, transformando-o conduzindo-o à produção do espaço” (ANDRADE, 1985, p. 21). Dessa forma, ele escapa da concepção mística da Natureza, entendida como fruto de uma produção e vontade divinas, e também se afasta de uma visão mecanicista, newtoniana. O movimento, é condição essencial para a busca da harmonização das partes, dos fenômenos que compõem a Natureza. Nas palavras de Reclus:

Vista do alto e de longe, a diversidade de traços que se misturam na superfície do globo – cumes e vales, serpentinhas de água [...], picos e profundezas, rochas sobrepostas – apresentam uma imagem que não é o caos, mais ao contrário, para aquele que compreende, um conjunto maravilhoso de conjunto e beleza. O homem que contempla e analisa o universo assiste a obra imensa da criação incessante que se inicia sempre e não se finaliza nunca (RECLUS, 1894b, p. 795, tradução nossa).

A emoção que se tem ao contemplar todas as paisagens do planeta na sua variedade sem fim e na harmonia que lhes dá a ação das forças étnicas, sempre em movimento, essa própria suavidade das coisas, nós a sentimos ao ver a procissão de homens sob suas vestes de opulência ou de infortúnio, mas todos igualmente em estado de vibração harmônica com a Terra, que os carrega e os sustenta, o céu que os ilumina e os associa às energias do cosmo (RECLUS, 1905, t. I, p. II, tradução nossa).

Quem fixará limites à força do homem, quando ele dispuser de uma perfeita concordância com o imenso mecanismo da natureza, e cada uma de suas vibrações for regulada pelo movimento das estrelas, pelo “ritmo sagrado das estações e das horas”. É a esse elevado grau de perfeição que o homem pode esperar alcançar se os brotos entrevistos desenvolverem-se em flores, se as forças em germe não se encontrarem absolutamente paralisadas por alguma enfermidade repentina, se a educação da humanidade continua a fazer-se como outrora, segundo uma série de tremores que comporta o progresso (RECLUS, 1905, t. VI, p. 498-499, tradução nossa).

As mudanças no mundo são atribuídas às forças, conflitantes ou coincidentes, entre Homem e Natureza ao longo das idades; isto será sentido tanto na esfera social, quanto na ressignificação de Natureza. O meio, se transforma pela ação combinada das forças da Natureza e do Homem (RECLUS, 1905). Os homens “[...] tornados pela força da associação

verdadeiros agentes geológicos, transformaram de várias maneiras a superfície dos continentes, mudaram a economia das águas correntes, modificaram até mesmo os climas, deslocaram fauna e flora” (RECLUS, 1869a, p. 670, tradução nossa).

É nesse sentido, que, para Reclus, a Natureza se apresenta como beleza e o Homem como artesão. O Homem, como ser consciente, é quem pode mais entusiasticamente trabalhar os elementos da estética. Nossa relação com a Natureza deve ser a de preservar e promover sua beleza; manter (criar) a harmonia e não a enfeá-la.

Reclus aponta: “A superfície terrestre, desprovida de árvores que faziam sua beleza, é não só enfeada, ela também deve necessariamente empobrecer-se” (RECLUS, 1864, p. 764, tradução nossa). Esse empobrecimento, da Natureza, não é reservado, ao verde que se transforma, em cinza. Essa é a importância do Homem compreender que da Natureza faz parte: suas obras, criações modernas, cidades com seus arranha-céus, devem estar em vibração harmônica com os traços da Natureza, com suas forças que independem daquela do Homem.

O que o homem quer hoje é adaptar a terra às suas necessidades e dela tomar posse completa para explorar imensas riquezas. Ele recobre a terra de uma rede de estradas, ferrovias e telegráficos; tenta fertilizar os desertos e prevenir inundações dos rios; propõe triturar as colinas para transforma-la em aluviões sobre as planícies, perfura os Alpes e os Andes, une o Mar Vermelho ao Mediterrâneo, prepara-se para misturar as águas do Pacífico com aquelas do Mar das Antilhas. Compreende-se que os povos, atores e testemunhas de todas essas grandes empresas, deixam-se levar pela embriaguez do trabalho e que só pensem em moldar a terra à sua imagem. E se a indústria já realiza tais maravilhas, o que ela não poderá fazer quando a ciência fornecer-lhe outros meios de ação sobre a natureza (RECLUS, 1864, p. 771, tradução nossa)!

O Homem pretende-se dominador da Natureza, que lhe parece ausente; evoca um antropocentrismo exacerbado; enquadra a floresta em uma jaula, assim como o prisioneiro. Com a destruição das florestas, gradualmente “[...] as árvores, em vez de crescerem em liberdade, são plantadas dispostas em xadrez em distâncias regulares e crescem sob a vigilância de guardas florestais que as cortam antes do tempo” (RECLUS, 1869a, p. 282, tradução nossa).

Reclus não defende a intocabilidade da Natureza pelo Homem. Concorda: “[...] a primeira das condições para que o homem chegue um dia a transformar completamente a superfície do globo é que ele a conheça toda e que a percorra em todos os sentidos” (1869a, p. 671, tradução nossa). O Homem, com seu ânimo levado em conjunto, é responsável pelo espaço que humaniza, que habita

A apropriação do mundo, da Natureza, que nos circunda, é condição de vida, para Reclus. No livro, *Histoire de une montagne* (1880), anota:

Não há dúvidas, de que estamos às vésperas de realizar as mais consideráveis mudanças no aspecto da natureza assim como na vida da humanidade; o mundo exterior, que temos poderosamente modificado em sua forma, o transformaremos para nosso uso mais energicamente ainda. A medida, que cresce nosso saber e nosso poder material, a vontade do homem se manifesta mais e mais imperiosa em face da natureza (RECLUS, 1880, p. 298-299, tradução nossa).

Em face das ações ausentes de responsabilidade do Homem diante da Natureza, em texto de 1864, Reclus já denunciava: “[...] é preciso dizê-lo, os povos que estão na vanguarda da humanidade preocupam-se em geral muito pouco com o embelezamento da natureza, muito mais industriais do que artistas eles preferem a força à beleza” (RECLUS, 1864, p. 771, tradução nossa).

Isso o levará, alguns anos depois, a alertar sobre a pouco referido texto:

Atualmente, quase todos os povos ditos civilizados empregam ainda a maior parte de suas forças anuais a preparar os meios para matar-se e devastar o território uns dos outros; mas, quando, mais prudentes, eles aplicarem a aumentar a força de produção do solo, a atualizar em comum todas as forças da terra, a remover todos os obstáculos naturais que se opõem a nossos livres movimentos, é que visivelmente se transformará a aparência do planeta que nos conduz em seu turbilhão. Cada povo oferece, por assim dizer, uma roupa nova a natureza próxima. Através de seus campos e suas rotas, suas moradias e construções de todos os tipos, pelos agrupamentos impostos as árvores e ao ordenamento geral das paisagens, a população dá seu próprio ideal. Se ela realmente tem o sentimento da beleza, devolve a natureza mais beleza; se, ao contrário, a grande massa da humanidade permanecer como está agora, indelicada, egoísta e falsa, continuará a marcar a terra de suas tristes pegadas. Portanto o grito de desespero do poeta se tornará uma verdade: «Onde fugir? A natureza se desfigurou» (RECLUS, 1880, p. 299-300, tradução nossa).

Na interpretação de Reclus, “O homem, pois, não é um simples habitante, senão que contribui ativamente à modificação e construção do espaço em que habita” (NADIR, 1980, p. 18, tradução nossa). “Todos os fatos da história explicam-se em grande parte pela disposição do teatro geográfico sobre o qual produziram-se” (RECLUS, 1864, p. 762, tradução nossa). Admitindo que existem forças da Natureza (que independem da vontade humana) e forças que a humanidade em seu conjunto exerce, Reclus irá distinguir entre dois tipos de *meio*: a) o natural ou estático, que se refere àqueles elementos (naturais) constantes ao longo do tempo, fruto de forças que independem da vontade e da ação humana (solo, clima, posição terrestre...); b) e o dinâmico ou histórico, fruto da história da humanidade, isto é, da ação criadora da humanidade em sua relação com a Natureza, e, também, dos homens entre si

(Salário, Religião, Estado...). Para Reclus, a relação que se estabelece entre estes dois meios, é de mútua influência (NADIR, 1980):

Ambos os meios, estático e dinâmico, constituem este segundo meio, dinâmico, unido ao meio estático primitivo constituem um conjunto de influências em que é sempre difícil, frequentemente impossível, reconhecer as forças preponderantes, tanto mais quanto à importância respectiva destas forças primeiras ou segundas, puramente geográficas ou já históricas, variam segundo os povos e os séculos (RECLUS, apud NADIR, 1980, p. 18, tradução nossa).

A relação Natureza-Homem, entre as diferentes forças, entre os dois meios (estático e dinâmico), assim, se estabelece na intersecção e, não na tentativa frustrada, de superarmos ou de nos refugiar das forças da Natureza.

Reclus assinala que o Homem evoca palavras, como luta e triunfo, para expressar o progresso da humanidade, que se realiza à medida que enfrentamos e nos afastamos da Natureza. Porém, alerta: como “[...] se fosse possível uma outra vida e não a da natureza para conseguir modificar as formas exteriores: é preciso saber acomodar-se a esses fenômenos, aliar-se intimamente a suas energias” (RECLUS, 1985, p. 58). Não há como dessas forças que nos envolvem, nos afastar. Aliados a essas forças da Natureza, devemos, para Reclus, nos associar a “[...] um número crescente de companheiros que a compreendam para fazer obra permanente” (RECLUS, 1905, t. I, p. 118, tradução nossa). Essas últimas palavras de Reclus, seriam o caminho para se buscar o rompido equilíbrio entre os dois meios (estático e dinâmico) (NADIR, 1980).

É nesta extensão do saber e do conhecimento da realidade donde a geografia encontra sua razão de ser. A observação geográfica há de pôr de manifesto, segundo Reclus, as causas e mecanismos que em cada caso tem levado à ruptura do equilíbrio nas relações homem-meio, que em princípio eram harmônicas. A partir daqui se pode projetar a luz necessária para uma nova organização da sociedade e do território que tenha em conta as características específicas do meio em que os diversos grupos humanos se inserem (NADIR, 1980, p. 17, tradução nossa).

Para Reclus: “Por outra parte, as relações entre o homem e seu entorno, precisamente por ser dialéticas, não tem sempre o mesmo caráter, senão que são mudadas ao longo do tempo” (NADIR, 1980, p. 19, tradução nossa). Admitir que a dialética faz parte de tal relação, não permite pressupor esse equilíbrio como fim, senão como um processo que não se finaliza; o movimento, que tanto Reclus destaca, não admite o anulamento das contradições.

Quando Reclus argumenta “todo fenômeno é complexo” (RECLUS, 1905), realça que o meio primitivo, “[...] constituído pelas coisas circundantes, é apenas uma tênue parte do

conjunto das influências às quais o homem está sujeito” (RECLUS, 1985, p. 57). Para além de uma análise determinista, o meio primitivo surge, não como obstáculo: enriquece a humanidade, possibilita sua emancipação. “O próprio Reclus questionou perpetuamente um discurso que só a morte iria reificar. As ortodoxias são sempre efêmeras porque os determinismos são sempre plurais” (CREAGH, 2010, p. 24). Apesar do Homem enfrentar incessantemente as leis da Natureza, a “[...] força do homem se mede pelo seu poder de acomodação ao meio” (RECLUS, 1869a, p. 670, tradução nossa).

O Homem também é Natureza, dela não se abstrai, se identifica e se considera parte para todos efeitos (CODELLO, 2007); todavia, um ser com potencialidade e diferencialidade. Deveríamos lembrar: a “[...] terra fez o homem e o homem refaz a terra incessantemente” (RECLUS, 1894a, p. 7, tradução nossa); que a Natureza fez o Homem, e o Homem refaz a Natureza incessantemente.

Por mais belo e extenso que seja o trabalho de qualquer animal da Terra, não há como compará-lo ao do Homem. O “[...] trabalho do homem, continuamente modificado, dá à superfície terrestre a maior diversidade de aspectos e a renova, por assim dizer, a cada novo progresso da raça humana, em sabedoria e experiência” (RECLUS, 1869a, p. 671, tradução nossa). As leis da Natureza, para além de respeitarmos e enfrentarmos, culminam na ânsia de se ir além, de criar e superar. Olhemos, os exemplos das irrigações e dos sistemas de estufas para enfrentar o clima as vezes inóspito à produção alimentícia: veremos ações solidárias de diferentes povos (RECLUS, 1869a).

À medida que o tempo passa, o Homem se torna o maior criador da Natureza. Todavia, uma apropriação predominantemente ausente de responsabilidade, leva esse mesmo Homem a esquecer que dela faz parte, a negá-la. Se a destrói, indiretamente causa autodestruição. Reclus alerta para essa condição contraditória, quando aponta: “[...] o homem verdadeiramente civilizado, compreendendo que seu próprio interesse confunde-se com o interesse de todos e aquele da própria natureza: age completamente diferente” (RECLUS, 1864, p. 763, tradução nossa).

A Natureza, assim, aos poucos, separa-se do Homem; melhor dizendo, o Homem propõe tal divórcio. “Sim, o homem é suficientemente poderoso para dominar a natureza. Mas ele não pode esquecer suas leis, senão arcando com as consequências” (PELLETIER, 2011b, p. 12). Os anarquistas, dos quais Reclus se aproxima, reconhecem as leis naturais como as únicas contra as quais o Homem nada pode (a não ser uma última ação humana, o suicídio). Isso, não significa submissão da humanidade em relação aos elementos físicos.

A variação e, o movimento desses elementos no espaço e no tempo,

[...] e a modificação constante de nossas percepções (Reclus evoca o “valor relativo de todas as coisas”) impedem toda hierarquia metódica das causalidades. Ele utiliza o termo “dinâmica” para definir o modo de inter-relações [...]. Em toda a parte, o homem pode adaptar-se às condições naturais, portanto, modificá-las, se ele tem os meios para isso [...]. Busca estabelecer todas as conexões e demonstrar os processos para circunscrever a complexidade do real. O que embasa a posição de Reclus é, não devemos ignorá-lo, essa opção lúcida, inquebrantável, tenaz e tripla: a liberdade, esse sentimento que tudo é, tudo permanece, tudo pode ser possível (PELLETIER, 2011b, p. 13).

O Homem, modifica a Terra e a Natureza para alimentar e garantir a sua espécie; por outro lado, o Homem muda a sua beleza e a sua estética. A importância do Homem, assim, é crucial para a mudança que a superfície da Terra vem passando. Embelezar a Natureza também deve ser papel do Homem. Ambos não deixam de ser um. Há que se ressaltar, que a estética, apropriada pelo capitalismo, pelos agentes imobiliários, se traduz de uma outra maneira na realidade. Se instaura, pois, uma forma hegemônica de apreciação e de contato com a Natureza, através da propriedade privada.

Reclus denunciava que, na sociedade de classes, a apropriação da Natureza se realiza em sentidos opostos. A grande maioria, a massa de oprimidos, passa a ver na Natureza um algoz a ser enfrentado para a construção do mundo, com a força de seus braços; do outro lado, uma pequena classe de privilegiados (opressores) se apropria do produto de tal esforço, para manutenção hierárquica e acirramento de seus interesses de classe (RECLUS, 1869a).

Distante de compreendermos a totalidade da ideia de Natureza presente em Élisée Reclus, esperamos ter trazido elementos para reforçar e contribuir no debate em torno da temática aludida.

Para finalizar esse capítulo, podemos chegar à seguinte consideração: Reclus mostra, em suas obras, a importância que a Geografia poderia ter para uma ressignificação da relação Natureza-Homem, assim acenando a edificação de outros mundos possíveis.

Para sintetizar a discussão realizada nesse capítulo, em resumo, os princípios da Geografia divulgada por Reclus são:

a) a Natureza, é entendida enquanto unidade, da qual o homem é uma parte, apesar de com potencialidade diferencial;

b) a Geografia Comparada: o método comparativo, revela uma lógica de universalismo solidário, ao comparar-se diferentes períodos históricos e diferentes regiões da Terra.

CAPÍTULO 2

OS PRINCÍPIOS DA EDUCAÇÃO PARA ÉLISÉE RECLUS

[...] é a educação que é tudo. RECLUS (1911)

Não é raro que a educação aja em sentido inverso se tornando um verdadeiro embrutecimento.

RECLUS (1905)

[...] as crianças não devem ser jogados em luta antes do tempo. RECLUS (1911)

Reclus não elaborou tratados sobre educação. Índícios do que pensa o geógrafo acerca, aparecem em pequenos fragmentos, ligeiras reflexões, ao longo de suas obras. Para reconhecermos os princípios da educação em sua obra, como apoio temos: o capítulo da obra *L'Homme et la Terre* (1905-1908) intitulado *Éducation*; seu *Discours sur l'Éducation* (1895); além, de um panfleto, *L'Avenir de nos enfants* (1886).

Não procuramos entender a complexidade, mas alguns apontamentos, quais os princípios que Reclus reconhece serem fundamentais para a educação. Nos ateremos, em dois pontos: a) qual sua crítica ao projeto educativo burguês (e à escola burguesa); b) quais são os princípios em que acredita serem fundamentais para a educação do Homem.

Reclus (1886) anota a importância de pensarmos no “futuro de nossos filhos”, nas crianças, por representarem não somente os edificadores do amanhã mais humanizado, mas como agentes do presente, ativos e que colocassem os princípios da então sociedade em xeque. Reclus manifesta que deixamos de pensar na importância das crianças, quando falamos em projetar novos mundos possíveis. Afirma: “acima do homem feito, algum infeliz que seja, está um ser mais infeliz ainda, a criança [...]. Quem lançara portanto em seu favor o grito de liberdade?” (RECLUS, 1886, p. 2, tradução nossa).

A juventude, diferente da geração de seus pais, com valores e princípios cristalizados, está, para Reclus, em um momento mais fecundo da vida, em processo de constituição, enquanto sujeitos: e é nisso que centrava o papel da educação, como elemento a ser repensado na formação de princípios mais humanizadores. Registra:

[...] pensemos no futuro de nossos filhos mais do que na melhoria de nossa situação. Nós, não esqueçamos, pertencemos mais ao mundo do passado do que à sociedade futura. Por nossa educação, nas velhas ideias, somos inimigos de nossa própria causa; a marca das correntes se vê ainda no nosso pescoço. Tratemos de preservar nossos filhos da triste educação que recebemos; aprendamos a os educar de maneira que se desenvolvam na saúde física e moral a mais perfeita; saibamos fazer deles homens como nós quiséramos ser (RECLUS, 1886, p. 5-6, tradução nossa).

“Egoístas que somos! Nas nossas promessas de revolução, é raro que pensemos nos outros como em nós próprios” (RECLUS, 1886, p. 1, tradução nossa): provocativos versos, que Reclus inicia seu panfleto *L’Avenir de nos enfants*. Nesse texto, mostra como os rumos da educação estatal, do período que faz parte, segunda metade do século XIX, tende a legitimar a reprodução de hierarquias, essencial para perpetuação das desigualdades sociais.

Reclus, como tantos outros em sua época, é um austero crítico do projeto educativo burguês. Mais do que isso, critica a instituição Estado enquanto apoiador da classe burguesa. Para ele: “A sociedade burguesa atual, representada completamente pelo Estado, tem feito pela educação, precisamente o que queria fazer” (RECLUS, 1886, p. 6, tradução nossa). A crítica ao Estado é a de tender a legitimar a classe burguesa, sustentando diversas instituições, como a escola estatal. Revela: “[...] a cada fase da sociedade corresponde uma concepção particular da educação, conforme os interesses da classe dominante” (RECLUS, 1905, t. VI, p. 473, tradução nossa).

A crítica à escola formal está naquilo difundido pela classe burguesa, de que ela se trata de uma instituição estatal neutra, sem interesses de classe em sua concepção de educação que a norteia e edifica¹³. “Pátrias, religiões, castas têm suas pretensas verdades que são o ponto de partida de toda educação, a chave da abóboda de todo o sistema” (RECLUS, 1905, t. VI, p. 434, tradução nossa). Admitido isso, quando se pensa um projeto de educação, ao lado dos oprimidos, inevitavelmente precisamos pensar em um projeto de escola.

Reclus alerta que a escola pode ou não contribuir para uma transformação social coerente com os interesses públicos.

[...] poderia-se tudo esperar da escola para o exercício futuro da liberdade. Mas seria esquecer que a educação tem às vezes um caráter regressivo, assim como um caráter progressivo, e que a maioria das escolas são, tanto pelo programa que lhes foi ditado quanto pelo espírito e pelas tendências dos homens que as dirigem, centros rotineiros ou mesmo reacionários, nos quais

¹³ A escola, e o projeto de educação que ela pressupõe lentamente vai ao encontro “[...] em todos os tempos e lugares, ao sistema econômico, social e político que domina. Quer lamentemos, quer nos felicitemos disso, essa adaptação é um fato, e um rápido olhar sobre dois mil anos da nossa história pode prova-lo sumariamente” (FREINET, 2001, p. 1).

se organiza de antemão, por repetições imbecis, ou inclusive, por um ensino perverso, um exército, ou, ao menos uma multidão, já hostil ao progresso (RECLUS, 1905, t. VI, p. 444, tradução nossa).

A educação (responsabilidade da comunidade; da qual a escola formal é parte), para Reclus, se realiza como elemento basilar para se pensar a formação de sujeitos que se aproximem da solidariedade e da liberdade, à medida que se afastem do egoísmo e da competitividade, para construir um outro mundo (intelectual, moral, material). Nesse processo, a escola não é negada, recebe sua parcela de importância; nela a reapropriação e reconstrução de princípios mais humanizadores, pode também ser possível.

É certo, o ideal, dos anarquistas não é suprimir as escolas, ao contrário, fazê-la crescer, fazer da própria sociedade um imenso organismo de ensinamento mútuo, onde todos seriam simultaneamente alunos e professores, onde cada criança, depois de ter recebido “noções de tudo” nos primeiros estudos, aprenderia a desenvolver-se integralmente segundo suas forças intelectuais, na existência por ela livremente escolhida. Mas, com ou sem escolas, toda grande conquista da ciência acaba por entrar no domínio público (RECLUS, 2002, p. 108).

Reclus, não insiste na supressão da instituição escolar; acena seu fortalecimento, apoiado em princípios próximos do interesse público (especialmente solidariedade e liberdade); questiona os vestígios do modelo de educação divulgado pela Igreja na Idade Média, que ainda irradiam resquícios na acepção moderna da educação escolar: *educar para a obediência*. O princípio da obediência: “[...] espanta o desenvolvimento da iniciativa individual” (RECLUS, 1906, p. 428, tradução nossa). Reclus faz críticas ao (naquele momento) nascente modelo de escola republicana, que havia, antes, superado a antiga educação religiosa, mas que se dedicava a contar um novo catecismo: o republicano.

Isso significa que Reclus nos propõe um modelo de escola que devemos assumir? Isso significa pensar uma escola libertária? Seria isso possível em nossa atual realidade escolar brasileira? Reclus não aponta uma única via de educação escolar. Insistir em modelos libertários (de Reclus, ou outro libertário que seja) esboçados décadas atrás, não seria isso, a revelação de um catecismo libertário, o mesmo catecismo que contestamos? O que podemos, é buscar compreender os princípios que Reclus divulgava e travar um diálogo com nossa realidade, para buscarmos novas formas de ação.

Reclus não propôs um projeto, uma proposta de escola. Podemos afirmar que acredita em outra concepção de escola, e não no projeto da escola burguesa. A escola não se atribui papel central na educação, este que deve ser dividido entre os sujeitos pertencentes à comunidade, da qual ela faz parte. “Ainda que as escolas, propriamente ditas, tenham, elas

também, realizado sua evolução no sentido do verdadeiro ensinamento, elas possuem uma importância relativa, bem inferior à da vida social ambiente” (RECLUS, 2002, p. 108).

Alerta Reclus que, se a instrução e se a educação só fosse realizada na escola: “[...] os governos e as igrejas poderiam esperar manter ainda os espíritos na servidão, mas é fora da escola que mais se instrui, na rua, na oficina, diante das barracas da feira, no teatro, nos vagões de trens [...], diante de novas paisagens, nas cidades estrangeiras” (RECLUS, 2002, p. 107). A vida social, os movimentos sociais, a família, os sindicatos, as relações sociais possuem cada um sua importância na educação, da qual a escola, é uma parte, como já o ressaltamos. Dessa forma, Reclus convida a comunidade para fazer parte da escola, que deve ter seu desenvolvimento com o mundo que a circunda (RECLUS, 1905).

A crítica de Reclus (e de outros anarquistas) à escola burguesa, se dirige por ela representar a reprodução do modelo de sociedade pautada na distribuição desigual do poder, uma vez que admite-se a autoridade (distribuída desigualmente), perpassando seu projeto de educação. Tal elemento revela, para Reclus, o papel da escola burguesa, no que diz respeito à reprodução das hierarquias sociais existentes no modo de produção capitalista. Por isso, o distanciamento entre a escola e a *vida* e a busca por um ensino que se volte para obtenção de notas e, conseqüentemente, títulos.

Mas se o estudante, cheio de palavras amontoadas em sua memória, não tem outro mérito, no final do dia, senão fornecer resposta à questão, como um eco mais ou menos fiel; se teme ser ele próprio; pronunciar o que os professores mumificados qualificariam de heresias ou “paradoxos”, isto é, segundo a própria etimologia, “opiniões fora do ensino”, poder-se-á perguntar qual foi a verdadeira razão dos longos anos de escola e se dirá, quase com certeza, que essa razão foi a ambição dos cargos e do dinheiro. O candidato é só um “carreirista”, um aprendiz industrial buscando recordar-se das fórmulas lucrativas para fabricar ouro. Triste e vergonhosa “pedra filosofal” (RECLUS, 1905, t. VI, p. 454, tradução nossa)!

Contrariamente a esse projeto (acima repudiado), Reclus assevera, que é preciso resgatar a relação essencial entre vida e escola, pois “[...] a educação não tem valor, nem mesmo sentido, que na condição de servir na vida, após a saída da escola, e continuar pela manutenção e pelo progresso das forças intelectuais” (RECLUS, 1905, t. VI, p. 458, tradução nossa). Essa relação, vida-escola, deve ser reconhecida!

A maturidade da luta, da pressão pública, depende da condição de educação da classe operária. Reclus considera isso uma necessidade para a conquista da liberdade individual e coletiva. O projeto educativo burguês tende a retardar e mesmo dificultar a construção de tal relação. Essa sustentada estratégia burguesa, num primeiro momento, inibe, ou ao menos

bloqueia o ingresso de outra perspectiva, com viés mais libertário e emancipatório, à medida que reforça-se o liberalismo (no sentido do individualismo competitivo, que não reconhece o outro como sujeito) nas salas de aula.

Reclus denuncia: “[...] os estudantes são, pois, advertidos: não é pelo saber que eles entram nas altas escolas, é com a esperança, com frequência, inclusive, com o único desejo, cinicamente declarado, de subir os degraus que conduzem à fortuna” (RECLUS, 1905, t. VI, p. 452, tradução nossa). Assumindo as escolas (Universidades), para qualificarem-se a fim de conquistar certa estabilidade social, “[...] é assim que os exames adquirem esse caráter estranho à ciência visto, que está torna-se um simples pretexto à obtenção de uma autenticação oficial” (RECLUS, 1905, t. VI, p. 452, tradução nossa). Reclus crítica austeramente a proposta de escola, em que: “[...] obedecer a fim de ser recompensado por uma longa vida de benevolência dos senhores, essa é toda a sabedoria” (RECLUS, 1905, t. VI, p. 437, tradução nossa).

Não há lugar para todos subirem os “degraus da fortuna”. Isso conduzirá uma parcela dos educandos a encontrar na escola um lugar de detenção, sem sentido, desconexo da vida. A escola burguesa, instituída pelo capitalismo, secundariza a relação com a vida; disso depende a reprodução das hierarquias sociais. É nela que: “[...] parte enorme do ensino se faz [...] com vistas ao exame, e não poderia ser de outra maneira porquanto do exame dependem os lugares, as posições oficiais e sociais” (RECLUS, 1905, t. VI, p. 452, tradução nossa)¹⁴. A escola tende a reproduzir certa hierarquização: posteriormente continuada na sociedade. Essa relação da escola, que *secundariza a relação com a vida*, apoiada por um evidente projeto de perpetuação burguês, é iniciado, sobretudo no século XIX, do qual Reclus faz parte, e ao longo dos decênios, vem sendo reforçado e legitimado.

A relação da escola com a vida, rompida por esse acentuado liberalismo, impede de ter seu verdadeiro sentido para Reclus, que seria o da escola caminhar ao lado do apoio mútuo. Não esqueçamos que Reclus escreveu a respeito da escola, e da educação, admitindo sua importância em formar os sujeitos que atuarão no seio da comunidade da qual faziam parte.

¹⁴ Consoante a tal perspectiva, Freinet denuncia que: “para a maioria dos pais, o que conta, de fato não é a formação, o enriquecimento profundo da personalidade de seus filhos, mas a instrução suficiente para enfrentar os exames, ocupar cargos cobiçados, ingressar em determinada escola, ou em determinada administração [...]. No outro polo, a sociedade não é nem mais compreensiva, nem mais generosa. Com muita frequência, é dominada pela preocupação política de durar e não tem tempo de pensar no que será daqui a dez ou vinte anos. É o amanhã imediato que a obseda. E é para esse amanhã imediato que ela pede a escola que prepare a criança, para os objetivos imediatos que ela impõe e que podem ser não mais racionais, nem mais humanos do que aqueles em nome dos quais o industrial empreende a fabricação em série e o lançamento de um objeto inútil a sociedade, ou mesmo perigoso e nocivo” (FREINET, 2001, p. 8).

Nisso consiste a importância que dedica à vida em comunidade; dito de outra forma, ao comunismo.

A força e a pressão pública, como movimentos necessários na construção desta sociedade, aparecem em sua obra como um dos caminhos para a transformação social, uma vez que podem permitir a ruptura da exploração a partir da socialização dos meios de produção. Porém, não há possibilidade de uma mudança social radical sem a formação de uma posição autônoma, capaz de pôr em xeque os fundamentos de uma sociedade calcada no poder centralizado e na desigualdade por ele produzida (GIROTTO; RECH, 2011).

Reclus não se restringe a criticar a escola e mesmo o projeto educativo então em vigor. Ainda que não tenha elaborado um projeto educativo, tece apontamentos pelos quais acredita dever a educação caminhar. Divulga os princípios da solidariedade e da liberdade como nortes de uma possível proposta de educação integral do homem. Princípios que se aproximam de um projeto de sociedade libertário (anarquista-comunista).

Reclus acena a formação integral dos homens e mulheres como seres históricos e geográficos; reconhece as diversas esferas de expressão do conhecimento (artes, filosofia, ciência...); daí questionar a educação predominantemente apoiada na racionalidade, ainda que não negue o papel da ciência ao lado dos oprimidos como imprescindível. A educação, para Reclus, não é encarada como uma acumulação forçada de conhecimentos; tende a cultivar em vibração harmônica todas as faculdades do ser humano. *A arte é a vida* (RECLUS, 1905): a arte deve dialogar com as demais esferas da construção do conhecimento, pois ela reconhece o desenvolvimento da criatividade, da liberdade, do inovador, no tocante à educação, no tocante ao mundo.

Uma proposta assim, só se torna possível, em uma escola que se aproxime da liberdade e autonomia dos sujeitos que dela fazem parte (educando, educador, comunidade): uma escola fruto de discussão coletiva. O diálogo, dessa forma e, o respeito por todas possibilidades, pode permitir, decidir quais rumos se deseja. Admitindo, que as liberdades não se concedem, se conquistam (KROPOTKIN, 1892), a educação integral, assim, só pode ser fruto de conquista, e nisso consiste a importância do diálogo e da coletividade. Admite Reclus, que essa obra não é fácil, assume que “[...] entre iguais a obra é mais difícil, mas é mais elevada: é preciso buscar asperamente a verdade, encontrar o dever pessoal, aprender a conhecer-se, fazer continuamente sua própria educação, conduzir-se respeitando os interesses dos camaradas” (RECLUS, 1905, t. VI, p. 434, tradução nossa).

A defesa da autonomia e da liberdade, na formação da criança, para Reclus, é basilar. A partir disso, faz uma crítica: “Agora que a escola é laica, a fórmula religiosa tem sido

substituída pela da gramática [...]. Que a criança compreenda ou não, pouco importa; é necessário que ela aprenda conforme um formulário traçado antes do tempo” (RECLUS, 1886, p. 5, tradução nossa). Continua a falar que, após a criança aprender o alfabeto,

[...] vêm as regras gramaticais que recita de memória, em seguida as barbaras nomenclaturas que se chama de geografia, depois os crimes reais com o nome de história. E como a criança bem dotada pode, a longo prazo, desembaraçar-se de todas coisas que tem os feito penetrar à força [...]. Além disso, essas escolas estão sem escravidão, sem horas de retenção e sem grades nas janelas? Se se quer educar uma geração livre, que se arrase as prisões chamadas de colégios e liceus (RECLUS, 1886, p. 5, tradução nossa)!

Nesse ponto, parece-nos, Reclus se aproxima de Rousseau (uma das bases da construção de seus princípios educativos). Na obra *Emílio*, Rousseau afirma que não se trata de conceder a liberdade à criança, é preciso pelo contrário, “[...] conquistar a própria liberdade e autonomia pessoal além do encontro conflituoso com a dura realidade do mundo, com a realidade do outro, com a da sociedade” (SOETARD, 2010a, p. 16-17). Reclus, ressonante a Rousseau, nesse ponto, ressalta: “É preciso preservar de abrir a flor para fazê-la desabrochar à força, empanturrar a planta ou animal dando antes do tempo um alimento demasiado substancial” (RECLUS, 1905, t. VI, p. 439, tradução nossa). As “[...] crianças não devem ser jogadas em luta antes do tempo” (RECLUS, 1911, t. II, p. 232, tradução nossa).

O educador, o professor, tem sua responsabilidade nesse processo. Porém, alerta Reclus: “Não é o suficiente ser sábio para tornar-se útil à humanidade, ou, ao menos, o sábio devotado não faz obra empregada que de uma maneira indireta, pela transmissão de ciência entre os homens” (RECLUS, 1905, t. VI, p. 460, tradução nossa). Em carta de 1897, a Van der Voo, escreve: “Ter mais estudo do que outros não é uma razão especial” (RECLUS, 1925, p. 201, tradução nossa). O que verdadeiramente importa é a ação direta. Escuta-se sim corpos veteranos, eles têm o que nos ensinar. Não há como negá-los.

Alguns educadores já começam a compreender que seu objetivo deve ser ajudar a criança a desenvolver-se em conformidade com a lógica de sua natureza: não pode ter objetivo senão fazer eclodir na jovem inteligência o que ela já possui sob forma inconsistente e secundar religiosamente seu trabalho interior, sem pressa, sem conclusões prematuras (RECLUS, 1905, t. VI, p. 439, tradução nossa).

Para Reclus, o papel do professor é o de mostrar as possibilidades que as crianças podem seguir, para a construção de seu conhecimento; todavia, o professor tem de evitar de apontar o caminho que seus educandos devem assumir; ele não assume o papel de formar discípulos. A decisão, em última instância, deve nascer da soberania individual (RECLUS,

1905)¹⁵. Em uma das aulas, que Reclus esteve à frente, do curso de Geografia Comparada, na *Université Nouvelle de Bruxelles*, pronuncia aos que ouviam:

Não é absolutamente entre nós que se poderá falar de relações de mestre e discípulo. Dirijo-me a homens, e estes, espero, abster-se-ão de crer em minha palavra. Exporei fatos, mas vos rogando para verificar minhas palavras. Formularei conclusões, mas discutireis meus raciocínios e controlareis minhas provas. Golpeareis o metal para saber se ele o é de uma ressonância pura e, sobretudo, de boa qualidade. Graças a vós, poderei, talvez, em muitas circunstâncias, modificar minhas ideias preconcebidas e dar à minha compreensão as coisas uma forma mais precisa (RECLUS, 1894a, p. 3-4, tradução nossa).

Rousseau se sobressai como um dos educadores que mais influenciou na concepção de educação de Reclus. Podemos ver, nas palavras do primeiro, a denúncia que faz aos professores, e que aparecerá também no geógrafo.

Um preceptor pensa mais em seus interesses do que nos de seu aluno; tenta provar que não está perdendo tempo e ganha bem o dinheiro que lhe dão; oferece-lhe um saber de fácil exibição, que se possa mostrar quando se quiser; não que o que lhe ensina seja útil, contanto que seja facilmente visível. Amontoa, sem escolha, sem distinção, cem coisas em sua memória. Quando se trata de examinar a criança, fazem-no desembulhar sua mercadoria; ele a exhibe, todos ficam contentes; em seguida, ele embrulha de novo o pacote e vai embora (ROUSSEAU, 2010, p. 41-42).

Reclus denuncia que o primeiro vício das escolas é o de atribuírem de bom grado o caráter de infalibilidade aos professores que: “[...] não são animados por esse fogo sagrado que é o entusiasmo pelo verdadeiro, e o que eles ensinam na maioria das vezes é só uma lição ditada em conformidade com interesses de nacionalidades, religião, casta” (RECLUS, 1905, t. VI, p. 434, tradução nossa). Essa é a grande barreira a ser derrubada na relação educador-educando.

O professor é um esclarecedor de dúvidas que florescem à medida que as crianças se desenvolvem: sua formação e sua experiência lhe permite isso; é o responsável em confrontar as diferentes possibilidades de aprendizagem, para que o educando possa construir sua posição (que aos poucos começa a se sedimentar, mas sem nunca se cristalizar, se solidificar em definitivo, pois a realização da humanização é perpétua) (RECLUS, 1925).

¹⁵ “Tendo em vista que a educação é uma colaboração entre o aluno que se apresenta com seu caráter próprio, seus hábitos e costumes particulares, sua vocação especial, e o professor que quer utilizar esses elementos para a obra de desenvolvimento intelectual e moral que ele empreende, este deve conhecer a fundo cada um de seus discípulos, e, ainda que praticando a mais equitativa imparcialidade, proceder segundo modos diversos com cada indivíduo. Sua classe só conterà, portanto, poucos alunos, estes só podendo ser numerosos nos corais, nos exercícios de ginástica, nos passeios e nos jogos” (RECLUS, 1905, t. VI, p. 439-440, tradução nossa).

O exemplo é um dos elementos de ensino para Reclus (RECLUS, 1911). O professor não se torna espelho, mas suas ações, estando o mais próximo possível de seu discurso, já é um bom exemplo, à medida que indica a coerência que perpassa sua postura. O “[...] verdadeiro ensinamento se faz pela ação direta de indivíduo a indivíduo” (RECLUS, 1905, t. VI, p. 464, tradução nossa) e as crianças e jovens, “[...] aprendem graças ao exemplo bem mais do que pelos fatos dos quais enriquecem sua memória” (RECLUS, 1905, t. VI, p. 440, tradução nossa): esse é o valor, que Reclus, dá ao exemplo como pilar de um ensino verdadeiramente coerente com a educação libertária.

Dar exemplo não significa ser espelho para nossos educandos, nem que desejemos que as pessoas de nosso círculo sejam iguais a nós. A soberania individual, tal como Reclus expôs, não pode ser recusada e alienada a ninguém, pois estaríamos indo na contramão daquilo que ele acredita, nos tornando autoridade, indicando um único caminho e camuflando os demais. Cada um deve seguir o caminho que se aproximar mais de seus anseios.

“Uma boa educação comporta, portanto, um grupo de crianças bastante considerável para que eles possam entregar-se a obras comuns, atividades alegres e vivamente realizadas” (RECLUS, 1905, t. VI, p. 440, tradução nossa); educador-educando: a ação de um encoraja a do outro, buscam disciplinar seus esforços, para preparar uma atmosfera para a prática reflexiva do apoio mútuo, que revelará a parte mais útil de suas existências (RECLUS, 1905). Essa construção, prática reflexiva, não se limita ao restrito lócus da escola formal: ela é um momento, uma parcela da sociedade.

Para Reclus, devemos abandonar as antigas formas de aulas centradas em salas que, muitas vezes, parecem prisões. A homogeneização e o enquadramento propostos em sala de aula em uma única via, só podem dificultar o desenvolvimento pessoal do ser humano. Consoante a Reclus, Freinet reforça quanto à escola: “[...] é bom que as crianças possam olhar para fora. Isso nem sempre é inútil, nem sempre prejudicará a qualidade de nosso trabalho e libertará definitivamente nossa escola de sua atmosfera de prisão” (FREINET, 2001, p. 60). Esse será o elemento essencial, visto que a escola só tem sentido se estar em contato com a vida (RECLUS, 1905).

A escola, como está pensada em sua época, para Reclus, impede o florescimento integral do homem. Reclus fala que não tarda para que chegue o tempo que a prisão da escola encarcere “[...] a criança entre suas quatro paredes; e digo prisão porque o estabelecimento de educação o quase sempre é, já que a palavra escola já perdeu faz muito tempo sua primeira significação grega de recreio e de festa” (RECLUS, 1903a, p. 7-8, tradução nossa); isto é,

espaço de criação, de curiosidade, lugar em que a criatividade se propõe a esboçar novos caminhos para a educação, sobretudo para o mundo.

Assim como Rousseau, Reclus coloca que se deve “voltar à natureza” (RECLUS, 1903a) para nos educarmos. Todavia, para Reclus, a natureza não é aquela “intocada”, senão a *seconde nature*: natureza resignificada pelas sociedades modernas. Não se trata de abandonar a escola como lócus do processo de construção de conhecimento e entendimento do mundo, mas encará-la como lugar de constante práxis e interligada à natureza (ao mundo que nos circunda). A escola “[...] realmente liberada da antiga servidão pode ter franco desenvolvimento na natureza [...]; é apenas ao ar livre que se conhece a planta, o animal, o trabalhador e que se aprende a observá-los, a fazer-se uma ideia precisa e coerente do mundo exterior” (RECLUS, 1905, t. VI, p. 444-446, tradução nossa). Reclus aponta, que:

Entregue sozinha, a criança [...] começa pelas ideias mais verdadeiras e filosóficas, e desenha enfocando primeiro o tronco, depois os galhos, em seguida as folhas; mas o homem que instrui a criança começa pelo outro extremo, ele se prende a forma, a aparência exterior e se dirige de fora para dentro; ele ensina os nomes e esquece-se das coisas, ao passo que a natureza ensina as coisas e esquece-se dos nomes: assim as duas educações se completam e se penetram. A educação dos americanos assemelha-se àquela que nos oferecem os pedantes em casa, eles sabem os nomes das coisas; eles falam dos acontecimentos brutais da Terra inteira e, mais tarde, conseguimos apresentar a ideia do feito; para me servir de uma ideia anglo-saxã, eles levam os copos até a mesa esperando que nós venhamos enchê-los (RECLUS, 1911, t. I, p. 93, tradução nossa).

Quanto ao ensino, Reclus (1911) insiste para que o professor se sirva de estudos comparativos; negue a dar à ciência e o conhecimento como algo pronto, aos educandos. “Para viver a ciência, que ele faça na vida ele mesmo, que ele crie por assim dizer, a renovação incessantemente, escute cada uma de suas palavras como uma descoberta” (RECLUS, 1911, t. II, p. 235, tradução nossa). A construção de nosso conhecimento inicia-se a partir do mundo que conhecemos; do ver e sentir o mundo. O estudo não se inicia em livros que damos às jovens crianças curiosas em conhecer o mundo e *entender o porquê das coisas*.

A partir da observação, de nossa percepção de mundo, podemos esboçar indícios para nossas inquietações, para aí, em seguida, recorrermos a livros, as linhas das quais muitas têm valor. Antes disso, apelamos para os corpos veteranos, eles têm seu valor e parcela na educação, visto que possuem enraizadas experiências, das quais algumas, quiçá, podem nos ajudar a compreender o mundo.

As brutalidades da concorrência vital, a necessidade para os jovens de ganhar suas vidas tão rapidamente quanto possível, enfim a estúpida vaidade

que leva os pais a desejar para sua prole um rápido avanço nos estudos, têm por consequência um método de instrução apressado, superficial, ou até mesmo completamente falso. Milhares e milhares de candidatos buscam simplesmente seu trabalho decorando as fórmulas de seu manual, mastigando e remastigando frases expectoradas antes deles por célebres professores, amontoando na memória áridas definições sem cor e sem vida. Conhecem palavras e mais palavras, e todo esse amontoado interpõe-se entre seu espírito e a verdade. Os formulários e os manuais afastam os candidatos dos livros e mais ainda da natureza; os programas limitam a inteligência, os questionários a imobilizam, os compêndios empobrecem-na e as frases prontas acabam por matá-la completamente. Desgraça do jovem dotado de uma compreensão demasiado fácil, completamente superficial, exibindo-se, por assim dizer, à admiração dos curiosos. É um perigo capital compreender demasiado rápido, sem dificuldade, sem esforços nem longo trabalho de assimilação (RECLUS, 1905, t. VI, 450-451, tradução nossa).

A crítica aos livros, em Reclus, se faz por trazerem palavras, histórias prontas, antes do educando, reconhecer a realidade que investigará. Pestalozzi (uma das bases do método de ensino de geografia de Reclus) assevera que: “[...] ou se leva a criança pelo conhecimento dos nomes ao das coisas, ou pelo conhecimento das coisas ao dos nomes. A última forma é a minha” (PESTALOZZI, 2010, p. 81); e é a ideia que também Reclus defende. Nessa mesma direção, ainda “[...] antes de Pestalozzi, Comenius, em sua obra *Didática Magna*, já afirmava que era necessário dar aos alunos, em primeiro lugar, a própria coisa, depois oferecer o discurso sobre ela, isto é, partir dos objetos por meio dos sentidos para chegar ao intelectual” (GASPARIN, 2010, p. 35-36). O fato é que “[...] na escola ensinam as palavras antes das coisas” (COMÊNIO, 2010, p. 68).

Para Reclus, o livro nem sempre contribuirá da forma que se espera; decerto não será decisivo na educação escolar. Principalmente nos primeiros anos de escola, “[...] os livros devem servir somente aos professores: nas mãos dos alunos, eles causam em geral, mais mal do que bem; ensinam desde verdades desordenadas a erros. Mas, sobretudo, privam a criança da iniciativa intelectual” (RECLUS, 1925, p. 162-163, tradução nossa).

Os livros muitas vezes surgem como sol colérico antiarte; podam a iniciativa individual, aniquilam a criatividade; atentam educandos, desde a tomar obsoletas palavras como verdades, o que não provoca senão mais que confusão, ou, a encontrar respostas e reflexões desnecessárias que não contribuirão e nem comprometerão decididamente a os levar a alguma provocação ou a algum lugar.

Sua posição faz Reclus se negar a elaborar um livro didático de Geografia para as crianças que frequentavam a Escola Moderna, quando lhe foi solicitado por Francisco Ferrer y Guardia. Afirma que não conhecia nenhum que pudesse se aproximar de suas concepções. Continua: “[...] em meu conceito não há texto para o ensino da geografia nas escolas

primárias. Não conheço um só que não esteja infectado do veneno religioso, patriótico, ou o que é ainda pior, da mentalidade burocrática” (RECLUS, 1903b, p. 68, tradução nossa).

Reclus esclarece porque odeia os livros escolares (nos nossos dias chamados de livros didáticos), em trecho de carta a senhorita Gérando (Clarens, 8 de outubro de 1881): “Não há nada de mais funesto para a saúde intelectual e moral dos alunos. Eles apresentam a ciência como algo feito, terminado, assinalado, aprovado, tornado quase religião, a ponto de transformar-se em superstição. É um alimento morto e que mata” (RECLUS, 1911, p. 235, tradução nossa). E diz mais: “[...] o tipo de nossos manuais de educação existe desde vários milênios, e ainda se repetem quase nos mesmos termos os preceitos “moralizadores” que ali se encontram. “Obedecer” [...]” (RECLUS, 1905, t. VI, p. 437, tradução nossa).

Um ensino, uma educação, restritos à memorização e presa a lições livrescas com respostas alcançadas, limitam promover e instigar a criatividade ligada à problematização de situações reais dos educandos; retarda e mesmo aniquila tal anseio. Isso significa, negar o uso do livro na educação dos educandos? Podemos, mais uma vez, encontrar nas palavras de Rousseau, a inspiração para as ideias de Reclus acerca desse ponto.

Já que precisamos absolutamente de livros, existe um que oferece, ao meu ver, o melhor tratado de educação natural. Será o primeiro livro que Emílio lerá; sozinho, constituirá por bastante tempo sua biblioteca inteira, e nela sempre ocupará lugar de destaque. Será o texto a que todas as nossas conversas sobre as ciências naturais servirão apenas de comentários. Servirá de prova durante o nosso aprendizado sobre o estado de nosso juízo e, enquanto nosso gosto não se corromper, sua leitura sempre nos agradará. Qual é, então, esse livro maravilhoso? Será Aristóteles? Será Plínio? Buffon? Não, é Robinson Crusoe (ROUSSEAU, 2010, p. 44)¹⁶.

Tal constatação de Rousseau, podemos dizer, será assumida por Reclus e por seu amigo, Kropotkin, com o qual manteve presentes diálogos acerca da Geografia. Kropotkin, do qual Reclus partilha essa ideia, apontara que se a leitura perpassar a educação inicial, que seja aquela que provoque a *imaginação*. Livros acerca de explorações geográficas, histórias que promovam um olhar curioso e contemplativo da relação do Homem com a Natureza. O fato é que Reclus acredita que, pouco a pouco, o que a criança tiver visto e ouvido suscitará nela o desejo de uma compreensão de conjunto, de um ordenamento lógico dos fatos, que serão aprendidos lentamente, levando em conta a totalidade. Assim, a observação e a escolha de leituras apropriadas para cada idade projetarão uma educação geográfica mais provocativa.

¹⁶ Em 1719, ocorreu a publicação de Robinson Crusoe, de Daniel Defoe, livro que muito influenciou Rousseau, principalmente em suas reflexões pedagógicas. (SÖETARD, 2010a)

A Criança deve ser apoiada em seu estudo pela paixão; ora, nem a gramática, nem a literatura, nem a história universal, nem a arte poderiam ainda interessá-la; ela só pode compreender essas coisas sob forma concreta: a feliz escolha das formas e das palavras, as narrativas e descrições, os contos, as imagens. Pouco a pouco o que ela tiver visto e ouvido suscitará nela o desejo de uma compreensão de conjunto, de um ordenamento lógico, e então será o momento de fazer-lhe estudar sua língua, mostrar-lhe o encadeamento dos fatos, das obras literárias e artísticas; assim, ela poderá aprender as ciências de outra maneira que não seja pela memória, e sua própria natureza solicitará o ensino comparado [...]. O amor e respeito do mestre pela criança deveriam proibir-lhe empregar em seu trabalho de tutela e ensino o procedimento sumário dos antigos déspotas, a ameaça e o terror; ele só tem como força à sua disposição a superioridade natural assegurada ao educador pela ascendência de sua estatura e de sua força, sua idade, sua inteligência e suas aquisições científicas, sua dignidade moral e seu conhecimento da vida (RECLUS, 1905, t. VI, p. 439, tradução nossa).

Reclus escreve livros se aproximando dessa perspectiva. Destacamos dois: *Histoire d'un ruisseau* (1869) e *Histoire d'une montagne* (1880), ambos de notável valor poético; se propõe, ao tecer essas obras, a utilizar o elemento que legitimamente pode traduzir a Natureza em sua unidade: a estética. As dimensões, da razão e da emoção, dialogam quase que perfeitamente, em vibração harmônica; sua escrita apurada e poética, assume a conquista do equilíbrio (ainda que inalcançável) entre as esferas do conhecimento, para revelar a síntese da relação Natureza-Homem.

A educação estética assume fundamento nos princípios educativos divulgados por Reclus. Ainda, que seja difícil apontar uma possível influência quanto a essa discussão presente em Reclus (o que de fato não o queremos aqui), podemos tomar as especulações manifestadas por Friedrich Schiller (1759-1805), como base para compreender a educação estética enquanto realização humana.

O professor Vitte, assinala que o conceito de *experiência estética* elucidado por Schiller, na obra “A educação estética do homem” “[...] exerce forte influência na Naturphilosophie de Schelling, além de ser fundamental para a construção das bases da geografia moderna com Alexander von Humboldt (VITTE, 2011, p. 61). A experiência estética, de acordo com Vitte, está na base na gênese da Geografia moderna: “[...] Humboldt e Ritter entendiam que arte, ciência, e filosofia, não podiam estar dissociadas e é desse intercruzamento que surge o saber geográfico na modernidade. Em outras palavras, a Geografia nasce da experiência estética” (VITTE, 2011, p. 33).

Ainda conforme Vitte, estudioso da epistemologia da Geografia moderna, traz contribuições para compreendermos o referido conceito de *experiência estética*.

O pressuposto da *experiência estética* é que há uma unidade entre o físico o espiritual, ou seja, entre a moral e o natural que constituem o conteúdo do Homem, ou seja, a natureza humana. Essa unidade também se manifesta na relação entre arte e ciência, e por sua vez, fazer ciência é também fazer arte, o que caracteriza uma estética objetiva e livre do excesso de inteligência, pois há em jogo a razão, a imaginação, a história e a política (VITTE, 2011, p. 61).

A realização da verdadeira obra de arte, que permita ver em suas nuances, a tradução do visível e do invisível, implica que a educação estética pressuponha o diálogo, e mais que isso, o equilíbrio entre sentimento e razão (SCHILLER, 2002).

Os filósofos que, não refletirem sobre este tema, se deixam cegamente dirigir pelo seu sentimento, não poderão chegar a um conceito de beleza, uma vez que não distinguem nenhum aspecto isolado no total da impressão sensível. Os outros, que tomam em exclusivo, o entendimento como guia, nunca poderão atingir um conceito da beleza, uma vez que no total da mesma nada mais discernem para além das partes, permanecendo para eles o espírito e a matéria eternamente separados, mesmo na sua mais perfeita unidade (SCHILLER, 1993, p. 70).

A tradução da ação humana, assumindo uma educação estética, se realiza pela dupla relação entre uma criatividade intuitiva, mais espontânea; e a razão, que não nega esses elementos, porém admite certas medidas reguladoras e rigorosas, à luz da racionalidade. Devemos reconhecer a importância do impulso da formação racional, seguindo o caminho da ciência, mas não se pode negar a sensibilidade estética, na formação do Homem. Reforçar o papel provocador da experiência estética na educação do Homem, pode propor ressignificar a harmonia entre os diferentes campos do saber, que foram minados por forças centrifugas, muito em função da influência positivista. O equilíbrio proposto entre razão e emoção (sentimento) ultrapassa as barreiras da fragmentação do conhecimento e de sua expressão, para divulgar a busca da unidade, assim diluindo as fronteiras construídas nas áreas do saber.

A realização da educação estética não é realmente definir o que é “arte”, esse é um desafio meramente retórico, passível de ressignificação. O grande desafio, e onde devemos concentrar nossas forças, é saber como podemos nos aproximar da obra com um *etos* artístico. Não uma obra meramente contemplativa, mas que proponha novos mundos, novas formas de relacionamento dos homens entre si, e destes com a Natureza, da qual fazemos parte. E nisso, é discutir como edificar obras que manifestem aquele desejo de Schiller, que parece-nos presente em Reclus, de contemplarmos obras em que razão e emoção não se anulem, mas se completem. Obras que tragam em seus contornos a luz da responsabilidade. A experiência estética, que pode conduzir a uma ação mais responsável, do Homem diante da Natureza, do mundo.

Reclus dirige críticas à separação entre arte e ciência, presente no projeto de educação burguês; não coloca a ciência como única via de conhecimento e interpretação do mundo.

A ação da humanidade (individual e coletivamente), para Reclus, deve reconhecer uma concepção estética em suas criações, suas obras. Isso se torna uma possibilidade, a partir do momento que se pense um projeto educativo que revele em seu interior, proximidade com a dimensão artística do conhecimento.

Ainda não compreendemos a importância das artes na constituição humana. Não aquela arte mercantil, fadada a desumanização, mas a que nos humaniza, aquela que eterniza nossas aspirações, intenções, nossa postura, nossa ideia de mundo e de Natureza; aquela que é tradução de nosso interior, obra original e inovadora, criação singular e surpreendente; aquela que nos indica outros caminhos para nossa educação, mas sobretudo, nos indica novos rumos para a incessante e ininterrupta sempre inacabada construção de mundo. Podemos mesmo concordar com as palavras de Albert Camus: “[...] toda criação nega em si mesma o mundo do senhor e do escravo. A horrenda sociedade de tiranos e escravos em que vegetamos só encontrará sua morte e sua transfiguração no nível da criação” (CAMUS, 2003, P. 314).

A curiosidade, lançada as chamas da racionalidade, acaba tendendo a enfraquecer, o que a esfera das artes procuraria revitalizar. Para Reclus, a ciência e a arte, que outrora, em tempos primitivos, atendiam em conjunto pelo termo “música”, devem resgatar tal combinação que incitara numa mesma pulsação interior, que unida a uma mesma vibração harmônica coletiva, traçara os caminhos da humanidade (RECLUS, 1905). Reclus insiste no desejo de ver: “a perfeita união da arte e da ciência, tal como a sonhamos com ela para a sociedade futura” (RECLUS, 1905, t. VI, p. 491, tradução nossa).

A esfera das artes permite reconhecer a possibilidade da produção de uma obra, com uma parcela maior de originalidade; o contato com o sentimento presente em tal ação só torna a obra mais elevada. Assim “[...] a parcela da educação que deve resultar nas grandes transformações estéticas é ainda bem mais delicada do que a educação científica, pois ela é menos direta, a elaboração completamente pessoal, é infinitamente mais nuançada” (RECLUS, 1905, t. VI, p. 479, tradução nossa). A obra, criação, resultante da educação estética é infinitamente mais pertencente ao sujeito que a esboça.

Aponta Reclus: “[...] todas as escolas do mundo não fazem um inventor! Aquele que se baliza a repetir palavras do mestre nunca saberá de nada. É em cada um, de seu interior, de sua consciência e de sua vontade que se revela a mola do destino” (RECLUS, 1925, p. 122). Em resumo, “[...] para agir é preciso querer pessoalmente, para fazer grandes obras é preciso

associar as forças” (RECLUS, 1925, p. 122). O que Reclus insiste a que peçamos aos educandos são obras, criações inéditas e reveladoras.

O que devem pedir aos estudantes não são diplomas, mas obras. Os estudos sendo dirigidos no sentido do trabalho, e do trabalho útil, os jovens, rapazes e moças, terão que mostrar o que já fizeram para colaborar com as empresas comuns da humanidade. Assim como o selvagem primitivo teve de provar que era homem antes de ser considerado com tal, do mesmo modo o operário de outrora, ambicionando o posto do mestre, tinha inicialmente de produzir sua obra-prima; assim também todos os jovens compreenderão de bom grado, se a opinião lhes pede, que não poderão entrar, como iguais, na assembleia dos fortes, sem ter fornecido provas de sua participação em trabalhos sérios de utilidade pública, e, sobretudo, àqueles que não se pode realizar sem espírito de devotamento e sacrifício (RECLUS, 1905, t. VI, p. 457, tradução nossa).

Para Reclus: “a impressão da beleza precede o sentido da classificação e da ordem: a arte vem antes da ciência” (RECLUS, 1905, t. VI, p. 479-480, tradução nossa). Vemos uma criança ainda começando a entender o mundo que a envolve; ela começa por tocar, sentir e contemplar o que está a sua frente (como seus brinquedos), para depois se dar conta dele e de sua dinâmica. “[...] Passa-se da arte a ciência, em seguida, quando as coisas que nos cercam foram compreendidas, quando a ciência tudo explicou, retornamos à arte para admirar mais, e fazer, se possível, penetrar a felicidade em nossa vida” (RECLUS, 1905, t. VI, p. 480, tradução nossa).

A ação da humanidade imprime sua intencionalidade: “[...] à natureza, e, conformemente a seu próprio ideal, embeleza, diviniza a terra, a torna horrível, grosseira, repugnante” (RECLUS, 1905, t. VI, p. 492, tradução nossa). Por isso, Reclus, se preocupa com a educação estética: “[...] o homem de amanhã que será educado para a compreensão da beleza, esse homem saberá que, por respeito à natureza, por amor a ela, não deverá em absoluto deixar nela colocar sua morada de maneira a violar suas linhas, romper brutalmente sua cor e suas nuances” (RECLUS, 1905, t. VI, p. 492, tradução nossa).

A obra de arte: “ela expressa ao menos a liberdade. Quando o homem trabalha livremente, quando ele pode se oferecer alegremente à sua obra, perseguir sua quimera, pode ser que tenha a felicidade de a realizar; ao menos encontrará a originalidade pessoal” (RECLUS, 1905, t. VI, p. 483, tradução nossa). O *etos* artístico que deve assumir a ação humana (da simples a mais complexa), individual ou coletivamente, revelará linhas de harmonia que a humanidade pode dedicar à Natureza.

Do mesmo modo, um encantador grupo de amantes, uma família de crianças que brincam sob os galhos, não acrescentam infinitamente mais à beleza da

natureza, não alegram a solidão por sua cabana situada ao lado das águas correntes, por seu jardim repleto de flores? Até mesmo grandes edifícios podem ajudar a beleza do espaço circundante, quando os arquitetos compreendem o caráter do sítio e que a obra do homem concilia-se com o trabalho geológico dos séculos em um conjunto harmonioso. É assim que um templo grego continua, desenvolve e floresce, por assim dizer, os contornos do rochedo sobre o qual erigiram-no; é parte integrante dele, mas lhe dá um sentido mais elevado; transforma-o, glorifica-o, torna-o digno da divindade que o homem criou e que, lá de cima, reina sobre os campos e sobre os mares. Todavia, há cumes que seriam profanados por qualquer cumeeira de monumento, qualquer relevo de construções humanas, e sentimos uma impressão de verdadeiro asco quando insolentes arquitetos, pagos por hoteleiros sem pudor, constroem enormes prédios, blocos retangulares onde são aplicados os retângulos de mil janelas e instalam cem chaminés fumegantes, diante de glaciares, das montanhas nevadas, das cascatas ou do oceano (RECLUS, 1905, t. VI, 493-494, tradução nossa).

A primeira regra da arte é que ela seja sincera, espontânea e pessoal. Aqui, Reclus parece encontrar ressonância a ideia de Johann Wolfgang von Goethe (1749-1832), de quem foi leitor. Goethe expõe na obra *Werther* (1774), as seguintes palavras acerca da arte, que parecem refletir nas de Reclus: “Há muito que dizer a favor das regras da arte, como a favor das leis da sociedade [...]. Não obstante, diga-se o que disser, toda regra destrói o verdadeiro sentimento e a verdadeira expressão da arte” (GOETHE, 1971, p. 22).

Reclus admite que nem todos podem ser artistas. Aquele que torna-se pela tensão e “[...] pelo estudo servil dos mestres, pela mensuração e pela reprodução precisa das linhas traçadas antes dele, pela observação rigorosa das regras fixadas anteriormente, nunca será outra coisa além de um lamentável copista, um gerador de decadência e morte” (RECLUS, 1905, t. VI, p. 480, tradução nossa). A edificação de obras, por mais belas e grandiosas que sejam, como as pirâmides do Egito, não podem ser frutos da arte, no sentido empregado aqui, pois são desejo de outrem, resultado do capricho de um déspota e pago por inumeráveis vidas. A arte pressupõe a livre expressão a criação original e inovadora, isto é, propõe a humanização do artista (RECLUS, 1905).

A educação estética é crucial para a formação integral do Homem. Reclus admitia a distância entre suas palavras e essa conquista: “mas a grande revolução estética e moral que deixará ao civilizado moderno o direito que tinha o grego de outrora passear livre de panos à luz do sol, essa grande revolução ainda é, entre todas as ambições do homem moderno, aquela que parece mais difícil de realizar” (RECLUS, 1905, t. VI, p. 491, tradução nossa).

Mas Reclus é otimista: acena que a livre associação de cientistas, operários, artistas, poderia mudar o trágico cenário da relação do Homem com a Natureza e do dos homens entre si: “mas, desde a primeira lição, eles aprendem que são rivais e combatentes; os explicam de

todos os modos que os prêmios a conquistar são pouco numerosos e que é preciso arrancá-los dos camaradas” (RECLUS, 1905, t. VI, p. 492, tradução nossa); Continua: “todos acostumam-se dia a dia a se entre-odiar, nesses belos anos da juventude feitos para a grandeza de alma e heroísmo. Também, a arte verdadeira, generosa, desinteressada surge dificilmente desse meio invejoso: as flores permanecem sufocadas sob as urtigas” (RECLUS, 1905, t. VI, p. 492, tradução nossa).

“Não esqueçamos, o ideal de uma sociedade se realiza sempre” (RECLUS, 1886, p. 6, tradução nossa): com essas palavras, Reclus, vai chegando ao final de seu panfleto *L’Avenir de nos enfants*. Acena, naquele momento, acreditar no progresso geral da humanidade. Registra: “[...] temos o direito de esperar que, de todas as partes, a convergência faça-se rumo a um estado social no qual se compreenderá a união de todos os elementos da vida humana, divertimentos e estudos, artes e ciências, fruições do bem estar material e do pensamento” (RECLUS, 1905, t. VI, p. 496, tradução nossa).

Esse movimento, de reapropriação do conhecimento, próximo de sua complexidade, isso é, a partir de suas múltiplas formas de expressão, propondo a educação integral do homem, é realizável para Reclus; ele deve reconhecer e estar em concordância com as harmônicas vibrações do movimento da Natureza em sua unidade (RECLUS, 1905).

A Natureza surgiria, portanto, como elemento fundamental para que professores e alunos possam desenvolver amplamente os diferentes sentidos, compreendendo que as dimensões do conhecimento são muitas e que não existe sentido pensar em um modelo de conhecimento que separa razão e sentimento (GIROTTTO; RECH, 2011). Reforça Reclus: “o sentimento da natureza, assim como gosto pelas artes, desenvolve-se pela educação” (RECLUS, 1866, p. 370, tradução nossa).

“Tenhamos a firme resolução de fazer homens livres, nós que não temos ainda da liberdade uma vaga esperança” (RECLUS, 1886, p. 7, tradução nossa). Para Reclus, a construção deste outro projeto de sociedade, pautado na negação do poder como elemento da desigualdade social, só pode se dar a partir de uma ampla mudança cultural, que tem na educação um de seus movimentos essenciais (GIROTTTO; RECH, 2011). Pensando na totalidade da educação, a educação geográfica possuirá sua parcela de ressignificação de construção de mundo, na ressignificação da ideia de Natureza.

A constituição da educação integral, da qual a escola realiza uma pequena parcela, e da qual a Geografia é um dos saberes, é fundamental para a formação de sujeitos que compreendam a construção e expressão do conhecimento em suas múltiplas possibilidades. Por mais que todos sejamos sujeitos históricos e geográficos, e admitindo as palavras de

Reclus: a “[...] cada novo indivíduo que se apresenta, com atitudes que surpreendem, com uma inteligência inovadora, com pensamentos contrários à tradição, se torna um herói criativo ou um mártir: mas, feliz ou infeliz, ele age, e o mundo se transforma” (RECLUS, 1905, t I, p. 116, tradução nossa); a formação do sujeito, do homem, para Reclus deve ser aquele que compreenda as contradições do mundo em que vive e é capaz de assumir sua responsabilidade no processo de transformação social.

Para sintetizar a discussão realizada nesse capítulo, em resumo, os princípios da educação divulgada por Élisée Reclus são:

- a) a formação integral (da autonomia emancipatória) nas múltiplas faculdades possíveis do homem e da mulher à luz da responsabilidade individual e coletiva;
- b) a educação estética: peçamos obras aos educandos (criações originais); para que se sintam pertencentes ao mundo do qual fazem parte;
- c) o desenvolvimento da Soberania Individual.

CAPÍTULO 3

OS PRINCÍPIOS DO ENSINO DA GEOGRAFIA PARA ÉLISÉE RECLUS

[...] natureza, a grande educadora. RECLUS (1917)

Toda tradução de sentimento sincero é justificado diante dos espetáculos da natureza.

VIDAL DE LA BLACHE (1905)

Poucos são os escritos de Reclus específicos acerca do ensino da Geografia. Para reconhecermos os princípios do ensino da Geografia, em sua obra, como apoio temos: *L'Enseignement de la Géographie* (1903) e *La enseñanza de la Geografía* (1917). O último artigo aludido foi escrito a pedido de um amigo, Francisco Moreno, que solicitou apontamentos para o ensino do seu país, a Argentina.

Antes de avaliarmos suas ideias, acerca do ensino da Geografia, esboçamos alguns comentários em torno das principais influências quanto a esse tema, em Reclus.

A Natureza enquanto cenário, na qual se realiza o processo educativo, e a educação pensada para as classes populares, encontrarão esteio em obras de pensadores analisados por Reclus, em experiências escolares de outros educadores e em discussões advindas da rede de debate colaborativo que construiu devido às inúmeras viagens que realizou.

A rede de geógrafos, colaboradores anarquistas, uma parcela companheiros militantes, que junto com Reclus, se encontravam exilados na Suíça na década de 1880, irá, nesse sentido esforçar-se em debater a importância da educação libertária (e da ciência) para a emancipação da classe oprimida¹⁷. Discutirão, eles, acerca da fundação de escolas libertárias, universidades populares e extensões universitárias na Europa (FERRETTI, 2013).

Essa rede de colaboradores, era conectada diretamente com educadores que traziam propostas inovadoras para época, como Francisco Ferrer y Guardia (1859-1909) e Paul Robin (1837-1912), considerados fundadores da pedagogia libertária e que viriam a inspirar, no século XX, experiências no ativismo pedagógico e nas pedagogias da libertação, inclusive em

¹⁷ Dentre os nomes podemos citar, o irmão de Élisée, Elie (1827-1904), o cartógrafo suíço Charles Perron (1837-1909), os exilados russos Léon Metchnikoff (1838-1888) e Pëtr Kropotkin (1842-1921) o ucraniano Mikhail Dragomanov (1841-1895), o geógrafo húngaro Atila de Gerando (1848-1898), Patrick Geddes (1854-1932) e Paul Reclus (1858-1940).

educadores de mais nobre importância, como no francês Célestin Freinet (CODELLO, 2007) e o brasileiro Paulo Freire (FERRETTI, 2013).

O precursor do método assumido por Reclus, quanto ao ensino da Geografia, é Johann Heinrich Pestalozzi (1746-1827) (FERRETTI, 2013). O pensador inspirou a escola que a mãe de Reclus fundou, na qual teve sua primeira educação formal. Posteriormente, no ensino superior, Reclus, foi aluno de Ritter, esse que por sua vez, chamava-se de aluno de Pestalozzi (GAGE, 1867).

Segundo as ponderações de Pestalozzi, encontraremos na Natureza o grande livro a ser lido pelos homens, de forma especial pela Geografia. “As frequências referências de Ritter à “Terra como casa da educação da humanidade”, sua antipatia para os saberes enumerativos e dogmáticos e seu ativismo no desenvolvimento da instrução universitária devem muito ao educador suíço” (FERRETTI, 2103, p. 11).

Essa concepção de ensino do mestre alemão viria a se aproximar da de um de seus alunos, Reclus, que expõe, assim sua interpretação da obra do mestre Ritter: “A ideia-mãe que inspirava o ilustre autor de *Erdkund*, quando ele redigia sozinho sua grande enciclopédia, o mais belo monumento geográfico dos séculos, é que a terra é o corpo do humanidade, e que o homem, por sua vez, é a alma da terra” (RECLUS, 1864, p. 762, tradução nossa).

O nome de Pestalozzi, frequentemente é mencionado, “[...] mas poucos o leem e continuam conhecendo muito mal tanto sua obra quanto seu pensamento [...]. Pestalozzi foi um pensador e sobretudo um apaixonado homem de ação [...], e seu nome está vinculado a todos os movimentos de reforma da educação do século XIX” (SOËTARD, 2010b, p. 11). Na esfera da educação, nos tempos que lhe seguiram, pode-se dizer, que se considera Pestalozzi, como promotor e reformador da escola popular. A organização escolar ocidental avaliou os princípios do pedagogo, que alcançaram enorme difusão.

A preocupação de Pestalozzi também se centrará na formação de um sujeito que busca a libertação do povo. Escreve, em carta de 1801, a Enrico Gessner: “[...] desde a minha juventude, o meu coração se dirigiu com a força de uma irresistível corrente, sempre e só com a finalidade de fechar a fonte da miséria na qual eu vi, em torno de mim, afundado o meu povo” (PESTALOZZI, 2010, p. 47).

Seu projeto de “[...] educação das classes populares inspirará ao mesmo tempo os sistemas europeus da educação pública e as escolas libertárias como a escola de *Campuis*, a *Escuela Moderna* e as Universidade populares” (FERRETTI, 2013, p. 12). Seus pressupostos irão dar base para inúmeros educadores posteriores, com decisiva participação na discussão do ensino de Geografia. Por exemplo “[...] Rui Barbosa, com base nos princípios desse

pensador, criticou severamente os manuais de geografia adotados nas escolas primárias, considerando-os crimes pedagógicos” (GASPARIN, 2010, p. 37).

A educação defendida por Pestalozzi teve experiência no Orfanato de Yverdon, onde o ensino de Geografia recebia suas nuances, pelas mãos do educador. A prática de seu método de ensino de Geografia, dispensava os esquemas, os mapas, o livro didático. A Geografia devia ser aprendida no grande livro da natureza. Guimps, traduz sinteticamente, como era realizado o ensino da Geografia para o pedagogo suíço.

Os primeiros rudimentos da geografia nos eram ensinados no campo. Primeiro, nosso passeio se dirigia a um vale estreito perto de Yverdon, onde passa o rio Buron. Os mestres nos faziam percorrer esse caminho no conjunto e nos detalhes, até que nós tivéssemos a intuição justa e completa dele. Então nos convidavam a fazer uma escultura de argila, que ficava em camadas nos flancos do vale, e nós enchíamos algumas grandes cestas levadas para essa ocasião. De volta ao castelo, cada um de nós, sobre uma grande mesa, reproduzia na argila o relevo do vale que tínhamos estudado. Nos dias seguintes, novos passeios, novas excursões, sempre de um ponto de vista mais alto e, a cada vez, uma nova etapa de nosso trabalho. Continuávamos assim até que acabássemos o estudo da bacia de Yverdon, até que a tivéssemos esmiuçadas em sua totalidade do alto do monte e que tivéssemos completado o nosso relevo. Somente então passávamos do relevo ao mapa, que esboçávamos somente depois de ter compreendido em inteligência (GUIMPS, 1890, p. 225, tradução nossa).

Essa descrição, acima exposta, do processo de ensino pestalozziano, menciona seu método de aprendizagem a partir dos sentidos, da realidade concreta, seguindo posteriormente, para a representação abstrata. Pestalozzi, com tal método, redescobre a importância da experiência, resultante do contato (estudo) direto com a realidade. “As crianças confusas ainda nessa ignorância a qual você pode dar uma culpa, eu descobri uma viva força da intuição e uma certeza na retenção daquilo que já tinha visto e conhecido do qual os nossos fantoches escolares não tinham a menor ideia” (PESTALOZZI, 2010, p. 54).

O fundamento do conhecimento humano, a realização do ensino da Geografia, para Pestalozzi, não nega formulações anteriores, sistematizadas; elas são necessárias. Todavia, o livro a ser lido é a realidade concreta. “O ponto de vista mais essencial do qual parto é este: a intuição da natureza é o fundamento próprio e verdadeiro da instrução humana, porque é o único fundamento do conhecimento humano” (PESTALOZZI, 2010, p. 74). A intuição para Pestalozzi seria o fundamento do conhecimento e da instrução; mas ela não pode ser entendida em um sentido passivo.

Por isso é que a base do método intuitivo de Pestalozzi é a “lição de coisas”, acompanhada de exercícios de linguagem para se chegar às ideias claras. O método da “lição de coisas” caracteriza-se por oferecer dados sensíveis à

observação, indo do particular ao geral, do concreto experienciado ao racional, chegando aos conceitos abstratos. Daí a ênfase ao contato direto com a natureza, à observação da paisagem, ao trabalho de campo como pressupostos básicos do estudo. O professor deve buscar seu material no próprio meio que envolve o aluno, em situação real (GASPARIN, 2010, p. 36).

Para Pestalozzi: “O método de toda educação consiste em um princípio muito simples: seguir a natureza. O professor é um jardineiro, cuja tarefa consiste em providenciar as condições para que a planta se desenvolva, pois o princípio de seu crescimento está dentro dela mesma” (GASPARIN, 2010, p. 39). Tal premissa, rompe com a educação formal atual (dizemos, predominantemente nesse sentido), em que os educandos se veem, desde logo cedo, a seguir os caminhos apontados pelos professores, como que por decreto soberano e infalível.

É no contato direto com a Natureza, filtrado pelos sentidos do Homem, que se promove o ato educativo. Pestalozzi escreve em carta de 1801: “[...] cheguei à convicção, que a primeira hora da aprendizagem é a hora do nascimento. A partir do momento em que os sentidos da criança podem receber as impressões da natureza, esta o educa.” (PESTALOZZI, 2010, p. 55).

Este princípio didático pestalozziano se refere a todos os tipos de aprendizagem, mas tem uma aplicação direta para o ensino de geografia, tanto assim que é atribuída a Pestalozzi a primeira tentativa de estabelecer o ensino desta área de conhecimento tendo como base a intuição. Ele inaugurou o ensino de geografia local, estabelecendo como ponto de partida o pequeno mundo da criança para o estudo dos fenômenos geográficos por círculos concêntricos em que primeiro se apresentava aos alunos o “próximo” ou concreto, para em seguida tratar das áreas distantes (GASPARIN, 2010, p. 36).

Toda educação, “[...] toda instrução não consiste, portanto senão na arte de favorecer essa inclinação da natureza ao seu próprio desenvolvimento” (PESTALOZZI, 2010, p. 56). Tal premissa, não nega o contato social, pelo contrário, as relações entre os homens e destes com a Natureza, revela o ato educativo. O Homem entregue ao livre arbítrio, deve reconhecer que sua ação atinge ao outro, como a do outro atinge a si. Para isso, deve forjá-la no encontro conflitivo com o outro, com a alteridade do mundo; e o papel da educação entendida em seu sentido amplo, seria o de promover a liberação deste desejo de autonomia, no contexto de insatisfação social que caracteriza nossa sociedade.

A discussão da educação em contato direto com a Natureza e com o mundo, promovida por Pestalozzi, será inspirada em um outro importante educador e do qual Reclus por sua vez, também procurou aporte para suas ideias. Estamos nos referindo a Jean-Jacques Rousseau, que desenvolveu ideias ricas e complexas que tiveram papel fundamental para a

estrutura política e cultural de sua época, e que permanecem atuais, à medida que nos servem para compreendermos nossa sociedade (SOËTARD, 2010a).

Na educação, foi Rousseau, iniciador: situou a criança no centro do processo educacional; apontou a educação como “[...] a arca que permitirá a salvação da humanidade social do dilúvio [...]” (SOËTARD, 2010a, p. 15-16) desumanizador. Foi,

[...] Rousseau quem deu um impulso decisivo a Pestalozzi, que durante toda sua vida teve o *Emílio* como livro de cabeceira e que, um ano antes de sua morte, falava de seu autor como o «centro de ação do antigo e do novo mundo em matéria de educação», o que «quebrou as correntes do espírito e devolveu a criança a si mesmo, e a educação à criança e à natureza humana» (SOËTARD, 2010b, p. 13).

Quanto ao ensino da Geografia, Rousseau foi o primeiro a pedir que, em lugar de globos, esferas e cartas, mostremos ao aluno o próprio objeto, “[...] a fim de que ele saiba ao menos do que lhe falais” (ROUSSEAU, 1995, p. 176). Isso, não significa que tenha ignorado em suas formulações o ensino afastado das abstrações.

Essa tradição, será herdada por Pestalozzi, em seguida com Reclus, mais contemporaneamente em Freinet, e de fato é o grande legado dos ensinamentos de *Emílio*¹⁸. O *Emílio*, incitara inúmeros educadores naquele momento, como ainda nos dias de hoje, pode nos servir de apoio para reflexão da educação. Mais do que um roteiro prático, Rousseau, pretendia traçar um tratado que estimulasse a imaginação inovadora. Tal obra, ilustra, através de linhas romanceadas, a vida de um jovem, Emílio, personagem do livro, acompanhado de um preceptor (o educador ideal, no livro representado pelo próprio Rousseau) e afastado da sociedade corruptora, e que tem sua educação na livre Natureza que o circunda, respeitando o seu desenvolvimento gradual.

Reclus assume várias das formulações de Rousseau. Ainda que neste ponto em especial, no que tange a educar a criança distante das relações sociais, Reclus discorde. Para Reclus “[...] a educação da criança isolada, que foi o objeto exclusivo das atenções do pai e da mãe, faz dela um ser realmente deserdado: falta colaboração dos camaradas, seus iguais, sucessivamente amigos e rivais” (RECLUS, 1905, t. VI, p. 443, tradução nossa).

Para Rousseau, “[...] o projeto de uma “educação conforme a natureza”, entretanto, não significa retornar à vida selvagem ou primitiva, e sim buscar a verdadeira natureza, que

¹⁸ “*Emílio ou da Educação* é sua utopia pedagógica. Foi a sua principal obra de educação. As ideias básicas são: 1) a criança (o homem) é boa por natureza, e se se desvirtua é por causa da civilização; 2) as crianças não podem ser vistas como pequenos adultos; cada fase por que ela passa tem valor intrínseco e deve ser levado em conta no ensino; 3) a criança deve apreender o menos possível pelos livros e pelas palavras, e sim por sua observação e ação (experiência)” (CALLAI, p. 24).

corresponde à vocação humana” (ARANHA, 2010, p. 62). É a partir deste personagem, Emílio, que Rousseau irá expressar a sua concepção de educação. Uma rápida leitura desta obra nos levará a encontrar paralelos, que Reclus assume em sua concepção de educação. Um dos pontos, é quanto ao uso dos livros no ensino. O uso de livro deve ser incorporado ao ensino não numa primeira educação, mas conforme a criança, sinta necessidade de confirmar/questionar suas ideias ou compará-las a de outros.

Quando Rousseau retarda, o mais possível, o acesso de Emílio à leitura, ele não quer dizer de modo algum que rechaça os livros [...]. O que quer dizer Rousseau é que caso se apresente, prematuramente, à criança, textos já elaborados, juízos estabelecidos e abstrações sem sentido, encerra-se ela em um mundo pré-fabricado, no qual só se pensa por intermédio de outros. Se o conceito, a frase estruturada e o texto escrito permanecem como instrumentos, por excelência, que asseguram ao homem o controle intelectual do mundo, também é preciso que se lhe deem meios para chegar a esse controle por si mesmo. Este será o sentido pleno de uma pedagogia da leitura. A leitura não é um fim em si mesma, mas deve iniciar-se no momento oportuno - que pode ser muito diferente de uma criança para outra - no processo de re-apropriação intelectual do mundo. É, com efeito, este o movimento que dá sentido à leitura: na medida em que ela é iniciada e desenvolvida oportunamente é que se forma na criança o desejo de ler (SOËTARD, 2010a, p. 20).

Rousseau não reconhecia a importância decisiva ao conhecimento conduzido por lições livrescas, *por intermédio dos outros*; “[...] queria que a criança aprendesse a pensar, não como um processo que vem de fora para dentro, ao contrário, como desenvolvimento interno e natural” (ARANHA, 2010, p. 63).

A humanização, pensamento autônomo, construção sólida, liberta de preconceitos construídos anteriormente, realiza-se por verdadeiras experiências, individuais. O embate das experiências no mundo, nos tornam homens. Muita coisa passa; pouca acontece. O que *nos* marca e transforma é a experiência. Nem todas as situações comprometem nossa constituição. As experiências permanecem, nos aproximam de uma postura comprometida e responsável de mundo, ou, pelo contrário, dela nos afastam (LARROSSA, 2009). A experiência humana é única, porque, diferentes são os anseios, intenções, ações e, diferentes são as responsabilidades individuais e coletivas assumidas na construção de mundo (ARENDRT, 2005).

Essa breve discussão é importante por quê? A liberdade autônoma, a qual Rousseau defende como fator educativo, se realiza, pela experiência provocada do inevitável encontro conflitivo (que revela contradições) do homem com o mundo, assim, deve ser fruto de uma

conquista individual (ainda que não se negue, fazer parte de uma classe social). Isso não é nenhuma condenação, senão que condição de humanização.

Para Rousseau, a educação será a arte de gerir os contrários, na perspectiva do desenvolvimento da liberdade autônoma [...] Consideremos, por exemplo, o problema da liberdade e da autoridade. Rousseau crítica de início toda a forma de educação fundada sobre o princípio de uma autoridade que submeta a vontade da criança à de seu mestre. Há que deixar, então, a criança entregue à sua própria vontade? Sendo o mundo o que é, seria um erro fatal e que comprometeria o seu desenvolvimento: se o eu sensível quiser ascender à consciência autônoma, tem que se chocar com a realidade e seria pura ilusão criar ao redor da criança uma forma de paraíso, forçosamente artificial, no qual o desejo dela se realizaria plenamente: parecendo “seguir a natureza”, ela não seguiria senão a opinião dos outros. Como demonstra bem o desenvolvimento do herói epônimo *Emílio*, é preciso, ao contrário, conquistar a própria liberdade e autonomia pessoal além do encontro conflituoso com a dura realidade do mundo, com a realidade do outro, com a da sociedade. É, então, que o educador recupera um papel decisivo, favorecendo a experiência formadora, acompanhando a criança ao longo de todo o seu itinerário, pleno de provas e de emboscadas, enfim e sobretudo, estimulando-o no momento em que se deve esforçar-se por reconstituir-se, por meio da ruptura de seu desejo. A arte do pedagogo consiste em atuar de maneira tal que sua vontade não substitua jamais a vontade da criança (SOËTARD, 2010a, p. 12; 16-17).

Uma das árduas e necessárias tarefas do educador, nesse processo, é de estimular a curiosidade da criança, do educando. Rousseau escreve em *Emílio*: “[...] tornai vosso aluno atento aos fenômenos da natureza e logo o tornareis curioso; mas, para alimentar sua curiosidade, nunca vos apresseis em satisfazê-la. Colocai questões ao seu alcance e deixai que ele as resolva” (ROUSSEAU, 2010, p. 42). Rousseau deixa claro em seus escritos sobre educação, que “[...] a criança deve se realizar na e pela ação, esta práxis somente tem sentido em uma compreensão superior que não é própria da esfera da ação: trata-se uma vez mais de compreender o que está em jogo no ato educativo” (SOËTARD, 2010a, p. 27). Por isso, Rousseau “valoriza a experiência, a educação ativa voltada para a vida, para a ação, cujo principal motor é a curiosidade” (ARANHA, 2010, p. 63).

A dimensão artística, da curiosidade, que deve ser reforçada na educação do homem, recebe notoriedade nas palavras de Reclus.

Registradas algumas palavras acerca dos dois principais autores (Pestalozzi, Rousseau) que influenciam as considerações de Reclus em torno do ensino da Geografia tratemos, nas linhas a seguir, a esboçar comentários do que pensava o geógrafo Reclus nesse ponto.

A dimensão política, que Reclus assume na Geografia enquanto ciência e no seu ensino, vai para além da perspectiva universitária, e isso o fez pensar nos diversos níveis de ensino; adota o estilo de ensino que admirava nos cursos que Ritter ministrava.

Para aventar quais são os princípios que Reclus acredita serem basilares ao ensino da Geografia, precisamos estar atentos à sua ideia de relação Natureza-Homem. Sua interpretação é a de propor uma ressignificação da Natureza; uma ação mais responsável. A humanidade, para Reclus, deve aproximar-se, entender-se como parte integrante da Natureza. A concepção dicotômica Natureza-Homem não pode nos direcionar mais do que a um despertencimento, um afastamento dessa unidade.

Por sermos parte da natureza com potencialidade diferencial em relação às outras, não podemos esquivar nossa responsabilidade enquanto seres conscientes dos caminhos que o mundo segue. Daí a importância da educação geográfica, do ensino da Geografia: que concepção de Natureza-Homem discutimos em nossas salas de aula, e mais, que concepção é que se faz predominante em nosso mundo atual? Se a concepção dicotômica é a mais divulgada, como romper com isso? É isso possível?

Um registro: Reclus assume a formulação rousseauiana, quanto à educação, partindo do mundo que nos circunda, todavia, discorda em um ponto de Rousseau; um e outro possuem ideias diferentes de Natureza. Enquanto em Reclus, Natureza-Homem, formam uma unidade, para Rousseau o Homem deve voltar à Natureza, no sentido de se afastar (ainda que não totalmente) das relações sociais que o corrompem. Ao contrário, para Reclus, a educação se revela na Natureza em sua totalidade, nas suas múltiplas manifestações, que são resultantes do diálogo e enfrentamento das forças do Homem e da Natureza, ao longo das sucessões de idades. Ainda assim, concordando com Rousseau, para Reclus, “Não são em estreitas salas com janelas cerradas que se farão homens corajosos e honestos” (RECLUS, 1880, p. 15, tradução nossa).

Reclus escreve que: “[...] a verdadeira escola tem que ser a natureza livre, com suas belas paisagens que se pode contemplar, suas leis que podem ser captadas na observação do que é vivo, mas também seus obstáculos que se precisa superar” (RECLUS, 1880, p. 248, tradução nossa). Reclus (1911), em muitas de suas cartas, exalta a alegria de se compreender o mundo, em contato direto com a Natureza, seja “intocada” (*première nature*, levando em consideração que no período em questão - século XIX - ainda podia se afirmar, restar vestígios intocados), ou mesmo aquela já transformada pela mão do homem (*seconde nature*: a Natureza ressignificada pelas sociedades modernas).

Aponta: “Mesmo fora da natureza dita propriamente dita, nos edifícios fechados, é sempre pela observação exata, que procederá o estudante, em particular, aquele que tem especialmente o homem por objeto de pesquisa” (RECLUS, 1905, t. VI, p. 456, tradução nossa). Escreve e assinala: “Ora, a observação é precisamente a obra da geografia e sabemos que com ardor ela prossegue” (RECLUS, 1894a, p. 15, tradução nossa). O princípio da observação¹⁹, em Reclus, possibilita, ao estudioso, que se atenta a compreender as forças da Terra, quais são os limites para suportar a ação do homem; ao educando, em processo de aprendizagem, uma aproximação maior com a totalidade da qual o Homem faz parte.

Na obra *Cosmos* (sobretudo no volume II) Alexander von Humboldt, trabalha quanto ao impulso da contemplação da Natureza na imaginação e na ação do Homem, quanto ao sentimento que liga Natureza e Homem (HUMBOLDT, 2005). Em 1866, Reclus publica *Du sentiment de la nature dans les sociétés modernes*; é nele que esse sentimento, esse pertencimento Natureza-Homem, uma vez mais será expressado, talvez por influência do geógrafo alemão ou da filosofia da natureza do romantismo alemão.

Essa contemplação, em Reclus, não está carregada de simplismo e sentimentalismo; anima-se também na razão, na ciência, e nesse aspecto que supera o modelo (formal burguês) imódico racional; razão e emoção não se anulam, mas fazem parte de uma mesma análise interpretativa. Reclus, inclinado à tendência do Romantismo alemão - especialmente de Friedrich Schelling, para quem a contemplação da Natureza revela uma unidade indissolúvel e indissociável da relação entre Natureza-Homem (SCHELLING, 2010)²⁰, e pela leitura de Rousseau, buscou outras formas de apreensão da realidade, novas formas de representação, não limitada a uma ilustração objetiva e unidirecional.

A interpretação racional é necessária, assim como necessário é dar liberdade para o sentimento, sem o qual não é possível chegar próximo de compreender a unidade que a relação Natureza-Homem proporciona ao segundo (sentimento da Natureza, na linguagem dos românticos).

A leitura de Humboldt colocará Reclus diante de algumas propositivas notas. Para Humboldt “a natureza é o reino da liberdade”, e para que se possa “[...] pintar vivamente as concepções e os gozos humanos que de sua profunda contemplação emanam, seria portanto preciso que o pensamento humano pudesse revestir, também livremente, as formas e a

¹⁹ “O ensino da geografia deve ser vivificado pelos olhos” (LEVASSEUR, 1873, 14, tradução nossa), dirá Levasseur, considerado pai do ensino da Geografia na França.

²⁰ A unidade é o elemento básico do Romantismo alemão (GUINSBURG, 2002).

elevação de linguagem dignas da grandeza e majestade da criação” (HUMBOLDT, 2005, t. I, p. 17-18, tradução nossa).

A proposta de interpretação do mundo, a partir da Geografia, iniciada em Humboldt, continuada com Reclus, requer o empirismo. Todavia aqui cabe um alerta, divulgado pelo professor Vitte: as práticas empíricas, as coletas de campo não são suficientes. Há necessidade da reflexão,

[...] e não é o acúmulo que obriga a teorização, mas os fundamentos filosóficos associados à *Curiosidade* e à *Imaginação* conduzem ao questionamento das heterogeneidades da natureza [...]. Não apenas a coleta de dados são importantes, mas também é igualmente considerarmos a contemplação, a gênese filosófica e a imaginação que permitem ou que permitiram a invenção da natureza sob o ponto de vista da Geografia (VITTE, 2011, p. 31-32).

Reconduzindo a discussão para Reclus, o geógrafo, atesta o significado do olhar contemplativo, que é capaz de reconhecer uma relação menos dura, privada de um pertencimento da unidade - Natureza-Homem - que faz parte.

Tomamos sobre o feito, o trabalho da erosão das águas e da neve; assistimos à marcha dos glaciares; vemos as rochas erráticas deslocarem-se dos cimos para a planície; seguimos com o olhar os enormes estratos horizontais e verticalizados; percebemos as massas de granitos levantando as camadas; depois quando nos encontramos, enfim, sobre um elevado cume, podemos contemplar em seu conjunto o edifício da montanha com suas ravinas e seus contrafortes, suas neves, suas florestas e suas pradarias. Os vales e os vales que o gelo, as águas e as intempéries esculpíram no imenso relevo revelam-se claramente. Vemos a obra realizada durante milhares de séculos por todos esses agentes geológicos. Remontando até a origem das próprias montanhas, fazemos um juízo mais seguro sobre as diversas hipóteses dos pesquisadores quanto à ruptura da crosta terrestre, às dobras das camadas, à irrupção do granito ou do pórfiro (RECLUS, 1866, p. 355, tradução nossa).

Para Reclus: “Assim, a observação, a metade do problema social, faz-se cada dia mais ativa. A experiência, o outro elemento necessário da solução, realiza-se com a mesma impulsão, embora de uma maneira menos consciente” (RECLUS, 1894a, p. 15, tradução nossa). Note-se um outro importante elemento para que a educação geográfica se realize: a *experiência* humana. A experiência só pode realizar-se na relação com o que nos é “estranho”, isto é, com o que não nos pertence, ou seja, com os outros, com o mundo que nos circunda, com a Natureza.

A experiência humana, trabalhada por autores como Larrosa (2009), independe de nossa vontade. Podemos nos permitir estar vulneráveis a sofrer algum impulso em alguma situação em nossa vida, esperando que a experiência *nos* aconteça, e assim nos transforme

(LARROSA, 2009). Esse pretense afastamento do Homem da Natureza, poda inúmeras possibilidades de experiência a que podemos estar vulneráveis. Benjamin (1987) alerta ao *corte da experiência do homem em sua relação com a natureza*. A experiência passa pela observação, mas passa também pelo contato direto com a Natureza, a fim de promover a descoberta de novas realizações, abertura de novos labirintos a serem percorridos.

A educação geográfica, assumindo a premissa da experiência humana como essencial, inevitavelmente, requer partir de situações reais, autênticas, de dúvidas, inquietações, riscos e, por vezes ingenuidades, com as quais começamos o edifício de nossa vida e do mundo ao nosso redor. Essa é a importância da observação: reconhecer problemas que se apresentam à nossa frente.

Reclus escreve em carta à sua mãe: “[...] observar a Terra é, para mim, estudá-la. O único estudo verdadeiramente sério que eu faço é aquele da Geografia, e acredito que valha a pena observar a própria natureza em vez de imaginá-la da sala de um escritório fechado” (RECLUS, 1911, t. II, p. 109, tradução nossa). Tal carta revela, por que dedica críticas a um ensino da Geografia, pautado no uso excessivo de livros, que não reconheça a importância do contato (contemplativo) com a realidade: “Nenhuma descrição, por mais bela que seja, pode ser verdade, pois ela não pode reproduzir a vida da paisagem, a caída da água, o tombo das folhas, o canto dos pássaros, o perfume das flores, as formas das nuvens. Para conhecer é preciso ver” (RECLUS, 1911, t. II, p. 109, tradução nossa).

A provocação que o olhar contemplativo da realidade pode provocar, não há descrição, linguagem alguma, que possa substituir; o sentimento da natureza não pode ser desenhado em umas poucas linhas. A experiência contemplativa (estética) é diferente. Ela pode trazer um alcance a mais de responsabilidade. A nossa experiência só pode ser única, por que meus olhos veem e meus pés sentem coisas que os seus não o puderam (LARROSA, 2009). Muito embora isso possa ser assumido, inclusive por nós, não podemos desconsiderar os livros que os educandos têm em mãos como possibilidade.

E mais: não podemos desconsiderar o livro, a leitura como possibilidade efetiva de realizações de experiências. O livro também é precursor de experiências (LARROSA, 2009). “Os livros devem ser lidos com o mesmo cuidado e circunspeção com que foram escritos” (THOREAU, 2007, p. 43); devemos os assumir como incitadores para novas criações, mais originais e atuais, que possam dialogar com problemas reais. O livro, como apoio, para Reclus, tem sua importância.

Excetuando todos os livros que o tempo envelhece, não são esses livros por excelência, os livros sempre vivos nos quais, para o leitor atento, novas

páginas, cada vez mais belas somam-se incessantemente às precedentes? Não é tudo: o leitor transforma-se em autor. Graças ao poder da magia que lhe dá a experiência, ele pode suscitar mudanças a seu bel prazer no meio ambiente, evocar fenômenos, renovar a vida profunda das coisas pelas operações do laboratório, tornar-se criador, por assim dizer, transfigurar-se em um Prometeu portador de fogo! E que palavra impressa, bem aprendida de memória, poderá substituir para ele esses atos verdadeiramente divinos (RECLUS, 1905, t. VI, p. 456, tradução nossa)?

Em um bloco de mármore se encerra a mais bela das estátuas e a ciência perfeita cabe em um grosso manual de algumas centenas de páginas. Mas é necessário que o escultor talhe a pedra e revele a efígie oculta; da mesma maneira é preciso que o aluno descubra o pensamento que palpita na obra sob a vestidura das palavras. É assim como surgirá a figura do monumento que irradiará a verdade laboriosamente buscada (RECLUS, 2014a, p. 29).

Ele registra: “a falta de estudo pessoal mata a iniciativa, retira da palavra e dos atos toda originalidade” (RECLUS, 1905, t. VI, p. 452, tradução nossa).

Usamos as palavras de Thoreau, para prosseguir:

Mas enquanto nos limitamos aos livros, ainda que os mais seletos e clássicos, e lemos apenas determinadas linguagens escritas, por si mesmas dialetais e provincianas, corremos o risco de esquecer a linguagem que todas as coisas e acontecimentos falam sem metáfora, e é, em sua singularidade, abundante e exemplar. Muita coisa é impressa, mas pouco é o que deixa impressão. Os raios que escoam através da persiana não serão mais lembrados quando a persiana for retirada. Nenhum método nem disciplina suplanta a necessidade de permanecer sempre alerta. O que é o curso da história, a filosofia, ou a poesia, por mais selecionada que seja, ou a melhor sociedade, ou a mais admirável rotina de vida, em comparação com a disciplina de olhar incessantemente o que existe para ser visto? Leitor, mero estudioso, observador, o que se há de ser? Lede vosso destino, vede o que está a vossa frente e marchai para o futuro (THOREAU, 2007, p. 56).

O essencial é que: “[...] a atividade intelectual permaneça sempre aberta, sempre disposta a rejeitar o falso e substituir um conceito novo. As suturas do crânio não devem se fechar, a mente deve permanecer em período de renovação e atrasar a sua consolidação, a sua rigidez até a morte” (RECLUS, 1911, t II, p. 234-235, tradução nossa).

O contato com a realidade, eis a grande escola para Reclus; nas palavras de Pestalozzi, encontraremos ressonância a essa ideia: “Sem receio pela confusão e o engano, põe a natureza sua riqueza completa ante os olhos do ser humano exercitado, e a criança olhe nas grandes casas de comércio toda a riqueza da linguagem antes que tenha o conceito de uma palavra” (PESTALOZZI, 2010, p. 83). Lembra Reclus que: “[...] contudo, se a educação pode fazer aqueles que ainda não compreendiam o profundo encanto da natureza apreciarem-na, ela também pode, quando é deformada, depravar o gosto e dar do belo ideias monstruosas ou ridículas” (RECLUS, 1866, p. 370, tradução nossa).

Reclus aponta: “[...] para aprender realmente, para dar-se a natureza e todas as obras do homem como grande campo de observação, se eles interrogam a Terra, escutam-na diretamente, sem buscar vê-la por intermédio das descrições dos livros que a falseiam mais ou menos” (RECLUS, 1905, t. VI, p. 455-456, tradução nossa); o educando terá um ideia mais precisa do mundo que o circunda: “[...] nenhuma lição que seja pura forma, simples recitação de livros” (RECLUS, 1905, t. VI, p. 443, tradução nossa).

Para Reclus, “Em vez de raciocinar sobre o inconcebível, comecemos por ver, por observar e estudar o que está a nossa frente, ao alcance de nossos sentidos e de nossa experimentação” (RECLUS, 1903a, p. 65, tradução nossa). Deixemos as respostas concluídas, histórias prontas e acabadas que os livros trazem, para uma outra ocasião, posterior à observação contemplativa. Comecemos por ver!

“É preciso que o estudo direto da natureza e a contemplação de seus fenômenos tornem-se para todo homem completo um dos elementos primordiais da educação” (RECLUS, 1866, p. 380, tradução nossa).

Em resumo, a tese da Natureza como mediadora, acena que o Homem reconheça que dela faz parte; eduque-se, isto é, humanize-se em uma relação estreita com essa unidade. O embate, Natureza-Homem, só pode ser carregado por um viés de *responsabilidade*, do Homem, visto que de uma forma ou de outra atua sobre si mesmo e sobre seu porvir, individual e coletivo. Atuar sobre a Natureza, isto é, qualquer ato, implica necessariamente, dizer a que rumos deseja percorrer. É na Natureza, então, que todas as possibilidades estão explícitas ou a se descobrir; e nela que todas as realizações são possíveis, especialmente aquelas além do imaginável!

O estudo direto, deve ser cuidadosamente avaliado e realizado no ensino da Geografia, no curso normal escolar.

Reclus, admite durante a semana de estudo escolar momentos dirigidos de descrição da Terra; o estudo da História universal e nacional, que a Geografia solicita de maneira indireta; e, de forma especial o contato com a Natureza, com o mundo circundante que envolve a escola (RECLUS, 1917). Aqui, serão oferecidas “as coisas, para depois se aprender os nomes”; uma evidente aproximação com o pensamento de Pestalozzi e Rousseau.

Qual seria o papel do professor de Geografia nessa tarefa?

Em carta a M. Gérando (enviada de Vevey; 11 de Janeiro de 1877), escreve Reclus: “[...] a grande arte do professor, tanto na Geografia como de qualquer outra ciência, consiste precisamente em saber mostrar tudo completamente e de vários pontos de vista, a fim de conservar sempre o espírito estimulado e facilitar incessantemente novas conquistas”

(RECLUS, 1911, t II, p. 183, tradução nossa). *Mostrar tudo completamente e de vários pontos de vista*, eis uma grande observação ao ensino.

Em carta à senhorita Gérando (Clarens, Suíça, 8 de outubro de 1881), Reclus escreve: “Deixe os livros nas mãos de crianças para os fatos brutos, inexoráveis, definitivos, tal a matemática e as nomenclaturas, mas os conceitos que devem fazer homens pulsantes e bons, é preciso os seguirmos em nós, é preciso viver” (RECLUS, 1911, t. II, p. 235, tradução nossa). A última citação de Reclus, com manifesta tendência em Pestalozzi e Rousseau, poderia nos suscitar o seguinte: os conceitos, os nomes das coisas, a relação dos fenômenos, aprendamos pouco a pouco, conforme a necessidade conflitiva que o mundo nos provoca. A aprendizagem, a educação deve se realizar por situações de embates e diálogos, com o mundo e os outros, que nos provoquem alguma experiência; dessa forma, nos conduza a uma postura redirecionada, espera-se, mais responsável, a cada novo acontecimento.

O contato com a realidade, que o ensino da Geografia exige, deve ser metódico e não apenas lançar os educandos para que observem, sem alguma preparação. Para Reclus. “[...] os passeios, e as excursões, em plena natureza, a grande educadora, devem ser numerosos e seriamente dirigidos” (RECLUS, 1917, p. 3, tradução nossa). O educando poderá “mirar”, as diferentes formações, acomodações, aparentes cristalizações e fenômenos da Natureza. “E que contrastes também nas transformações que o homem introduz na superfície da Terra” (RECLUS, 1917, p. 4, tradução nossa)!

Esses passeios (chamados de trabalho de campo, nos dias atuais), para Reclus, devem ser orientados pelo professor, que sempre deve recordar-se nessas atividades, das palavras de Herbert Spencer (1820-1903): “Deve dizer-se à criança o menos possível, e fazer-lo encontrar o máximo possível” (RECLUS, 1917, p. 4, tradução nossa).

Uma vez que analisa, que predominantemente, o ensino de seu período é apoiado em manuais que trazem o conhecimento concluído, pautado no uso da memória, Reclus faz críticas a esse modelo, que dificulta de se entender o conjunto dos fenômenos; tarefa essa, que o “ver a realidade” poderia ser mais provocativo e propositivo. Aponta:

Na escola, as lições tomam outro caráter e se fazem mais precisas em seu ensino; mas sobretudo aí está o perigo, por que os professores dispõem de manuais que diminuem a tarefa e que os dispensam de tirar a direção de sua própria essência. Por sua parte, as crianças, cuja memória recebe e guarda tão facilmente as impressões, se deixam impor sem protestar a recitação mnemônica de algumas linhas [...]: a lição de Geografia está feita [...]. Sem embargo, quanto em desacordo está tal método com o verdadeiro ensino, porque ela dispensa de todo esforço a inteligência, propriamente dita, e se limita a figurar palavras que se gravam nas dobras do cérebro, e que ocupam um local que poderia satisfazer mais proveitosamente o conhecimento real

das coisas. Eu me encontrei com crianças que, atravessando um rio, não tinham ideia alguma de que o nome dessa corrente de água, recitada na classe, tivesse a menor relação com a água corrente que fluía abaixo de seus pés. A memória sem o pensamento é uma coisa que degrada, que rebaixa o homem, o reduz a simples matéria bruta, com a rocha que está gravado seu nome. Não socorramos, pois, mais que moderadamente a memória e limitemo-nos a saber ver (RECLUS, 1917, p. 4, tradução nossa).

Para Reclus, nunca é cedo dar importância para o ensino da geografia; logo que a criança passa a frequentar a escola, deve ser iniciado. A primeira tarefa é trabalhar quanto à orientação espacial. Dito isso, para Reclus, “O professor se verá, pois, obrigado antes de tudo a exercitar-se com seus alunos, em ver em que meio se encontra a sala da escola e o espaço que ocupa; é um trabalho de Geografia que começa” (RECLUS, 1917, p. 5, tradução nossa).

É interessante analisar que essa preocupação com a orientação, como princípio do ensino geográfico, esteve presente desde os primeiros clássicos da Geografia. Vidal de La Blache, por exemplo, em artigo, intitulado, “A Geografia na escola primária”, irá concordar nesse ponto com Reclus, além de fazer a mesma crítica ao ensino pautado em memorização.

Alguns nomes nas cabeças das crianças, algumas noções indispensáveis para que o futuro soldado ou eleitor não pareça demasiado ignorante do seu país. Não é isso tudo o que no fundo, sugere à maior parte das pessoas o termo geografia? Deveria, penso eu, sugerir uma outra coisa distinta. Este ensino deveria servir para desenvolver e aclarar certas ideias no espírito das crianças, deveria associar-se as suas primeiras impressões e despertar nelas o espírito da observação [...]. Tão pouco tenho a ilusão de crer que a geografia possa aprender-se sem algum esforço de memória, esforço que, afinal de contas, a idade da criança torna fácil e que pode ser singularmente ajudado, além disso, pela contemplação dos mapas colocados permanentemente nas paredes das salas (VIDAL DE LA BLACHE, 1943, p. 18).

Registrado isso, o que nos interessa aqui é discutir um dos princípios da educação geográfica para Reclus, que é referente à *orientação*; ele traz notas de como realizar um ensino que provoque nos educandos a iniciar a compreensão espacial.

A orientação necessita aprender a “observar o meridiano”. Essa tarefa será realizável, através do estudo direto, que a criança pode empreender e verificar. Pelo estudo direto, “[...] comprovará de uma maneira geral que o sol “se levanta” em uma zona do horizonte, que cada dia varia debilmente e que “se põe” em outra zona, cujo ponto varia é igualmente pouco considerável” (RECLUS, 1917, p. 5, tradução nossa). Assim, a criança reconhecerá os dois lados opostos do contorno terrestre, o Oriente e o Ocidente. Isto já é muito, para Reclus, mas como reconhecer os elementos para poder representar o globo todo? Reclus apresenta sua proposição de como compreender os pontos cardeais a partir de um estudo direto.

Um vara reta plantada na terra [...] para mostrar a sombra no momento do dia [...]. Esta sombra está traçada precisamente no sentido do norte, se se habita no hemisfério setentrional, na direção do sul, se se vive no hemisfério oposto. O escolar que comprova a direção desta sombra, conhece assim uma das linhas fundamentais da geometria terrestre: a do meridiano, que une um polo ao outro polo. A construção de uma linha transversal que corta o meridiano em ângulo reto dará os outros dois pontos cardeais. A criança possui, pois, pelas medidas precisas os primeiro elementos do mapa. Adiante, saberá orientar todas as linhas traçadas na superfície terrestre (RECLUS, 1917, p. 5, tradução nossa).

Esse estudo direto será fundamental para a criança desenvolver, a posterior habilidade de elaborar mapas próprios, que se iniciam por revelar na escala da sala de aula. Aponta:

Estes primeiro estudos, que podem combinar-se com passeios e ainda com jogos, devem, sem embargo, fazer-se seriamente e com método, pois são o ponto de toda educação geográfica. Preparado com esses conhecimentos, o aluno pode já desenhar um mapa, é dizer, o plano da sala da classe; logo pode medir e situar um espaço maior, e finalmente, abordar toda uma extensão considerável, um campo com casa e granja, rios e caminhos, colinas e vales. Adquire assim o verdadeiro sentido das orientações, das distâncias, das posições relativas. Segundo os tamanhos do papel que utiliza para seu trabalho, afasta ou aproxima os diferentes pontos que aparecem em seu mapa, e se familiariza assim com um novo conhecimento de capital valor na ciência, aprende a determinar as proporções e a servir-se de escalas diferentes (RECLUS, 1917, p. 5, tradução nossa).

E o estudo direto, só pode ser realizado, indo para além das aulas em salas fechadas. “A visão da natureza e das obras humanas, a prática da vida, eis, portanto, os colégios onde se faz a verdadeira educação das sociedades contemporâneas” (RECLUS, 2002, p. 108). Eis um exemplo a partir das próprias palavras de Reclus, escritas em carta à sua mãe em 1856, quando se encontrava em Riohacha (Colômbia). Escreve que naquele lugar não possuía muitos livros que pudesse ler. Pergunta: “[...] e você acha que a minha inteligência, ávida de alguns bons livros, não encontrará algum alimento na contemplação da natureza, contemplação que logo se transformara em estudo” (RECLUS, 1911, t. I, p. 114, tradução nossa).

Para Reclus, devemos considerar que “[...] a natureza ambiente é uma imensa síntese que se apresenta a nós em todo seu infinito e não parte por parte, cabe a nós distinguir pouco a pouco os elementos diversos desse conjunto confuso em aparência” (RECLUS, 1911, t. II, p. 183, tradução nossa). Essa realidade complexa, confusa, sugere ao ensino: “É assim que a criança se serve de todos seus sentidos ao mesmo tempo, aprende pouco a pouco a reconhecer tudo que lhe rodeia” (RECLUS, 1911, t. II, p. 183, tradução nossa).

A realidade é uma imensa síntese, diz Reclus. Isso o levará a compreender a limitação de se trabalhar o ensino, ou a ciência, de uma forma isolada, sem apoio das diversas áreas do

saber. Quando Reclus trata do ensino da Geografia, alerta, que nenhuma área do saber pode ser concebida mediante se reconhecer o conjunto do qual faz parte. Aponta: “Seria, pois, aventurado querer traçar um plano de estudos geográficos sem ter em conta todas as outras disciplinas do ensino” (RECLUS, 1917, p. 3, tradução nossa). Aqui novamente Vidal de La Blache, concorda com Reclus. No artigo, “A concepção atual do ensino da Geografia”:

Mas é preciso tirar disso uma advertência, ao menos uma indicação. As questões que levantam o ensino da Geografia não devem ser consideradas somente nelas mesmas. É preciso considerar todas as partes do ensino. O papel escolar do ensino demanda ser organizado em conformidade e harmonia com todo ciclo de estudos (VIDAL DE LA BLACHE, 1905, p. 207, tradução nossa).

A Geografia, enquanto ciência, enquanto disciplina escolar e, principalmente enquanto saber, é uma forma de interpretar a realidade, mas não o suficiente para entender sua totalidade, não o suficiente para desvendar as possíveis contradições e propor novas formas de atuação. Todas as ciências, ou campos do saber, se propõem a verificar e atuar na mesma e única totalidade. Todas possuem sua parcela de ressignificação, de atuação, em um mesmo espaço, em uma mesma totalidade. O que as diferencia é o olhar lançado.

Reclus nos alerta para o quanto é importante ter largueza de concepções, diversos olhares de um mesmo fenômeno:

A geografia, considerada em seu sentido estrito e buscada de uma maneira exclusiva, é um dos estudos mais perigosos. Por sinal, qual é a ciência que não se possa endurecer, dessecar, privar de toda seiva, reduzir a nada quando se estuda isoladamente, sem amplitude de espírito, sem largueza de concepções? Todo saber humano deve ter sua parcela da humanidade. Seria melhor não ter aprendido nada e conservar sua inteligência livre, pronta a receber impressões completamente novas, do que encher a cabeça de um imenso recipiente sem responder a qualquer ideia. O que nos importam os nomes e mais ainda os nomes das cidades, vilas, aldeias, povos e tribos? O que nos proporcionam os graus de longitude e latitude, as coordenadas astronômicas enumeradas às centenas e aos milhares, o entrecruzamento infinito das linhas oblíquas, paralelas ou normais ao meridiano? E com que desprezo deve-se ver essa caricatura da geografia que consiste em traçar barras diversamente coloridas pelos continentes ou, inclusive, pelas marés? A ciência, ao estudo da qual vos convido, é bem diferente. Certamente alojareis em vossa memória milhares e talvez milhões de fatos, mas vós os classificareis, vós os unireis em um corpo de conhecimentos refletido e justificado por uma preocupação mais elevada do que aquela dos nomes e dos números. A geografia, que não é absolutamente uma ciência em si mesma, liga-se a todas as ciências e serve-lhes de sólido ponto de apoio, de reservatório infinito para a produção dos fatos (RECLUS, 1894a, p. 4-5, tradução nossa).

Reclus é um geógrafo da práxis, sua Geografia acena a mudança (MOREIRA, 2011).

Ao lermos os textos de Reclus acerca do ensino da Geografia, identificamos um princípio essencial que deve ser trabalhado no ensino, para que se avenge a reconhecer e construir a relação de solidariedade humana. Esse princípio de nobre valor, revela-se de seu método, o comparativo. Podemos, dizer assim, que o ensino da Geografia Comparada, possui sua parcela de responsabilidade por contribuir na construção de uma educação que aproxime o Homem do princípio da solidariedade.

O ensino da Geografia Comparada aventa a reconhecer a cooperação, o apoio mútuo entre os diferentes sujeitos que fazem parte do mundo, isto é, a solidariedade como condição de humanização. Este princípio, Reclus vai encontrar sustentação em Piotr Kropotkin (1842-1921) (KROPOTKIN, 2009).

Kropotkin escreve em 1885, um artigo a pedido do geógrafo inglês Scott Keltie (1840-1927), sobre a educação geográfica de seu período. Tal artigo, que viria a se tornar uma espécie de manifesto da educação libertária em Geografia, recebe o título de “O que a Geografia deveria ser” (FERRETTI, 2013).

É importante aqui frisar alguns pressupostos do aludido artigo, porque são, em certa medida, ressonantes às ideias de Reclus.

Nesse texto, Kropotkin (1986) irá manifestar uma mesma consideração de geógrafos aqui já citados, como Reclus.

Realizaram-se pesquisas e descobriu-se, com estupor, que havíamos conseguido que esta ciência - a mais atrativa e sugestiva para as pessoas de todas as idades - resulte em nossas escolas como um dos temas mais áridos e carentes de significado. Nada interessa tanto às crianças como as viagens; e nada é mais árido e menos atrativo, em muitas escolas, que aquilo que nelas é batizado com o nome de Geografia (KROPOTKIN, 1986, p. 2).

A crítica acima exposta, por Kropotkin apresentada, será a mesma que Reclus dirige a um projeto de educação geográfica, apoiada em demasia na memorização.

O que nos interessa aqui, é quanto a Geografia comparada, que nitidamente é expressa nesse manifesto. Kropotkin, denuncia: “Nosso mercantilizado século parece haver entendido melhor a necessidade de uma reforma na medida em que foram colocadas em pauta os chamados interesses “práticos” da colonização e da guerra” (KROPOTKIN, 1986, p. 3). A crítica aqui evidente é a do uso da Geografia, aliás, da Geografia Comparada, para legitimar a dominação de uns povos sobre os outros. É assim, que o europeu aprende, naquele momento, que deve dominar “povos inferiores”. Nas palavras de Kropotkin:

A Geografia deve cumprir, também um serviço muito mais importante. Deve ensinar-nos, desde nossa mais tenra infância, que todos somos irmãos,

qualquer que seja a nossa nacionalidade. Nestes tempos de guerras, de ufanismos nacionais, de ódios e rivalidades entre nações habilmente alimentados por pessoas que perseguem seus próprios e egoísticos interesses, pessoais ou de classe, a Geografia deve ser - na medida em que a escola deve fazer algo para contrabalançar as influências hostis - um meio para anular esses estereótipos (prejudiciais) e criar outros sentimentos mais dignos e humanos. Deve mostrar que cada nacionalidade contribui com sua própria e indispensável pedra para o desenvolvimento geral da comunidade, e que somente pequenas frações de cada nação estão interessadas em manter os ódios e rivalidades nacionais [...]. Deve reforçar nas mentes das crianças que todas as nacionalidades são valiosas umas para as outras; que quaisquer que sejam as guerras que tenham ocorrido, subjaz sempre no fundo destas o mais míope dos egoísmos (KROPOTKIN, 1986, p. 5).

As palavras acima colocadas, ressoarão nas de Reclus. Um exemplo disso podemos ver, quando Reclus fez o prólogo de um livro de Geografia utilizado na Escola Moderna de Barcelona. Sua principal consideração nesse prólogo - “Noções de Geografia Física” -, é a seguinte: acena a importância de uma Geografia Comparada libertária, contra os interesses do Estado burguês:

Em efeito, a Geografia pode ensinar a criança russa, que há países cujos habitantes não obedecem ao czar da Santa Rússia, que aqui e ali estouram às vezes revoluções libertadoras e que certos loucos tem proclamado em alguma parte os Direitos dos Homens. Aos olhos destes loucos, entre os quais temos a satisfação de contar-nos, a Geografia é a ciência que demonstra a unidade perfeita do grande domínio terrestre e o absurdo das fronteiras (RECLUS, p. 32, 2014a).

O ensino da Geografia Comparada aventa a reconhecer a cooperação entre os diferentes sujeitos que fazem parte do mundo. Utilizando as palavras de Kropotkin, “Desde que se admita isso, a reforma da educação geográfica é imensa: consiste nada menos que na completa renovação da totalidade do sistema de ensino de nossas escolas (KROPOTKIN, 1986, p. 7).

Na realidade social atual, em que encaramos o outro, nossos semelhantes, com desconfiança, muitas vezes como “inimigo”, por vivermos em uma sociedade em que nos enfrentamos para conseguir sobrevivermos, a Geografia Comparada, poderia apontar outro caminho, e pela comparação de diferentes realidades, e formas de se relacionar, compreendermos o sentido de entender a “unidade da diversidade”. Cada um possui sua singularidade, mas é possível pensarmos em construir uma unidade, em que nos unamos enquanto humanidade.

Para sintetizar a discussão realizada até aqui no capítulo, em resumo, os princípios do ensino da Geografia divulgado por Élisée Reclus são:

a) a Natureza é o grande livro a ser lido; e o educando deve partir de uma interpretação ressignificada pela educação geográfica, ou de qualquer outra área do saber;

b) a observação (contemplativa) da realidade (*seconde nature*), e a experiência estética podem nos conduzir a uma responsabilização (individual e coletiva) maior diante da Natureza;

c) o ensino da Geografia Comparada, reconhece o apoio mútuo entre os diferentes sujeitos que fazem parte do mundo. Reconhece a relação ensino, Geografia, revolução, solidariedade.

Nesse momento final do capítulo, que começa a caminhar para um derradeiro verso, nos esforçamos, em argumentar, em compor algumas reflexões em torno da seguinte questão: é possível pensar os princípios da educação geográfica, divulgados na obra de Reclus em nosso ensino de Geografia contemporâneo? Quais são os limites para tal esforço? E sua ideia de Natureza, qual sua importância em nossa realidade?

Avançemos. Como entender a experiência estética; a ressignificação da relação Natureza-Homem; a Geografia Comparada, revelando a solidariedade como princípio capaz de projetar frentes de resistência social (contribuindo na formação de sujeitos que assumam responsabilidade individual e coletiva) que lutem pelo interesse público (da classe oprimida), em nosso ensino de geografia atual? É isso possível?

Essa discussão, embora pertinente, não podemos realizar, senão que incipientemente. A nossa condição, nossa experiência, não nos permite esboçar além de algumas poucas linhas; um esforço a ser continuado em outro momento.

Iniciamos com a seguinte questão: manifestamos o que assumimos por educação geográfica; qual sua intencionalidade? Não podemos nós educadores, professores de Geografia, nos esquivar dessa questão. Todo projeto de educação, pressupõe um projeto de sociedade: é para legitimar a reprodução da desigualdade social ou aproximar um projeto de sociedade emancipatório, um mundo mais humanizado?

A educação geográfica revela uma parcela de um processo; um saber que faz parte da formação do homem, não um fim em si mesma. Reclus, já nos disse, que todo saber deve ter sua parcela de humanidade; e mais que isso, cada área do saber é apenas, e tão somente, uma parcela do conhecimento.

Nossa intenção, de aventar reflexões acerca da educação geográfica, pode ser colocada em xeque, pelo fato de divagar por teorizações, sem experiências concretas. Ainda assim,

divulgamos nossa posição, seguramente ancorada em autores de nobre importância para a Geografia, como Élisée Reclus.

“A primeira pergunta que um geógrafo sempre faz sobre alguma coisa é: “Onde fica?” Projetando a localização de coisas ou pessoas no mapa, ele está revelando os padrões de sua distribuição” (BROEK, 1967, p. 107); a pergunta se amplia: por que fica ali e não aqui? Em resumo: *A Geografia, isso serve, em primeiro lugar para saber por que as coisas estão onde estão*. Essa questão - embora com outras palavras -, parece-nos, muito presente em ampla parcela da obra de Reclus, sendo que, à Geografia Comparada caberia procurar desvendar, ou mesmo, elucidar, os diferentes fenômenos, e relações, fruto da relação Natureza-Homem. A compreensão da distribuição (o por quê) e correlação das coisas (comparação), dos fenômenos, em seu conjunto, das realizações e acomodações, pode apontar possibilidades de reconhecermos novas frentes de resistência, diferentes caminhos que podemos assumir e, assim, começarmos a compreender diferentes possibilidades e realizações humanas no mundo.

A educação geográfica deve ter sua parcela de humanidade. Contribui na formação de uma concepção de Natureza que dada sociedade carrega, assim, deve ser responsável por discutir qual a nossa relação com a Natureza. A concepção de Natureza que um projeto de educação geográfica apoia, deve ser revisitada constantemente, para se avaliar quais os rumos que o mundo, fruto da relação Natureza-Homem, vem tomando. Pois, esse ou aquele projeto, não é fruto de ações neutras, senão que a intencionalidade de quem o discute, será sentida em várias direções.

Se a educação geográfica deve ter sua parcela de humanidade, tal tarefa passa, inevitavelmente, pela discussão de que precisa ser um trabalho coletivo, que envolva a comunidade e seus interesses, que nos humanize. Para nos sentirmos pertencentes a obras comuns, precisamos agir coletivamente, e mais que isso, aprender coletivamente a saber *onde* e *quando* agir. Aprender a nos apoiar mutuamente, colaborativamente em obras comuns. Em resumo: *A Geografia, isso serve, em segundo lugar, para saber (poder) (onde) agir*.

Propor um ensino de Geografia, preocupado em contribuir na formação de sujeitos que se sintam responsáveis pelo espaço e pelo tempo em que vivem, pode ser um objetivo a ser traçado. Assumindo as palavras de Brabant: “Se acena, não fazer dela [educando] um revoltado mas, ao contrário, um cidadão ligado à comunidade a que pertence” (BRABANT, 1976, p. 95, tradução nossa); ou ainda as palavras do professor Ariovaldo: “Integrar o educando no meio significa deixa-lo descobrir que pode tornar-se sujeito na história” (OLIVEIRA, 199a, p. 37); em resumo um sujeito pertencente ao mundo que faz parte.

Mas como construir um sujeito pertencente ao mundo?

Para Vitte “[...] a contemporaneidade exige uma nova imaginação geográfica, um novo sentido de pertencimento a um novo espaço, rico, complexo, mas que também não excomunga a tradição” (2014, p. 16). A perene releitura dos clássicos da Geografia se torna imprescindível, para nossa ciência, mas também para (re)pensarmos a possibilidade de seu ensino, um ensino que contribua em tal tarefa.

Continuando com as palavras de Vitte,

A questão agora, e que afeta atualmente a educação geográfica, é que o ver é o produto de uma sensibilização onde também participa o imaginário. O que significa dizer, a visibilidade da paisagem e a construção da espacialidade, é produzida por um impacto o qual seja, há um invisível no visível, daí a dificuldade em se construir uma visão geográfica das coisas e seus arranjos (VITTE, 2011, p. 60).

Tomamos como pressuposto, que o ensino - não somente de Geografia -, na realidade atual, apoiado na esfera da ciência, acaba por não reconhecer as diferentes formas de apreensão e interpretação do mundo. “Mais do que nunca precisamos da Imaginação, da Arte, da Estética, para potencializar a libertação do espaço e da sociedade frente o terror do capitalismo” (VITTE, 2011, p. 21). Admitir um ensino, em diálogo perene, com as infinitas possibilidades de se traduzir os fenômenos, as realizações humanas, pode nos conduzir a um relação mais próxima e pertencente ao mundo do qual fazemos parte e construímos.

Admitindo as palavras do professor Vitte,

De nossa parte, entendemos que um dos possíveis caminhos para a pesquisa e principalmente para se trabalhar com geografia escolar, é a *experiência estética*, que aliada a políticas, permite a sensibilização. Esta por sua vez deve ser um impulso da cultura e da experiência estética, onde o sentido e a liberdade, onde se realiza pela arte, que é a produção do sentido e da experiência da existência. Esse impulso estético, objetivo, prepara para a liberdade, realizando a descoberta do *em-si* e do *para-si*, ou seja, do cidadão. Os programas da sensibilização, seja ela político-territorial e ambiental devem ser guiados por uma regra filosófica, mediados pela estética capaz de gerar o sentido de liberdade e consciência, enquanto natureza consciente do mundo. Isso pode ser alcançado ao longo do tempo, a partir de uma reinvenção da política (VITTE, 2011, p. 64).

Entendermos o valor da educação estética, discutida na obra de autores como Schiller, posteriormente apropriada e divulgada por geógrafos como Humboldt e Reclus, ainda é um caminho a ser melhor percorrido por nós geógrafos e professores de Geografia. Considerarmos que a importância da educação estética pode ser provocativa quanto ao repensar nossa relação com o mundo. É ela que pode propor um equilíbrio entre razão e

emoção manifestada nas realizações humanas, individuais ou coletivas, revelando um pertencimento maior do sujeito à Natureza, ao mundo, do qual faz parte e constrói. A experiência estética, pode ser um elemento interessante, potencializador de novos repensares quanto ao ensino da Geografia, da educação geográfica...

Essas reflexões finais, são embrionárias; ainda assim, acreditamos não poderem ser ideias a se passarem despercebidas pelo crivo do leitor. E aquele desejo, que é possível de se reconhecer na obra de Reclus, de educarmos as gerações futuras se aproximando da educação estética, a fim de revelarmos a formação de sujeitos mais responsáveis e pertencentes (sentimento) ao mundo do qual fazem parte ainda nos parece um longo caminho a trilhar.

A educação, não apenas a geográfica, deve favorecer a associação dos sujeitos que compreendam sua parcela de responsabilidade; mas mais que isso, provocar aos que ainda não admitem sua importância, a reconhecer sua parcela na comunidade da qual faz parte. Ao nos sentirmos pertencentes ao mundo, ao vermos obras das quais colaboramos e fazemos parte, diante de nossos olhos, poderemos começar mais entusiasticamente a compreender a possibilidade de construir outros mundos possíveis; e quem sabe, lembrando das palavras de Reclus, como os cristais que se unem para formar o rio, nos unirmos para caminharmos numa mesma direção, mais humanizadora.

CONSIDERAÇÕES

Esta é, sobretudo, uma ocasião de crítica e de autocrítica. A autocrítica é - no caminho - a busca de revisão do caminho. A crítica é o próprio caminho, uma visão sempre a se renovar, do mundo, que espanta as imagens batidas e os conceitos surrados e propõe novas interpretações, novos métodos, novos temas. SANTOS (1992)

“Acordei nesta manhã para ver as coisas em suas maneiras engraçadas. Por que elas não são como costumavam ser até ontem?” (TULL, 1971)²¹. Por que tudo muda, tudo é móvel no Universo. Supomos, que isto já tenha sido dito.

“Como a inovação é permanente, todos os dias acordamos um pouco mais ignorantes e indefesos” (SANTOS, 1992, p. 100). A força da alienação - que legitima e perpetua a opressão - vem dessa posição política, mais tênue cômoda, convidativa, dos homens, que nos conduz a apenas conseguir identificar o que os separa e não o que os une. Como as contradições sociais acentuam-se, precisamos estar atentos e propor reflexões, para enfrentar ao menos resistir mais positivamente, senão estaremos a cada sopro mais indefesos, contra a classe que nos oprime. Precisamos estar alertas com o mundo que nos circunda. Não podemos negar a realidade que nossos olhos veem. Não se pode negar sua parcela de responsabilidade na construção do mundo. “A nossa responsabilidade é muito maior do que poderíamos supor, pois ela engaja a humanidade inteira” (SARTRE, 1987, p. 7). “Dê uma volta em torno de si mesmo” (NIRVANA, 1992)²²

Dito isto, começamos a fechar as ideias finais dessa dissertação.

O geógrafo Élisée Reclus, por nós avaliado nessa pesquisa, nos traz, com sua obra, algumas provocações que nos ajudam a pensar novas possibilidades de construção de mundo, novas formas de se pensar a educação geográfica, o ensino de Geografia.

Todavia, chegadas as derradeiras reflexões, observamos o seguinte: mais questões parecem ter surgido, do que ter respondido a nossa ideia inicial. Sim, a experiência estética e a Geografia Comparada, se revelaram como princípios da educação geográfica para Reclus. Ambos princípios, para o geógrafo, podem contribuir na formação de um sujeito mais

²¹ Trecho de música da banda inglesa Jethro Tull (1967-2014). Faixa presente no álbum *This Was* de 1968.

²² Trecho de música *Turnaround* da banda estadunidense Nirvana (1987-1994). Faixa presente no álbum *Hormoaning* de 1992.

pertencente e responsável pelo mundo do qual faz parte. Porém ainda é frágil nossa tentativa de frente à realidade do ensino de Geografia projetá-los.

Ainda assim, algumas considerações são possíveis de esboçar acerca do que viemos ao longo desse trabalho escrevendo.

O método de análise geográfica, que é possível se identificar na obra de Reclus, é o comparativo, a qual assim que propõe uma Geografia Comparada nitidamente influenciado por Karl Ritter. A tentativa de Reclus, é a partir das comparações, identificar e evidenciar o princípio humanizador do Homem, ao longo das gerações (tempo) e das diferentes regiões (espaço) da Terra. Princípio este posto, sendo a solidariedade, que para o geógrafo, é possível divulga-la e construí-la mais solidamente a partir da educação e da ciência que caminhem ao lado do interesse público. Para que isso seja possível, a liberdade individual (a soberania individual) precisa ser respeitada para que cada um possa se unir ao outro com interesses próximos, assim como as gotas de água se unem para formar o rio. Uma visão otimista e distante de nossa realidade, ainda assim, uma visão.

Ainda, a Geografia Comparada poderia mostrar diferentes experiências, exemplos de organizações sociais, onde essa solidariedade esteja melhor reconhecida, e assim, encontrarmos indícios de que caminhos seguir para alcançar tão almejada sociedade.

Quando à experiência estética, Reclus dá destaque à formação, à educação do Homem, por ela poder propor a constituição de sujeitos que se sintam responsáveis por suas ações individuais e coletivas. Tal discussão vai de encontro à sua ideia de Natureza, da qual o homem é parte. Para o geógrafo, nossa responsabilidade diante da Natureza, deve vir do fato fazermos parte dela. Destruí-la é autodestruição.

É dessa forma, que a mediação da educação geográfica para Reclus, mais que nas escolas, em salas fechadas, em livros e histórias já contadas, apesar de não negar sua importância, se encontra nas experiências na vida, no contato e contemplação da Natureza e na ação direta, provocativa e original com o mundo em que vivemos e construímos, afinal, como alerta Reclus, o Homem não deixa de ser Natureza.

O que foi dito anteriormente poderia nos indicar, ao menos e tese, a construção de uma educação geográfica, que proponha a construção de um sujeito que se sinta mais pertencente e responsável pelo mundo do qual faz parte, pela Natureza da qual faz parte, ao menos em tese.

As palavras, há décadas escritas por Élisée Reclus, podem provocar a repensar a atual relação com a Natureza, mas também nossa relação com nossos semelhantes.

Aproveitando o espaço, por nosso interesse pela poesia, como forma de expressão do conhecimento, editamos alguns versos do poeta Bertol Brecht que no poema *Da violência*

provoca: “Do rio que tudo arrasta se diz que é violento. Mas ninguém diz violentas as margens que o comprimem” (BRECHT, 2003, p. 73). Esse poético e provocativo trecho, converge para as palavras que Reclus disse há muito tempo, de que somos Natureza, ainda que com potencialidade diferencial. Não poderíamos deixar de mencionar um fragmento de uma obra de Fernando Pessoa, que muito tem a contribuir no que pulsa a repensar a ideia de Natureza, mas muito mais do que a ideia, a nossa relação com a Natureza e, portanto, conosco mesmos.

Não sou nem materialista nem deísta nem cousa nenhuma. Sou um homem que um dia ao abrir a janela, descobri esta cousa importantíssima: que a Natureza existe. Verifiquei que as árvores, os rios, as pedras são cousas que verdadeiramente existem. Nunca ninguém tinha pensado nisto.

Não pretendo ser mais que o maior poeta do mundo [...].

Sou mesmo o primeiro poeta que se lembrou de que a Natureza existe. Os outros poetas têm cantado a Natureza subordinando-a a eles, como se eles fossem Deus; eu canto a Natureza subordinando-me a ela, porque nada me indica que sou superior a ela, visto que ela me inclui, que nasço dela (PESSOA, 2005, p. 163).

Procuramos eleger os verbos que julgamos estar próximos do que é necessário aparecer nas considerações de uma pesquisa de mestrado. Não naquele tom de sintetizar o que viemos escrevendo até agora, mas de editar mais algumas linhas que nos provoquem novas interpretações, novas imagens a se renovar, como aparece na epígrafe que estreia essas considerações.

Temos um mundo a renovar!

O conhecimento solidário, a ciência ao lado do bem comum, não será nos oferecido. Essa possibilidade de mundo só pode ser conquistada. Esse processo de aprendizado colaborativo, responsabilidade da comunidade, pode ser realizável, na medida que o interesse público seja respeitado.

Admitimos que a ação direta pode esboçar alguma transformação da realidade, que a ação pode dinamitar as mazelas sociais. Ainda assim, de momento, escrevemos. O legado desse texto pretende mesmo o de ser algumas provocações, ideias a serem completadas, que animem, adiante, quiçá alguma experiência. “Então, sem pressa, eu começarei (continuarei) minha obra.”

“Vim a este mundo não, principalmente, para fazer dele um bom lugar para se viver, mas para viver nele, seja bom ou mau. Um homem não tem que fazer tudo, mas algo, e não é porque não pode fazer tudo que precisa fazer este algo de maneira errada” (THOREAU, 2013,

p. 27). Não nos esquivamos; esperamos construir outros mundos possíveis, pois, “O homem nasceu para viver, não para se preparar para viver” (PASTERNAK, 1959, p. 69).

Figura 4: Então eu começarei... continuarei minha obra...²³



Fonte: Moore; Lloyd (2006, p. 114)

²³ A figura acima, traz a face do personagem principal da história em quadrinhos “V de Vendetta”. Escrita por Alan Moore e desenhada por David Lloyd. O personagem acima colocado, de codinome “V” tem uma postura anarquista e procura no desenrolar da trama através da ação direta destruir o Estado, ou o que o representa.

REFERÊNCIAS

- ANDRADE, Manuel Correia. A Atualidade do pensamento de Élisée Reclus. In: RECLUS, Élisée. Textos selecionados. ANDRADE, M. C. (org.). *Élisée Reclus*. São Paulo: Ática, 1985.
- ARENDDT, Hannah. *A condição humana*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2005.
- BERNARDES, Nilo. “O pensamento geográfico tradicional”. *Revista Brasileira de Geografia*, Rio de Janeiro, IBGE, ano 44, n 3, p. 391-413, 1982.
- BRABANT, Jean-Michel. “Crise de la Géographie, crise de l'école”. *Hérodote*, n 2, 1976.
- BRASIL. Portaria nº 096, de 18 de julho de 2013. *Normas de implementação do PIBID*, Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência. CAPES, 2013.
- BRECHT, Bertolt. *Poemas 1913-1956*. São Paulo: Editora 34, 2003.
- BROEK, Jan. *Iniciação ao estudo da Geografia*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1967.
- CALLAI, Helena Copetti. O Emílio, de Rousseau: contribuições para o estudo do espaço e da Geografia. In: CASTELLAR, Sonia. *A educação geográfica*.
- CAMUS, Albert. “O pão e a liberdade”. *Revista da Biblioteca Terra Livre*, São Paulo, ano I, n 2, p. 76-82, 2014.
- CAMUS, Albert. *O homem revoltado*. Rio de Janeiro: Record, 2003.
- CARVALHO, Marcos Bernardino. *O que é Natureza?* São Paulo: Brasiliense, 1990.
- CODELLO, Francesco. *A boa educação, experiências libertárias e teorias anarquistas na Europa, de Godwin a Neill*. São Paulo: Imaginário, 2007.
- COMTE, Augusto. *Curso de filosofia positiva: Discurso preliminar sobre o conjunto do positivismo; Catecismo Positivista*. - 5ª ed. São Paulo: Nova Cultural, 1991.
- COSTA, Emílio. *Élisée Reclus - uma figura moral*. Lisboa: Seara Nova, 1933.
- CREAGH, Ronald. O que é uma Geografia das liberdades? In: COÊLHO, P. A. (org.). *Élisée Reclus: e a Geografia das liberdades*. São Paulo: Imaginário: Expressão e Arte, 2011.
- CREAGH, Ronald. Reclus, ou a grande narrativa da Terra. In: RECLUS, Élisée. *Do sentimento da natureza nas sociedades modernas*. São Paulo: Imaginário, 2010.
- DE GREEF, Guillaume. *Eloges d'Élisée Reclus et de Kellès-Krauz*. Université Nouvelle de Bruxelles, Institut des Hautes Études: Société Coopérative, 1906.
- DUNBAR, Gary. “Elisée Reclus (1830-1905) un geògraf francès i un anarquista”. *Documents d'anàlisi Geogràfica*, 7, p. 141-148, 1985.
- FERRETTI, Federico. “Geografia, educação libertária e escola pública: um programa de emancipação através do saber”. *Élisée*, UEG - Anápolis, v.2, n 2, p.09-24, 2013.
- FERRETTI, Federico. *L'Occidente di Élisée Reclus: l'invenzione dell'Europa nella Nouvelle Géographie Universelle (1876-1894)*. Tesi. Università di Bologna - Paris 1, Sorbonne, 2011.

- FERRETI, Federico; PELLETIER, Philippe. *L'Homme et la Terre, l'aboutissement d'une trilogie*. Manuscrito. França, 2014.
- FREINET, Célestin. *Para uma escola do povo*. São Paulo: Martins Fontes, 2001.
- FREIRE, Paulo. *Pedagogia do oprimido*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.
- GAGE, William. L. *The life of Karl Ritter. Late professor of geography in the University of Berlin*. New York: Charles Scribner, 1867.
- GASPARIN, João Luis. As ideias de Pestalozzi no Brasil. In: SOËTARD, Michel. *Johann Pestalozzi*. Recife: Fundação Joaquim Nabuco, Editora Massangana, 2010b.
- GIBLIN, Béatrice. *Eliseu Reclus - El Hombre y la Tierra: introducción y selección de textos por Béatrice Giblin*. México: Fondo de Cultura Económica, p. 13-93. 1986.
- GIROTTO, Eduardo Donizeti; RECH, Roberto Carlos. Educação e geografia em Élisée Reclus: presença e ausência nas diretrizes Curriculares de Geografia do Paraná. *Anais Colóquio Internacional: Élisée Reclus e a Geografia do Novo Mundo*. São Paulo, USP, 2011.
- GOETHE. Johann Wolfgang von. *Werther*. São Paulo: Abril Cultural, 1971.
- GORI, Pedro. “Biografia de Eliseo Reclus”. *Ciencia Social*, Buenos Aires, Año II, n 6, 1898.
- GUILLAUME, James. *Pestalozzi, étude biographique*. Paris: Hachette, 1890.
- GUIMPS, Roger de. *Pestalozzi, his life and work*. New York: D. Appleton and Company, 1890.
- GUINSBURG, J. O Romantismo. São Paulo: Perspectiva, 2002.
- HÉRISSON, F. *Pestalozzi élève de J-J Rousseau*. Paris: Delagrave, 1886.
- HERNANDO, Agustín. “La educación de un geógrafo: propuestas históricas de planes de estudio de Geografía en España”. In: *Revista de Geografía*. vol. XXIX. n 1, p. 37-67, 1995.
- HUMBOLDT, Alejandro. *Cosmos: ó ensayo de una descripción física del mundo*. Córdoba: Servicio de Publicaciones de la Universidad de Córdoba, 2 v, 2005.
- KANT, Immanuel. *Physische Geographie*. Ed. F. T. Rink, Königsberg, 1802.
- KANT, Immanuel. “Introdução a Geografia Física”. *GEOgraphia*, Ano IX, n 17, p. 121-129, 2007.
- KORINMAN, Michel. “Carl Ritter (1779-1859) Un des premiers grands géographes universitaires”. *Hérodote*, n 22, p. 129-148. 1981.
- KROPOTKIN, Piotr. *Ajuda mútua: um fator de evolução*, São Sebastião: A Senhora Editora, 2009.
- KROPOTKINE, Pierre. *La conquête du pain*. Deuxième édition. Paris: Tresse & Stock, 1892.
- KROPOTKIN, Piotr. “O que a Geografia deveria ser”. *Seleção de textos*. AGB, São Paulo, 1986.

- LACOSTE, Yves. “Géographicité et géopolitique: Élisée Reclus”. *Hérodote*, n 22, p. 14-55. 1981.
- LACOSTE, Yves. “Élisée Reclus: une très large conception de la géographicité et une bienveillante géopolitique”. *Hérodote*, Paris, n.117, p. 29-56. 2005.
- LACOSTE, Yves. *A Geografia: isso serve, em primeiro lugar, para fazer a guerra*. 3º Ed. Campinas: Papirus, 1993.
- LARROSSA, Jorge. Experiencia y alteridad en Educación. In: SKILIAR, Carlos; LARROSSA, Jorge (comp.). *Experiencia y alteridad en Educación*. 1ª Ed. Rosario, Argentina: Homo Sapiens Ediciones, 2009.
- LENOBLE, Robert. *História da idéia de Natureza*. Lisboa: Edições 70, 1969.
- LEVASSEUR, E. “Préface”. In: RECLUS, Onésime. *Géographie*. Paris: L. Mulo, 1873.
- MOORE, Alan; LLOYDE, David. *V de Vingança*, São Paulo: Vertigo Panini Comics, 2006.
- MOREIRA, Ruy. *O pensamento Geográfico Brasileiro*. As matrizes clássicas originárias. v 1. São Paulo: Contexto, 2011.
- NADIR. “Introdução”. In: RECLUS, Eliseo. *La Geografia ao servicio de la Vida*. Barcelona: Nadir, 1980.
- NIRVANA. Turnaround. Faixa 1. Álbum *Hormoaning*, Geffen Records, 1992.
- NOVALIS. *Pólen*. São Paulo: Iluminuras, 2001.
- OLIVEIRA, Ariovaldo. Situação e tendência da Geografia. In: OLIVEIRA, Ariovaldo Umbelino (org.). *Para onde vai o ensino de Geografia*. São Paulo: Contexto, 1998a.
- OLIVEIRA, Ariovaldo. Educação e ensino de Geografia na realidade brasileira. In: OLIVEIRA, A. (org.). *Para onde vai o ensino de Geografia*. São Paulo: Contexto, 1998b.
- PASTERNAK, Boris. *O Doutor Jivago*. Belo Horizonte: Itatiaia, 1959.
- PELLETIER, Philippe. A grande cidade entre barbárie e civilização em Élisée Reclus. In: COÊLHO, P. A. (org.). *Élisée Reclus: e a Geografia das liberdades*. São Paulo: Imaginári; Expressão & Arte. 2011a.
- PELLETIER, Philippe. Introdução. In: RECLUS, Élisée. *Anarquia pela educação*. São Paulo: Hedra, 2011b.
- PESSOA, Fernando. *Poesia completa de Alberto Caeiro*. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.
- PESTALOZZI, Johann. Textos selecionados. In: SOËTARD, Michel. *Johann Pestalozzi*. Recife: Fundação Joaquim Nabuco, Editora Massangana, 2010.
- PORTO-GONÇALVES, Carlos Walter. *A globalização da natureza e a natureza da globalização*. Rio de Janeiro: Editora Record, 2006.
- PORTO-GONÇALVES, Carlos Walter. *Os (des)caminhos do meio ambiente*. São Paulo: Contexto, 1990.

RECLUS, Élie. *Examen Religieux et Philosophique du Principe de L'autorité*. Thèse présentée à la Faculté de Théologie Protestante de Strasbourg. Strasbourg, 1851.

RECLUS, Élisée. Mémoire par Carl Ritter (préambule). In: RITTER, Carl. De la configuration des continents sur la surface du globe et de leurs fonctions dans l'histoire. *Revue Germanique*, 8, 1859.

RECLUS, Élisée. *Voyage à la Sierra-Nevada de Saint-Marthe - paysages de la nature tropicale*. Paris: Hachette, 1861.

RECLUS, Élisée. "De l'action humaine sur la géographie physique. L'homme et la nature". *Revue des Deux Mondes*, Bruxelles: H. Lemertin, Libraire Editeur, p. 762-771, 1864.

RECLUS, Élisée. "Du sentiment de la nature dans les sociétés modernes", *Revue des Deux Mondes*, t. 63, p. 352-381, 1866.

RECLUS, Élisée. *La Terre: description des phénomènes de la vie du globe*. Vol. 1. Les continents. Paris: Hachette, 1868.

RECLUS, Élisée. *La Terre: description des phénomènes de la vie du globe*. Vol. 2. L'ocean. L'atmosphères. La vie. Paris: Hachette, 1869a.

RECLUS, Élisée. *Histoire d'un ruisseau*. Paris: Hetzel, 1869b.

RECLUS, Élisée. *Nouvelle Géographie Universelle*. Tome I, Paris: Hachette, 1876.

RECLUS, Élisée. *Histoire d'une montagne*. Paris: Hetzel, 1880.

RECLUS, Élisée. *L'Avenir de nos enfants*. Lille: C. Lagache, 1886.

RECLUS, Élisée. "Pourquoi sommes-nous anarchistes?" *La société Nouvelle*. Paris, p. 153-155, 1889.

RECLUS, Élisée. "Leçon d'ouverture du cours de géographie comparée dans l'espace et dans le temps". *Revue des Deux Mondes*, 1894a.

RECLUS, Élisée. *Nouvelle Géographie Universelle*. Tome XIX, Paris: Hachette, 1894b.

RECLUS, Élisée. Quelques mots d'histoire. *La Société Nouvelle*. Paris; Bruxelles. Année 10, CXIX, p. 489-494. 1894c.

RECLUS, Élisée. "L'Enseignement de la Géographie", *Bulletin de la Société Belge d'Astronomie*, n° 11, p. 5-11, 1903a.

RECLUS, Élisée. Carta a sr. Ferrer Guardia. *Boletín de la Escuela Moderna, Barcelona*, n 6, año II, p. 65-68, Marzo de 1903b.

RECLUS, Élisée. *L'homme et la Terre*. Paris, Librairie universelle, 6 vol, 1905-1908.

RECLUS, Élisée. *El Hombre y la Tierra*. Barcelona, Casa Editorial Maucci, seis tomos, 1906.

RECLUS, Élisée. *Correspondance*. T. I et II (1911), Paris, Schleicher Frères, éd. par Louise Dumesnil; t III (1925), Paris, Alfred Costes, éd. par Paul Reclus.

RECLUS, Élisée. "La enseñanza de la Geografía". *Boletín de la Institución Libre de Enseñanza*, Año XLI, n 682, p. 3-8, 1917.

- RECLUS, Élisée. “Tudo Muda”. *Boletim da Escola Moderna*. São Paulo, Ano I, n 3-4, 1919.
- RECLUS, Élisée. [Trechos de conversa de Reclus com sua filha]. In: RYNER, Han. “Como murio Eliseo Reclus”. Barcelona, *La Revista Blanca*, Ano VII, n 173, p. 97-100, 1930.
- RECLUS, Élisée. Como falava um sábio. *A Plebe*, São Paulo, Nova fase, nº 40, 1933.
- RECLUS, Élisée. Discours sur l’Education. In: RECLUS, Paul. *Les Frères Élie & Élisée Reclus, ou du Protestantisme à l’Anarchisme*. Paris, Les Amis d’Élisée Reclus, 1964.
- RECLUS, Eliseo. *La Geografia ao servicio de la Vida*. Barcelona: Editorial 7 1/2, 1980.
- RECLUS, Élisée. Textos selecionados. ANDRADE, M. C. (org.). *Élisée Reclus*. São Paulo: Ática, 1985.
- RECLUS, Élisée. *A evolução, a revolução e o ideal anarquista*. São Paulo: Imaginário, 2002.
- RECLUS, Élisée. *Do sentimento da natureza nas sociedades modernas*. São Paulo: Imaginário, 2010.
- RECLUS, Élisée. *O homem e a terra - Educação*. São Paulo: Imaginário, 2010.
- RECLUS, Élisée. Prefácio a “Noções de geografia física”. In: RECLUS, É.; KROPOTKIN, P. *Escritos sobre educação e Geografia*, São Paulo: Biblioteca Terra Livre, 2014a.
- RECLUS, Élisée. Cartas de Reclus a Scott Keltie. (Anexo) In: FERRETTI, F; SKODA, A. “Os anarquistas à Sociedade Geográfica Real...Cartas de Élisée Reclus e Peter Kropotkin a John Scott Keltie (1882-1917)”. *Revista História UEG - Anápolis*, v 3, n 1, p. 213-255, 2014b.
- RECLUS, Paul. *Les Frères Élie & Élisée Reclus, ou du Protestantisme à l’Anarchisme*. Paris, Les Amis d’Élisée Reclus, 1964.
- RITTER, Carl. *Géographié Generale Comparée, ou Étude de la Terre*. Bruxelles: Societé Typographique Belge, 1838.
- RITTER, Carl. “De la configuration des continents sur la surface du globe et de leurs fonctions dans l’histoire”. *Revue Germanique*, 1859.
- RITTER, Carl. *Geographie Comparative*. Philadelphia: J. B. Lippincot & CO, 1865.
- RITTER, Carl. [Trechos de cartas de Ritter]. In: GAGE, William. L. *The life of Karl Ritter. Late professor of geography in the University of Berlin*. New York: Charles Scribner, 1867.
- RITTER, Carl. [Trechos de cartas de Ritter]. In: HÉRISSON, F. *Pestalozzi élève de J-J Rousseau*. Paris: Delagreve, 1886.
- ROUSSEAU, Jean-Jacques. *Emílio, ou, da educação*. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999.
- ROUSSEAU, Jean-Jacques. Textos selecionados. In: SOËTARD, Michel. *Jean-Jacques Rousseau*. Recife: Fundação Joaquim Nabuco, Editora Massangana, 2010a.
- ROUSSEAU, Jean-Jacques. *Devaneios do caminhante solitário*. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1995.
- RYNER, Han. “Como murio Eliseo Reclus”. Barcelona, *La Revista Blanca*, Ano VII, 2ª série, n 173, p. 97-100, 1930.

- SANTOS, Milton. "1992: a redescoberta da Natureza". *Estudos avançados*. 6 (14), São Paulo, USP, 1992.
- SARTRE, Jean Paul. O existencialismo é um humanismo; A imaginação; Questão de método. São Paulo: Nova Cultural, 1987.
- SCHELLING, Friedrich Von. *Obras escolhidas*. São Paulo: Nova Cultural, 1991.
- SCHELLING, Friedrich Von. *Aforismos para a Introdução à Filosofia da Natureza*. São Paulo: Loyola, 2010.
- SCHILLER, Friedrich. *A educação estética do homem numa série de cartas*. São Paulo: Iluminuras, 2002.
- SCHILLER, Friedrich. *Sobre a Educação Estética do ser Humano numa série de cartas e outros textos*. Lisboa: Imprensa Nacional casa da Moeda, 1993.
- SECCO, Lincoln. "Notas para a história editorial de O capital." *Novos Rumos*. Marília: UNESP, ano 17, n 37, 2002.
- SHAKESPEARE, Willian. *Macbeth*. São Paulo: Paz e Terra, 1997.
- SOBREIRA, Antonio. E. G. *Pedagogia Anarquista e ensino de Geografia: conquistando cotas de liberdade*. Tese de doutorado em Geografia. Presidente Prudente: UNESP, 2009.
- SOËTARD, Michel. *Jean-Jacques Rousseau*. Recife: Editora Massangana, 2010a.
- SOËTARD, Michel. *Johann Pestalozzi*. Recife: Editora Massangana, 2010b.
- SOUZA, Marcelo Lopes. *Os conceitos fundamentais da pesquisa sócio-espacial*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2013.
- THOREAU, Henry D. *A desobediência civil, e outros escritos*. Rio de Janeiro: Rocco, 1984.
- TULL, Jethro. *Sunshine Day*. *Single*. MGM Records, 1968.
- VICO, Giambattista. *Princípios de (uma) Ciência Nova*. São Paulo: Abril Cultural, 1979.
- VIDAL DE LA BLACHE, Paul. Le principe de la géographie générale. *Annales de Géographie*. t 5, n 20, p. 129-142, 1896.
- VIDAL DE LA BLACHE, Paul. Leçon d'ouverture du cours de géographie. *Annales de Géographie*. t 8, n 38, p. 97-109, 1899.
- VIDAL DE LA BLACHE, Paul. La conception actuelle de l'enseignement de la géographie. *Annales de Géographie*. t 14, n 75, p. 193-207, 1905.
- VIDAL DE LA BLACHE, Paul. A Geografia na escola primária. *Boletim do Conselho nacional de Geografia*. v. 1, n. 1, p. 18-24, 1943.
- VITTE, Antonio Carlos. *Por uma Geografia híbrida*. Curitiba, CRV, 2011.
- VITTE, Antonio Carlos (org.). *Kant, o Kantismo e a Geografia*. Curitiba, Appris, 2014.
- WHITMAN, Walt. *Folhas de Relva*. Edição bilíngue. São Paulo: Iluminuras, 2013.